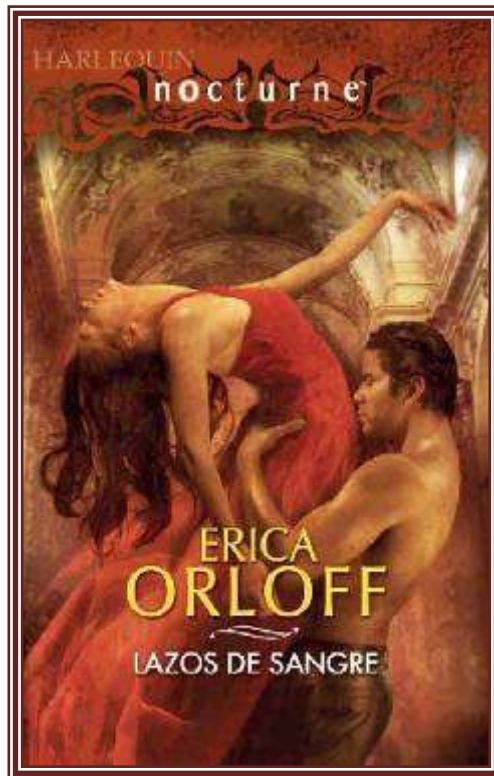




Laços de sangue

Erica Orloff

De repente o sobrenatural começou a governar sua vida.

Quando seu irmão David lhe enviou de Praga um crítico e preocupado email lhe pedindo ajuda, Elizabeth Martin começou uma busca por metade do mundo para salvá-lo e evitar que ficasse louca. Josef Darecky era um dhampir, o filho de um vampiro e uma humana. Era estranho e misterioso, e despertava em Elizabeth desejos que poderiam pôr em perigo sua missão, mas se tratava do único homem que podia ajudá-la a salvar seu irmão, que já tinha começado a converter-se num vampiro. Começou assim a criar-se uma conexão especial entre eles, e Elizabeth se deu conta de que só venceriam aos vampiros quando confiasse plenamente nele e, ao mesmo tempo, ganhasse sua confiança.

Disp em Esp: não tinha no arquivo

Envio do arquivo e formatação: Gisa

Revisão: Aurore

Revisão Final: Amanda E Laura

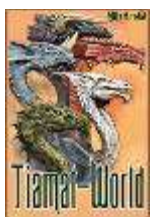
Tiamat - World

Comentário da Revisora Aurore: ele é mesmo ótimo, gostei muito da história. Espero que gostem também.

Comentário da Revisora Laura: Devo confessar que fiz o livrinho na marra. A autora demora demais pra engrenar, mas quando vai (lá pelo capítulo 18) até que fica bom.

Comentário da Revisora Amanda: Uma belíssima história de confiança, esperança e amor, e com cenas pra esquentar qualquer frioquinho rsrsrs.





Prólogo

Londres, 1972

Ela estava acostumada a despertá-lo com uma canção de ninar enquanto lhe acariciava seu encaracolado e escuro cabelo. Depois o vestia e o levava com ela ao trabalho. Tratava-se de uma antiga mansão de pedra perto do Hyde Park. Era a ama de chaves de um cavalheiro ancião.

Mas esse dia ia ser diferente. Despertou de repente. Compartilhava a habitação com seu filho e o primeiro que fez foi aproximar-se do berço, tomá-lo nos braços e deita-se no chão com ele.

—Josef —sussurrou com angústia —Tens que te esconder.

Ele esfregou os olhos com as mãos e se aferrou ao urso de pelúcia que sua mãe tinha lhe dado em seu terceiro aniversário, uma semana antes.

—Josef —insistiu ela com desespero —Aconteça o que acontecer, não saia daqui. Escute o que escutar, tampe os olhos e não saia. Não faça nada de ruído. Entende o que estou te dizendo?

Ele assentiu com a cabeça. Não compreendia o que lhe dizia, mas se dava conta de que ela estava aterrorizada e triste.

Abraçou-o com força e o beijou nas bochechas. Depois esfregou sua cara no seu encrespado cabelo.

—Meu pequeno... —disse sem poder afogar um soluço.

Levantou-o nos braços com um pouco de brutalidade e abriu a arca que tinha aos pés da cama. Fez um oco entre as mantas que ali guardava e o colocou ali, cobrindo-o com uma fina colcha. Antes de lhe tampar os olhos, fez-lhe um último gesto levando o dedo aos lábios.

—Tem que ficar calado. Aconteça o que acontecer, querida, aconteça o que acontecer.

Fechou a tampa e Josef ficou sumido na escuridão.

Assustado e sem poder deixar de tremer, abraçou as suas pernas dobradas e baixou a cabeça. Apertou os olhos com força.

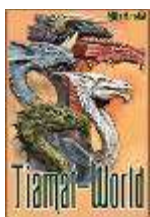
Ao princípio, quão único que podia escutar era sua própria respiração. E também escutava os batimentos de seu coração, golpeando-o no peito. Depois pôde ouvir ruído de cristais, como se alguém tivesse quebrado uma janela, e um som assobiante e ao mesmo tempo gutural. Era um som que recordaria sempre e que demorou anos para encontrar uma maneira de definir, um som úmido.

Escutou depois outros ruídos agudos e cortantes.

Não sabia então se provinham dela ou dos intrusos. Eram gritos e soube mais tarde que tinham sido eles.

Mas então a ouviu. Eram os alaridos quase desumanos de uma mulher sendo torturada. Escutou sua desesperada prece.

—Por favor, me ajude, Senhor, por favor... —gritou então sua mãe —Me mate já. Se me



quis alguma vez, me mate já. Senhor —acrescentou depois com maior desespero.

Depois disso, Josef só escutou sonoros sorvidos que pareciam proceder de animais. Também lhe chegaram suas tenebrosas gargalhadas.

Ouviu então passos no corredor, a porta do dormitório abrindo-se e alguém que levantava a tampa da arca. Ele seguiu com os olhos fechados e completamente imóveis.

Ouviram-se então sons de sereias que se aproximavam pela rua.

A tampa se fechou de repente.

Esperou durante bastante tempo sem abrir os olhos. Apesar de estar escondido entre mantas, estava morto de frio e o aroma de naftalina não o deixava respirar.

Abriu-se de novo a tampa da arca.

—Aqui está —gritou alguém—. É o menino!

Sentiu uns braços fortes que o tiravam dali.

—Sou detetive da polícia —sussurrou um homem—. Não abra os olhos, pequeno.

Sua voz era amável e cheirava a colônia. Mas não era o único aroma que lhe chegou, também reconheceu por toda parte o metálico aroma do sangue.

Sentiu os ombros do detetive tremendo um pouco, aferrou-se com força ao pescoço desse homem. Podia escutar outras vozes, a casa estava enchendo de agentes de polícia e também distinguiu o acento irlandês e a voz da senhora Burroughs da entrada da casa.

—Chama-se Josef —estava dizendo a alguém—. Pobre menino. Céu Santo! Virgem Maria, tenha piedade da alma dessa mulher...!

—Meu Deus! —gritou de repente outro dos agentes sem poder aguentar as náuseas.

Depois tudo ficou em silêncio. Havia um halo de respeito no ambiente e Josef só ouvia alguns sussurros. Sentiu que o olhavam com compaixão enquanto o detetive o tirava dali.

Começou a chorar. Sabia que algo mau estava acontecendo.

—Não olhe —lhe sussurrou de novo o detetive com a voz carregada de emoção.

Doíam-lhe os olhos de apertá-los. Levantou a cara e abriu um pouco um de seus olhos. O que viu fez que abrisse depois os dois de par em par. Era horrível.

A pequena habitação estava cheia de sangue por toda parte, o líquido vermelho salpicava as paredes. E ali estava ela. Sua mãe.

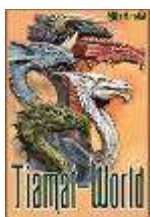
Ao menos o que ficava dela.

Durante o resto de sua vida, Josef não deixou nunca de lamentar ter aberto os olhos naquele momento, porque não podia pensar em sua mãe sem vê-la como estava então.

Só se livrava dessa terrível imagem em seus sonhos.

Capítulo 1

Praga, na atualidade



—Por favor, viu a pessoa desta foto? —perguntou Elizabeth Martin, enquanto mostrava uma foto de seu irmão gêmeo ao homem que tomava café frente a ela.

Ele não entendia seu idioma e ela não falava tcheco, assim, se limitou a assinalar a foto do David, com seu enorme e cálido sorriso, enquanto fingia com gestos que estava procurando algo ou a alguém.

O homem olhou com cuidado a foto e negou com a cabeça. Encolheu seus ombros e seguiu olhando a tela de seu computador portátil.

Elizabeth suspirou e olhou para o resto das pessoas que enchia o cybercafé a essa hora da tarde. O local estava perto da Ponte de São Carlos. Dali David tinha enviado seu email. Mas Praga era uma cidade cosmopolita, cheia de gente de todo o mundo. Havia, sobre tudo, alemães, austríacos, eslovacos e poloneses, os vizinhos mais próximos à República Tcheca. A seu redor, as pessoas falavam em tantos idiomas e dialetos que se sentiu mais isolada que nunca. Mas então ouviu uma voz que atraiu sua atenção, um homem falando em seu idioma. Deu a volta e viu um jovem com uma grande mochila às costas. Tinha uma barba ruiva pouco cuidada e falava com outro companheiro de viagem, um com um gorro de lã. Foi para eles.

—Perdoem que lhes incomode, mas é que ninguém me entende aqui —lhes disse —. Falam meu idioma?

—Sim, mas com um pouco de acento irlandês —lhe respondeu o do gorro com um sorriso.

—Estou procurando meu irmão. Passou por aqui faz umas duas semanas, ao menos acredito nisso. Mandou-me um email deste cybercafé —lhes explicou enquanto lhes mostrava a fotografia —O reconhecem?

—É David! Em que confusão se colocou agora? —Disse-lhe um dos jovens enquanto lhe oferecia a mão —. Olá, meu nome é Fin. Sente-se conosco.

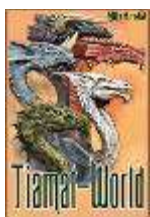
—Obrigado, sou Elizabeth Martin —disse ela enquanto se sentava também à mesa —. Não sabem quão preocupada estou. Quando o viram pela última vez?

O jovem acariciou a barba pensativo. —Faz umas três semanas. Não, Tom? —Comentou enquanto olhava a seu companheiro de viagem —Não parecia ele mesmo. Estava... Não sei, muito cansado. Deu-me a impressão de que possivelmente tivesse contraído alguma enfermidade. A gripe ou algo assim.

—Sério? —perguntou ela.

Ficou abstraída olhando a fotografia de seu irmão David. Saltava à vista que eram irmãos. Os dois tinham o mesmo cabelo quase negro, a pele pálida com bochechas rosadas e uns olhos entre azuis e cinzentos. Até tinham a mesma boca, com lábios cheios e muito marcados. Mas ela tinha algumas sardas ao redor do nariz e levava o cabelo muito comprido, quase até a cintura. David o levava sempre muito curto, quase rapado, e adornava sua orelha esquerda com um pequeno aro de ouro. Também levava uma tatuagem em seu antebraço esquerdo, o símbolo chinês do yin e yang. Apesar dessas diferenças, seus perfis eram quase idênticos. Os dois tinham o nariz reto e a mandíbula marcada.

—Parecia algo tremendo. Tinha estado viajando pela região de Liberec, além das pistas de



esqui que há nessas montanhas. Tinha estado no Karkonosze. E é janeiro, preciosa, não pode uma pessoa aventurar-se sozinho por essa zona nesta época do ano. Faz muito frio para viajar por ali. A verdade é que me surpreendeu que fizesse algo assim. Não entendo que foi até ali simplesmente para estar sozinho, nem sequer esquiou.

Elizabeth assentiu com a cabeça ao escutá-lo.

—Assim é David. Sempre vai contra corrente —lhes disse com preocupação—.Tenho que lhes perguntar algo. Deu-lhes a impressão de que tivesse tomado drogas?

Conteve o fôlego enquanto esperava que lhe dessem uma resposta. Não teria sido a primeira vez que David se deixava levar por esse tipo de vícios.

—Poderia ser, não estou seguro. O que posso te dizer é que estava muito pálido e magro. Mas não disse nada de drogas. Chegamos inclusive a compartilhar com ele um quarto em uma residência juvenil. Foi a noite antes de Natal. Não vi nada que me levasse a pensar que pudesse estar consumindo algo ilegal. Essa noite, limitamo-nos a tomar uma cerveja cada um. Nada mais.

—Obrigado. A verdade é que agradeço ter notícias dele.

—Disse-nos que voltava para essa zona, sabe? Não entendo por que lhe atrai tanto estar sozinho, mas suponho que isso é o que quer —lhe disse Finn—. Talvez quer encontrar a si mesmo ou algo assim.

—Sim, acredito que isso é o que lhe passa. Ao menos em parte —disse ela.

—Colocou-se em algum problema? —perguntou-lhe Tom.

—A verdade é que não sei, mas obrigado por tudo —lhes disse com um sorriso cansado—. Pelo menos agora sei que estive aqui. E também que estive nas montanhas. Estou tentando averiguar onde está.

—Eu adoraria poder te ajudar mais.

—Bom, obrigado de todos os modos. Alegra-me ao menos ter encontrado alguém que o viu. O email que me enviou... Não sei, a verdade é que não parecia ele. Estava muito estranho —lhes disse ela enquanto ficava em pé—. Não saberão onde se alojava nas montanhas, verdade?

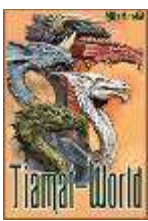
—Não —lhe disse Finn—. Mas há uma hospedaria perto do local onde nos disse que tinha estado. Está nas montanhas do Karkonosze e perto da fronteira com a Polônia: é a Estalagem do Espinheiro. É um dos poucos alojamentos que existem nessas montanhas onde ele esteve escalando. O mais seguro é que ficou ali para dormir alguma vez ou que ao menos o tenham visto passar.

Ela assentiu de novo.

—Aluga um carro e um motorista —lhe aconselhou Tom—. Não vá sozinha. A verdade é que poderíamos ir contigo, não te parece, Finn? Não temos nada que fazer nem seguimos nenhum plano. Só estamos vagabundeando um tempo pela Europa, evitando ter que nos converter em adultos responsáveis.

—Isso me soa bem —disse ela com um sorriso—. Mas não faz falta, obrigado. Contratarei alguém para que me leve.

Agradeceu aos dois jovens e saiu do cybercafé. Seu hotel estava do outro lado da Ponte de



São Carlos. Cruzou-o e ficou abstraída olhando a vista. Construído no século XIII, essa ponte era considerada um dos lugares mais românticos da Europa. Os turistas passeavam por ele sobre tudo ao entardecer. Dali se podia contemplar os telhados vermelhos de Praga, a cúpula verde da igreja de São Nicolas e outras torres que se elevavam por cima da pitoresca capital tcheca.

Era um local muito belo, mas se sentiu mais só que nunca. Tirou do bolso a mensagem que seu irmão tinha enviado. Tinha-o recebido na Universidade da Virginia, onde ela trabalhava como professora de História das Religiões. Tinha-o lido milhares de vezes.

Lizzie...

Estou metido em uma grande confusão. Por favor, necessito ajuda. Alguém está tentando me destruir. Sabe inclusive o que penso antes de pensá-lo. Veem me buscar. Não é uma loucura, trata-se de algo maléfico.

Sempre,

David

Acariciou o papel. Era já como uma espécie de talismã para ela, quão último tinha sabido de seu irmão. Recordou que, quando o recebeu, ficou branca e se levantou para fechar a porta de seu escritório. Tremiam-lhe as mãos enquanto esperava que saísse uma cópia da impressora. Essa noite o tinha lido dezenas de vezes.

A primeira coisa que fez foi tentar localizá-lo em seu celular. Não estavam acostumados a passar mais de uma semana sem se falar. Eram muito bons amigos e contavam-se tudo. Durante um par de dias, o telefone soava uma vez e depois se conectava diretamente a secretária eletrônica. Depois disso, só conseguia escutar, cada vez que chamava, uma voz que lhe dizia que esse número já não estava disponível.

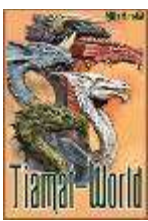
Não tinha podido contatar com o David, nem tinha recebido mais mensagens. Tudo o que tinha era sua imaginação.

Recordou algumas palavras de seu email. Seu irmão afirmava que alguém sabia o que pensava antes inclusive de que o pensasse.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que se colocou em algum tipo de seita religiosa. Era parte de seu trabalho conhecer bem as grandes religiões mundiais, mas também tinha estudado as milhares de seitas e cultos que existiam. Mas não acreditava que David se deixou levar por esse tipo de coisa, aquilo não teria sido normal nele.

Sua mãe tinha morrido em um acidente de carro quando eram só uns meninos. Não recordavam nada dela. E seu pai se suicidou dezessete anos mais tarde, deixando-se levar ao fim pela loucura que tinha acabado por sufocar sua grande inteligência. Tinha trabalhado como professor de Matemática em muitas universidades. Sempre estava trocando de cidade e de trabalho por culpa de seus ataques maníacos, mas tinha muito talento para resolver fórmulas em quatro dimensões para não encontrar trabalho.

Os gêmeos ficaram órfãos durante seu primeiro ano na universidade. A partir desse



momento, os dois se centraram em seus estudos e cada vez se uniram mais. Ela foi a Harvard e depois se doutorou no Rhodes. David também tinha ido a Harvard. Ali tinha estudado Literatura com a ideia de converter-se em escritor. Na universidade tinham compartilhado o mesmo círculo de amigos e inclusive saíram de férias juntos. Ser gêmeos os tinha unido muito, mas sobre tudo as tragédias familiares que tinham sofrido.

Ela tinha decidido desenvolver sua carreira no mundo acadêmico e conseguiu seu doutorado com vinte e sete anos. David, em troca, separou-se de seu rumo e se meteu no mundo das drogas. Dedicou-se a viajar e a gastar a herança de seus pais. Mas, fizesse o que fizesse e estivesse onde estivesse, o laço que os unia não se quebrou nunca. Elizabeth não podia acreditar que ele se deixou convencer em unir-se a algum tipo de seita.

Pensou em seu vício nas drogas, mas fazia anos que não as provava. Perguntou-se se teria ido a Amsterdam e se teria acabado mesclando-se com as pessoas menos adequadas, mas tampouco lhe convencia essa hipótese. Cada vez tinha estado escrevendo mais, tentando desenvolver-se como escritor, e tinha deixado de lado seus enganos do passado. Tinha completado trinta anos uns meses antes, e a Elizabeth tinha parecido então que estava muito centrado.

Só restava uma maneira de explicar sua conduta, uma possibilidade em que não queria nem pensar. Preocupava-lhe que tivesse algum tipo de enfermidade mental, embora nunca tinha mostrado nenhum sintoma. Os dois estiveram sempre muito pendentes um do outro, como acontecia com os filhos de pessoas com problemas mentais, alerta diante de qualquer problema de saúde que pudesse levá-los a pensar que tinham herdado a enfermidade. Mas isso nunca lhes tinha acontecido, ao menos até esse momento.

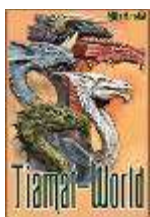
Não pôde pensar em nada mais até chegar a seu hotel. Falou então com o recepcionista para contratar um carro com motorista para o dia seguinte.

Estava esgotada e muito preocupada. Pediu um jantar simples, mas contundente, e foi trocar-se em seu dormitório. Subiram-lhe pouco depois à habitação, uma sopa e uns pasteizinhos salgados. Deu-se conta de que os tchecos adoravam os pasteis e que tinham de muitas classes distintas. Acompanhou o jantar com um bom vinho tinto. Comeu devagar enquanto lia um livro de São Tomás do Aquino. Tentava relaxar-se um pouco, mas não lhe serviu de nada. Não podia concentrar-se na leitura.

Pôs sua camisola e contemplou a vista da janela. A cidade já estava às escuras e era tão bela como em plena luz do dia.

Além do desaparecimento de David e da estranha mensagem que lhe tinha causado tanta preocupação, também lhe doía sentir-se sozinha. Precisava de companhia. Tinha saído com homens de vez em quando e inclusive lhe tinham pedido em matrimônio duas vezes. Mas estava segura de que nunca tinha chegado a apaixonar-se. Perguntava-se às vezes se sua inteligência seria seu principal impedimento, o que teria feito que se isolasse do resto do mundo.

Ou possivelmente tivesse medo de deixar-se levar por um amor passionai porque esse tipo de conduta irracional lhe recordava à enfermidade mental de seu pai.



Por um motivo ou outro, sentia saudades não ter ninguém em sua vida e se sentia muito só nesse país desconhecido e tão longe de sua casa.

Recordou então como havia se sentido quando tinha tido que lhes falar com seus namorados sobre seu pai. Tinha sido um gênio, uma pessoa muito especial. Não só tinha estado apaixonado pela Matemática, mas também pela Física Quântica. Fascinava-lhe tudo relacionado com esse tema, dos diminutos prótons até o Big Bang com o que explicavam a criação do universo. Seus jantares não eram os habituais em qualquer outra família.

David e ela debatiam cada noite sobre a existência de Deus, o nascimento do universo e outras teorias tão transcendentais como essas. Tinham aprendido muito cedo a defender seus pontos de vista. Seu pai valorava suas opiniões e as respeitava sempre e quando pudessem articular suas crenças de maneira clara. Mas não todos os dias eram assim de felizes.

Seu pai, o gênio, tinha um lado escuro. Quando estava mau, David e ela tentavam animá-lo e conseguir que visse além de sua depressão, mas a paranoia e a ira eram muito capitalistas. Ninguém entendia como podiam adorar a seu pai e temê-lo ao mesmo tempo. Só David sabia quão felizes tinham sido quando as coisas fossem bem.

Elizabeth sonhava encontrar algum dia a sua alma gêmea. Alguém que fosse um companheiro em todos os sentidos e que também fosse um estímulo intelectual para ela. Sentia falta dessas discussões com seu irmão e seu pai. Passavam os anos e tinha chegado a pensar que possivelmente tivesse expectativas pouco realistas.

Separou-se da janela e abriu a cama. Começava a sentir os efeitos do fuso horário. Meteu-se sob as colchas enquanto rezava. O fazia desde pequena. David e ela se educaram como católicos, embora sua fé tivesse fraquejado muito depois da morte de seu pai. Mesmo assim, não tinha deixado nunca de rezar a noite, era um costume muito enraizado para muda-lo. Acreditava que havia algo mais no meio do universo, embora não soubesse o quê.

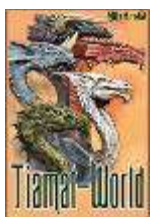
Não lhe custou nada dormir, foi como se uma negra e pesada cortina lhe cobrisse de repente a consciência, e não demorou em começar a sonhar.

Estava correndo no bosque porque a perseguiam. Os espinhos lhe arranharam a cara e rasgaram sua roupa. E seu cabelo se enganchava nos ramos. Tentava escapar das bestas que povoavam esse bosque. Podia ouvir agudos e tenebrosos uivos, não pareciam nem humanos nem animais. Notava que seu irmão estava ali, mas não podia alcançá-lo de maneira nenhuma. Na metade da noite, despertou suando e agarrando-se a garganta com as mãos. Não podia respirar.

Tossiu até que seus pulmões se recuperaram e pôde enchê-los com oxigênio. Tocou-se a frente e notou que tinha febre. Estava completamente empapada e lhe custava recuperar a respiração.

Sabia que Praga era famosa por seus problemas de contaminação no inverno. A neblina se mesclava com a poluição da cidade e era complicado respirar ali. Pensou que por isso estava tendo esses problemas para respirar.

Acendeu o abajur da mesinha de noite e se levantou para se servir um copo de água. Foi ao banheiro e acendeu o interruptor. Custou-lhe adaptar-se ao excesso de luz ali. Olhou-se no



espelho quando pôde por fim abrir os olhos. E então as viu.

Aproximou-se mais do espelho e olhou aterrorizada seu pescoço. Havia duas pequenas marcas vermelhas e sangrentas em sua garganta. As tocou com a mão e desapareceram. Deu-se conta de que as tinha imaginado. Tremendo, abriu a torneira de água fria e se lavou a cara para limpar-se um pouco.

Não era a primeira vez que se perguntava se David e ela estariam predestinados a cair no mesmo buraco negro no que tinha acabado seu pai.

Perguntou-se se David teria enlouquecido e se ela seria a seguinte.

Capítulo 2

Quando se levantou pela manhã, Elizabeth não pensou mais no que tinha passado essa noite. Estava convencida de que só tinha sido um pesadelo, nada mais. Fez a mala e desceu ao vestíbulo para pagar sua conta e esperar ao motorista que tinha contratado no dia anterior.

Dima era um russo encantador com a cabeça completamente barbeada, provavelmente para ocultar um grave problema de calvície. Parecia ter uns cinquenta anos e umas rugas muito profundas emolduravam seus olhos castanhos. Saudou-a com uma sentida reverência e depois lhe piscou um olho enquanto colocava sua mala no carro. Meteu-a no porta-malas de seu Mercedes negro enquanto ela terminava de pagar a fatura do hotel.

Disse-lhe depois que sua intenção era entrar nas montanhas próximas à fronteira polonesa até chegar a uma pequena estalagem no Karkonosze. Meteu-se na parte de trás do carro e se distraiu olhando a vista da janela enquanto atravessavam Praga. Saíram pouco depois para uma autoestrada em direção nordeste e o condutor acelerou o bastante. Podia ver montanhas nevadas ao longe.

—Não leva esquis —lhe comentou Dima algum tempo mais tarde.

—Não, não esquio. Bom, não esquio muito bem —lhe disse ela sem poder evitar que um sorriso cruzasse seu rosto.

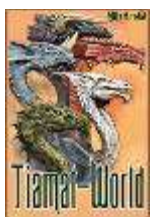
Recordou umas férias com seu pai em Vermont, quando David e ela aprenderam a esquiar. Elizabeth tinha passado mais tempo no chão que sobre os esquis.

—Esse local aonde vai... Está muito isolado. Vi-o no mapa. Não tem nada a ver com a Praga. É uma cidade preciosa, verdade?

—Sim, encantou-me Praga e espero voltar algum dia. Mas agora tenho que me concentrar em encontrar meu irmão. Não sei onde está, não estou segura. Mas me disseram que nessas montanhas é onde o viram pela última vez.

— Foi esquiar?

—Não, acredito que foi simplesmente conhecer essas montanhas a pé e com a mochila ao ombro.



—Será melhor que tome cuidado.

—Fá-lo-ei. Estou acostumada a viajar. Estudei em Londres e quando pequena estive vivendo um ano com meu pai e meu irmão em Cambridge.

—Não referia a isso, a não ser às pessoas das montanhas... Não estão acostumados que forasteiros os visitem. São muito supersticiosos. Limite-se a procurar seu irmão e vá embora assim que o encontrar. Uma mulher formosa como você deveria estar na cidade, com as pessoas e a cultura das cidades.

Viu que o homem a olhava pelo retrovisor com o cenho franzido.

—Terei muito cuidado, lhe prometo.

Fazia-lhe graça a preocupação desse homem que acabava de conhecer. Lhe falava como se fosse sua mãe, mas sem deixar por isso de paquerar um pouco com ela.

—E não saia sozinha de noite.

—Não o farei —disse ela tentando não rir.

—Contam histórias sobre essa zona que não sei se serão certas ou não... Dizem que algumas bestas selvagens saíam pelas noites.

—Prometo-lhe que ficarei em minha habitação com a porta fechada por dentro —disse ela com seriedade.

—Muito bem —disse o homem enquanto assentia com a cabeça.

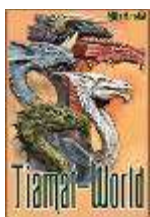
Apoiou a cabeça no respaldo e fechou os olhos. Pensou na noite que convenceu por fim seu irmão para que ficasse em tratamento. Foi durante o verão depois de licenciar-se na universidade. David tinha herdado o brilhantismo de seu pai. Bastava-lhe ir a classe para obter boas notas nos exames. Sua prodigiosa memória fotográfica lhe permitia fazê-lo sem ter que estudar. Podia tirar boas notas embora fosse ao exame sem haver-se recuperado por completo de uma noite de excessos.

No início, Elizabeth não se preocupou pelo que seu irmão fazia. Pensou que era normal que saísse um pouco nas festa durante seus anos na universidade. Ela não havia sentido a necessidade de fazer nada selvagem nem rebelar-se, mas eram distintos. Seu irmão sempre tinha sido muito mais extrovertido que ela.

Mas as coisas foram se complicando cada vez mais. Um dia foi à residência do David quando ele estava a ponto de licenciar-se e o encontrou adormecido. Não foi capaz de despertá-lo. Assustada, rebuscou em suas gavetas; sabia que não estava assim só pelo álcool, mas sim tinha que ter tomado algo mais forte. Não lhe custou encontrar bolsas com pastilhas.

O companheiro de habitação do David e ela conseguiram despertá-lo com muito esforço. Depois que passou os efeitos das drogas, deu-lhe vários cafés e falou com ele toda a noite, até que conseguiu que admitisse sua dependência. David lhe disse que era assim como conseguia se desfazer da dor. Gostava de penetrar nessa realidade paralela em que não havia problemas e em que seu pai seguia vivo.

Doía-lhe recordar esses duros momentos. Ele tinha sido sempre o mais forte dos dois, o



mais otimista, mas esse episódio lhe tinha servido para dar-se conta de que na realidade era muito frágil. Segundo o psicólogo do centro de desintoxicação em que esteve David, ela era a mais responsável dos dois irmãos. Elizabeth pensava que era verdade. Ela sempre tinha sido a que se encarregou de preparar o jantar, inclusive quando seu pai tinha estado tão metido em seus experimentos científicos que não era consciente da hora. Ela se assegurava de que a roupa estivesse limpa e engomada.

David ajudava um pouco. Fazia sua cama pelas manhãs e os deveres pela tarde. Fazia o café tal e como gostava a seu pai. E também lhe preparava o uísque segundo as preferências do professor.

Mas quase toda a responsabilidade tinha recaído sobre os ombros da Elizabeth. Inclusive foi ela a que teve que organizar o funeral de seu pai. David não teria suportado ter que fazê-lo.

Eram muitas as lembranças que tinha dessa época. E quase todas eram dolorosas.

A viagem estava sendo tranquila. Era um carro bom e seguro e não lhe custou relaxar-se. Tentou recordar momentos mais alegres.

David tinha ido visita-la um ano antes em Charlottesville. Decidiram então irem em excursão às montanhas Blue Ridge. Passaram todo o dia falando de mil coisas. Depois, quando desciam a montanha pela tarde, puderam contemplar juntos um espetacular entardecer. Tinha as cores desse céu gravados na memória.

—É como se estivéssemos em uma catedral, verdade? —tinha-lhe sussurrado David nesse instante.

Depois lhe havia dito umas palavras do John Fowles, seu autor preferido.

—De algum jeito misteriosa, os bosques nunca me pareceram algo estático. Em termos físicos, sou eu o que atravessa o bosque. Mas, em termos metafísicos, dá-me a impressão de que é o bosque o que me atravessa —tinha acrescentado então David enquanto a agarrava pela mão.

Ficaram calados e quietos contemplando a extraordinária beleza da paisagem. E não desceram da montanha até que desapareceu no horizonte a última franja laranja.

Com essa bela lembrança na mente, Elizabeth fechou os olhos e foi ficando sonolenta. Seguia cansada. Os pesadelos não a tinham deixado descansar a noite anterior.

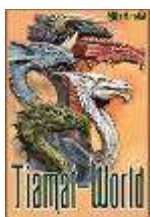
A sesta foi tão longa que quando despertou estavam a ponto de chegar à Estalagem do Espinheiro. Esfregou os olhos para limpar-se e olhou a paisagem pela janela. Estavam no meio de um bosque de altas árvores e impressionantes montanhas. Logo que chegava a luz do sol a essa zona do bosque e isso lhe dava um ar lúgubre.

Foram por uma estreita estrada de montanha desprotegida aos lados e Dima virou pouco depois para entrar em um caminho que nem sequer estava pavimentado.

—Eu não gosto deste local —comentou o condutor.

—Seguro que não está tão mal —disse ela enquanto rodeavam a estalagem e se metiam no estacionamento.

Saiu do carro. Era um pequeno hotel de dois níveis e construído em pedra cinza. Não era tal e como o tinha imaginado. Parecia uma inóspita fortaleza medieval em vez de um acolhedor hotel



rural. Tinha um telhado de piçarra com gárgulas que a vigiavam das alturas.

—Parece quase um monastério, não lhe parece? —comentou a Dima enquanto assinalava umas grotescas figuras de pedra.

O homem assentiu com a cabeça e se benzeu. Depois abriu o porta-malas e tirou sua mala.

—Tem meu cartão —lhe sussurrou enquanto fossem para a porta—. me chame se quer retornar a Praga. Virei a procurá-la em seguida.

—Obrigado —lhe disse ela enquanto tocava o timbre.

Abriu-se a grande porta de madeira uns segundos depois.

—Olá —saudou ela com um sorriso.

—Sim? —disse uma mulher gordinha e baixa.

Levava uma simples bata que estava desgastada pelo uso. Seu cabelo, cinza e áspero, tinha-o recolhido debaixo de um lenço quadriculado. Viu que os recebia com uma vassoura na mão. Apesar de não ser já uma moça, tinha poucas rugas na cara, mais nas mãos. Calculou que rondaria os setenta anos.

—Necessito uma habitação —lhe disse ela.

—Para os dois? —perguntou a mulher olhando a Dima com suspicacia.

Falava seu idioma, mas com um forte acento.

—Não, só para mim.

A mulher assentiu com a cabeça.

—Muito bem, entre.

Dima e ela entraram no vestíbulo e Elizabeth se despediu então do condutor com um abraço.

—Recorde o que lhe hei dito —lhe advertiu o homem—. Não saia de noite. Fecha-se em sua habitação.

Assentiu e ficou olhando Dima enquanto saía dali e se metia no carro.

Depois se aproximou do mostrador. Sobre ele havia um enorme livro de pele aberto. Havia várias assinaturas de clientes e a mulher lhe pediu que escrevesse a sua. Elizabeth ficou sem fôlego ao reconhecer a assinatura de seu irmão. Tinha-a deixado umas três semanas antes.

—Este nome... —disse-lhe assinalando o de seu irmão—. Se lembra dele?

Teria podido reconhecer sua letra em qualquer local. David era canhoto, igual a ela, mas sua letra era quase ilegível.

A mulher olhou a assinatura, mas não se alterou.

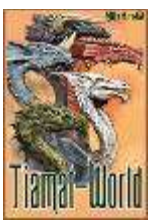
—Não —disse.

—Mas logo que teve hóspedes nestes dias —insistiu ela enquanto contava os clientes dessas semanas—. Seguro que se lembra dele. Tem o cabelo negro e os olhos claros. É magro e tem uma covinha na bochecha —adicionou ela—. Se parece muito a mim.

—Não —disse a mulher com firmeza.

Tinha apoiado a vassoura na parede e a olhava com os braços cruzados sobre o peito.

—Bom... Haverá outros empregados no hotel, não? —perguntou Elizabeth com esperança.



—Só meu marido. Eu me chamo Anna e ele, Zoltan.

—Poderia falar com ele?

—Não está aqui agora mesmo. Mais tarde. Possivelmente —disse a mulher com problemas para comunicar-se em outro idioma.

Elizabeth se deu conta de que não ia conseguir nada nesse momento. Decidiu não insistir mais, embora estava quase segura de que essa mulher sabia mais do que contava.

—Muito bem. Pode me dizer então qual é minha habitação?

A senhora a olhou com desconfiança uns segundos. Depois tomou uma chave de ferro.

—Venha.

Recolheu sua própria mala e seguiu a Anna escada acima. O balaústre era de madeira maciça e muito elaborada.

Decidiu tentar ganhar a confiança da mulher de outra maneira.

—Esta estalagem é preciosa. Eu adoro seu desenho arquitetônico e essas janelas...

Viu que uma das janelas tinha uma vidraça em que se representava uma espécie de arbusto ou sarça cheio de espinheiros.

—Claro! Por isso se chama Estalagem do Espinheiro, verdade? —disse-lhe.

A mulher assentiu e a olhou aos olhos.

—Este local era antes um convento.

—De verdade? Vá, é fascinante.

—Está situado sobre terras sagradas —acrescentou a mulher enquanto a olhava aos olhos.

—Seja como for, esse vitrô é uma maravilha —disse ela.

Seguiu-a por um comprido e escuro corredor. Retumbava em metade do silêncio da casa o ruído de seus saltos. A mulher abriu uma das portas quando chegaram ao final do corredor.

—O jantar se serve às oito. Seja pontual.

Elizabeth deixou a mala no chão e se virou para lhe fazer uma pergunta, mas Anna já tinha ido.

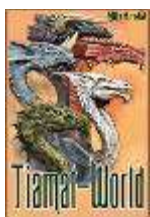
Olhou a habitação. Era austera e singela, como se imaginava que seria o quarto de uma monja. Havia um grande crucifixo de estanho pendurando sobre a cabeceira. O Cristo tinha uma cara mais agonizante do que o normal. Seu rosto se retorcia com tanta dor que lhe dava angústia olhá-lo.

E não havia nenhum outro adorno no quarto. Ele estava acostumado a era de pedra e não havia nenhum tapete. Os lençóis eram simples, de algodão branco. Fixou-se na cadeira de madeira e na cômoda. Não havia mais móveis. A um extremo do quarto havia uma estufa de carvão.

Nem televisão, nem telefone. Nem sequer um relógio com rádio.

A luz provinha de um abajur de querosene. Também havia algumas velas, mas nada mais. Deu-se conta de que não havia tomadas nas paredes nem interruptores. Não havia eletricidade.

Só tinha uma janela e era estreita e comprida. Era similar às das Igrejas, tinha cristais translúcidos. Foi abri-la e penetrou na habitação uma rajada de ar gelado. Dali se viam uns prados, uma pequena casa de pedra rodeada de espinheiros e as imensas montanhas que dominavam a



paisagem. Suas cúpulas eram tão elevadas que ficavam escondidas entre as nuvens.

Fechou a janela para não esfriar mais ainda a habitação e começou a desfazer sua mala.

Podia ficar na República Tcheca até metade do mês de janeiro, quando tinha que voltar a dar aulas. Tinha falado com o chefe de seu departamento, Martin Green, um grande amigo que no passado tinha sido algo mais. Tinha-lhe assegurado que podia tomar o tempo que necessitasse e que ele mesmo poderia encarregar-se de suas classes durante um tempo.

Elizabeth tinha levado consigo roupa suficiente para uns dez dias. Quase todo seu vestuário se compunha de calças jeans e abrigadas jérseis de gola alta. Só tinha levado um vestido negro para alguma ocasião mais elegante. Pendurou este no armário e deixou o resto de sua roupa na cômoda.

Decidiu dar uma volta por ali antes da hora do jantar.

Desceu ao vestíbulo sem poder deixar de admirar o delicado e complexo desenho da vidraça em que se representava o arbusto de espinheiro. Como professora de religião que era, sabia que o espinheiro tinha uma conotação fortemente religiosa. Recordava à coroa de espinheiros com a que Jesus tinha sido crucificado. Sabia que, durante a Idade Média, algumas pessoas acostumavam pendurar coroas de espinheiro sobre os berços de seus filhos. Acreditava-se que esse gesto serviria para protegê-los.

Não viu por nenhuma parte a ama de chaves, assim abriu a porta e saiu. Encontrou um caminho que levava até o bosque e se encaminhou por ali. Ia esmagando com suas botas a neve que acabava de cair. O ar era muito fresco e puro, não tão poluído como tinha estado em Praga. Respirou profundamente para oxigenar-se e conseguiu também animar-se um pouco mais.

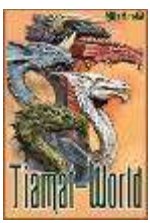
Viu um caminho que subia a uma colina e continuou por ali. Logo sentiu que lhe faltava o fôlego e pensou que era por culpa da altitude. Quando chegou ao topo da suave colina, deteve-se para olhar a paisagem, mas a espessa e baixa névoa a impediu.

A estalagem estava muito isolada do resto do mundo, metida em um vale entre altas montanhas, assim Elizabeth se disse que pouca gente chegaria até ali. O edifício estava tão perto dessas montanhas que qualquer avalanche de neve poderia enterrá-la.

Seguiu caminhando, tentando acalmar-se um pouco e não deixar que a preocupação que tinha conseguisse afligi-la por completo.

Em Charlottesville, onde vivia, tinha uma casa de pedra perto das montanhas Blue Ridge e gostava de passear por elas sempre que podia, fosse andando ou a cavalo. Sempre conseguia recuperar a calma quando estava em meio da natureza. Era algo que compartilhava com seu irmão. Por isso sempre foram de férias a algum local onde pudessem estar em contato com o meio natural, desfrutar das maravilhas do planeta. Recordou o ano que tinham ido juntos ao Alaska de navio, uma das melhores viagens de sua vida.

As preocupações foram desaparecendo a cada passo que dava. O sol se escondeu depois do horizonte, mas não foi consciente disso até que notou que começava a escurecer. Tinha perdido a noção do tempo. Começou a descer e foi então quando viu um homem que subia e ia para ela. Parecia furioso.



—Louca americana! Venha, de volta à estalagem! —gritou-lhe enquanto a agarrava com força pelo braço.

Ficou sem palavras. O homem devia ter uns setenta anos, era baixinho e forte. Pensou que seria Zoltan, o marido da Anna.

—Deve entrar na estalagem agora mesmo! Depressa!

Puxava com tal força dela e tão depressa que esteve a ponto de cair. Não entendia a atitude desse homem. Atribuiu-o a sua idade e ao feito de que vivessem tão isolados nessas duras montanhas. Mas recordou então o que o condutor lhe havia dito. Embora possivelmente essas histórias que lhe tinham contado não fossem mais que lendas.

O homem estava sendo tão brusco que lhe começou a doer o braço. Estavam a ponto de entrar na estalagem quando ouviu uma espécie de uivos procedentes do bosque.

— O que foi isso? —perguntou-lhe.

—São lobos. Entre.

Antes que entrasse por seu próprio pé, ele a empurrou e fechou a porta atrás dela.

—Não pode sair depois do anoitecer. É quando saem os lobos —lhe explicou o homem.

—De acordo. De acordo —disse ela.

Estava furiosa com a atitude dessa gente. Acreditava que estavam exagerando e lhe chateava estar ali colocada como se fosse uma prisioneira.

—Se me houvessem dito isso antes, não teria saído sozinha. Mas conseguiu me assustar ao me tratar dessa maneira tão brusca.

O homem ficou pensativo uns segundos.

—Muito bem —lhe disse depois—. Sou Zoltan.

—Elizabeth Martin —disse ela lhe oferecendo a mão.

O indivíduo aceitou sua mão e lhe sorriu com acanhamento.

—Sinto havê-la assustado.

—Não passa nada.

O homem suspirou. A Elizabeth deu a impressão de que queria lhe dizer algo. Depois se calou.

—É a irmã do americano, verdade? —disse-lhe ele uns segundos depois.

Suas palavras lhe deram novas esperanças.

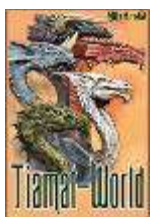
— Lembra-se dele?

Zoltan assentiu com a cabeça.

—Venha, comamos e bebamos. Depois lhe digo — lhe sugeriu com um pouco de dificuldade para expressar-se em outro idioma.

Seguiu-o por um escuro corredor. Alguns abajures de azeite pendurados na parede foram iluminando de vez em quando o caminho. Estava algo nervosa, era um ambiente do mais lúgubre. Chegaram pouco depois ao refeitório.

Havia uma grande mesa de carvalho para ao menos trinta comensais. As velas dos candelabros eram a única iluminação na sala. Fixou-se na baixela, parecia muito antiga, nos



utensílios de estanho e nas taças de cristal. Entrou Anna então com uma grande bandeja.

—Pasteis. Batatas. Pão de centeio. Manteiga. Bem? —disse a mulher de maneira telegráfica. Ela assentiu.

—A verdade é que não tinha me dado conta da fome que tenho. Mas, agora que posso cheirar o que preparou, estou desejando prová-lo tudo.

Embora Anna se mostrasse algo fria em seu recebimento, pareceu animar-se ao escutar a adulação de sua hospede. Deixou a bandeja sobre a mesa e deu uma palmada no braço de seu marido.

—Vê? Disse-te que ia gostar.

Zoltan assentiu e sorriu.

—Sempre tem razão, Anna. Já deveria sabê-lo depois de quarenta anos. Sempre tem razão — repetiu enquanto piscava o olho a Elizabeth.

—Assim eu gosto —disse Anna.

Sentaram-se os três e Zoltan fez um gesto a Elizabeth para que agachasse a cabeça. O homem benzeu a mesa em tcheco e depois se benzeu. Anna também o fez e Elizabeth os imitou.

—Agora, comamos —disse ele.

Anna lhe serve uma generosa porção de batatas e pasteis.

—Que suaves! — Exclamou Elizabeth depois das provar—. Estão muito bons.

Decidiu não voltar a lhes perguntar por seu irmão. Pressentia que, se os pressionava, eles voltariam a fechar-se em banda e não conseguiria averiguar nada. Tomaram vinho. Terminaram a primeira garrafa e tiraram outra mais. Algum tempo depois, Zoltan se deixou cair sobre o respaldo da cadeira e se esfregou o estômago. Parecia satisfeito.

—Esteve aqui —disse de repente—. Seu irmão.

Anna assentiu sem olhá-la à cara. Pensou que se sentia culpada por lhe haver mentido essa tarde.

— Estava bem? —perguntou-lhes Elizabeth com interesse.

O casal se olhou nos olhos. Depois ele falou.

—Acredito que não.

—Por favor, me digam tudo o que saibam — disse Elizabeth sem poder conter seus nervos.

Zoltan colocou as mãos sobre a mesa.

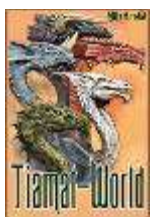
—Aqui...Aqui é onde as boas irmãs estavam acostumadas comer e acima é onde dormiam —disse assinalando para o teto—. Este é um lugar sagrado. Chegaram pela primeira vez faz mais de um século para assistir às pessoas que viviam isoladas nas aldeias desta zona. Faziam pão e tinham colmeias. Disso viviam. Também tinham um horta. Mas todas tinham feito voto de silêncio.

— Quando chegaram vocês?

—Quando se foram todas as monjas —sussurrou Anna.

—Verá. Foram morrendo quase todas por sua avançada idade. As poucas que ficaram acabaram acreditando nos aldeãos que lhes diziam que aqui havia vampiros —lhe disse Zoltan.

O homem parecia estar esperando que ela dissesse algo. Não entendia nada.



— Vampiros?

Seu trabalho a tinha posto em contato com todo tipo de religiões e superstições.

—Sim —disse Zoltan com segurança—. Os ouvimos e vimos o que fazem.

— E as monjas também acreditaram essas lendas?

Custava-lhe acreditar que umas religiosas católicas acreditassem em criaturas mitológicas. Isso teria ido contra a doutrina da Igreja.

—Sim, por isso há tantos espinheiros por aqui. São para matar aos vampiros. Para isso são as pontas de flecha, as estacas e as cruzes feitas de madeira de espinheiro, para tentar afugentá-los. Mas as monjas estavam prisioneiras neste local. Esta terra sagrada as protegia, mas os vampiros acabaram um inverno com seu fornecimento de comida. As religiosas estavam acostumadas prover-se com farinha e outros mantimentos antes que caíssem nevascas mais fortes. O vizinho da aldeia que estava acostumado a trazer essas coisas foi assassinado a sangue frio e os mantimentos foram destruídos. Assim ficaram sem nada para comer...

— Não puderam avisar a ninguém ou pedir ajuda?

Não acreditava em vampiros, mas parte da história lhe pareceu que podia ser real.

—Quando a madre superiora se foi para conseguir que as auxilhassem, foi assassinada também. Duas religiosas morreram pouco depois por culpa de sua idade ou da fome. Encontramos seus diários. O resto das monjas foram enviadas a outro convento e a casa ficou abandonada. Nós chegamos alguns anos depois e restauramos o edifício. Nascemos e crescemos nestas montanhas e não vamos permitir que os vampiros nos joguem daqui.

—Mas como sabem que há vampiros?

Tentava ser respeitosa com as crenças desse casal.

—Vimos animais ensanguentados no bosque —disse Anna.

—E muitas outras coisas —acrescentou Zoltan—. Seu irmão tinha duas marcas aqui —lhe disse enquanto se destacava o pescoço.

As palavras do ancião fizeram que Elizabeth ficasse sem fôlego. Recordou o sonho que tinha tido e a alucinação que a tinha levado a ver essas mesmas marcas em sua própria garganta. Embora não sabia nada dele, nem o que lhe podia ter passado, não tinha desfeito o laço que os unia. David era seu irmão gêmeo, sua outra metade.

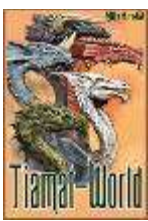
Recordou que quando pequenos tinham sua própria linguagem. Pensou na palavra que David tinha escrito como título de sua mensagem de email. Tinha escrito “Shakelpe”. Era sua própria palavra para pedir ajuda. Por isso estava segura de que seu irmão tinha escrito a mensagem.

—Então, onde está? por que se foi daqui?

—Os vampiros estavam perseguindo-o e atormentando-o. Levava semanas sem dormir. Foi daqui muito cedo para retornar a Praga. Mas suponho que já teria descoberto que não há maneira de livrar-se deles. Esses vampiros conseguirão que volte aqui.

— Não tornaram a vê-lo desde que se foi?

— Não, mas os ouvi nas montanhas.



— A quem?

— Aos lobos.

Estava-lhe custando aceitar o que lhe contavam sem mostrar seu cepticismo.

— Mas como podem saber que não se trata de lobos normais?

— Josef pode explicar-lhe.

— Josef? Quem é Josef?

— Nosso dhampir —disse Anna com a voz cheia de orgulho.

Elizabeth não entendia nada.

— Dhampir? Não se chama assim ao descendente de uma mãe humana e um pai vampiro?

— Assim é.

— E dizem que é seu dhampir? Querem dizer com isso que está aqui? — perguntou-lhes com incredulidade.

Imaginava que lhe estavam falando de alguma figura representativa que tivessem no jardim ou algo assim.

Anna assentiu com a cabeça.

— Sim, é nosso dhampir, é deste convento. Vive na casa do guarde.

— Essa cabana rodeada de espinheiros?

— Custa-lhe confiar nas pessoas —lhe explicou Zoltan—. Sofre muito.

—Sofre muito?

Os dois assentiram.

—Cuidamos dele —lhe explicou Anna—.E ele, em troca, protege-nos.

— Acreditam que quererá falar comigo?

Não acreditava em vampiros nem em dhampires, mas o que mais lhe importava era dar com o paradeiro de seu irmão e estava disposta a falar com qualquer que pudesse ajudá-la em sua busca.

—Não acredito. Mas sabe que você está aqui... Pode ser que consiga ganhar sua confiança, não sei —lhe disse Zoltan.

—Será melhor se nós falarmos com ele... —disse-lhe Anna a seu marido. —Pode...

—Por favor, façam-no, rogou ela—. Tentarei ir vê-lo amanhã.

—De acordo — lhe disse Zoltan.

Anna ficou em pé.

—Tenho bolo de passas e maçã.

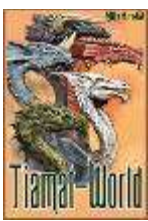
—Se não lhe importar, prová-lo-ei amanhã. Estou esgotada e acredito que o melhor será que me deite já.

—Muito bem. Descanse, querida —disse a mulher com amabilidade—. Poderá tomá-lo amanhã se este não o come tudo... Olhe que barriga tem!

Ficou em pé sem poder deixar de rir.

—Obrigada aos dois por tudo. E o jantar estava delicioso.

—Boa noite, Elizabeth —lhe disse Zoltan.



Saiu do refeitório com dor de cabeça. O vinho tinto era em parte culpado de seu estado. Por outro lado, tinha a sensação de ter sido transportada ao passado e de estar vivendo no século XV. Não podia acreditar que tivesse estado falando de vampiros com essas pessoas.

Subiu as escadas olhando a vidraça com os espinheiros. Pensou que o isolamento da comunidade de religiosas que tinha vivido ali tinha terminado por fazer que enlouquecessem.

O que lhe preocupava era que seu irmão se viu afetado pelo mesmo tipo de loucura.

Capítulo 3

Josef Darecky se ajoelhou frente ao pequeno altar em uma esquina de seu dormitório. Tinha uma simples mesa de madeira coberta com um pano de encaixe. Nela tinha uma foto de sua mãe, uma cruz e uma vela que sempre mantinha acesa.

—Me proteja, mãe —sussurrou enquanto se benzia com a cabeça inclinada.

Tomou em suas mãos o crucifixo de prata que pendurava de seu peito e o beijou.

Depois ficou devagar em pé. Tinha vivido sempre com um fogo no coração que o queimava por dentro. Sempre havia se sentido assim e sabia que o tinha provocado o assassinato de sua mãe. A forte dor que o atravessava era a maldição que lhe tinha deixado seu pai. Doíam-lhe os ossos tanto que logo que podia dormir pelas noites. Vivia em uma contínua agonia. Tinha investigado tudo o que tinha podido sobre o que lhe acontecia e sabia que os problemas de ossos eram comuns entre as vítimas de vampiros. Mas não tinha conseguido ainda dar com uma solução.

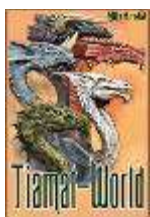
Anna o tinha tentado. Seus cataplasmas tinham conseguido aliviá-lo um pouco. Tinha viajado até Praga, onde um médico lhe tinha diagnosticado artrite nos ossos, outro fibromialgia e outro tinha querido lhe fazer análise para ver se padecia de lupus, uma enfermidade da pele. Mas ele sabia que não tinha nenhum desses maus. Tinha tentado melhorar sua situação com a medicina moderna, tinha provado seus analgésicos e opiáceos. Mas não lhe tinham servido de nada.

Sua dor era uma cruz difícil de suportar. Tinha aprendido a meter-se dentro de seu próprio corpo graças à meditação e à oração. Essas técnicas de controle tinham sido as únicas com as que conseguia melhorar um pouco.

Fechou os olhos como fazia sempre antes de sair para caçar. Imaginou-se livre de dor, correndo pelas montanhas com todos os nervos e todos os sentidos acordados. Viu-se depois tirando as flechas, as colocando em seu arco e acertando todas as presas às que disparava.

Abriu os olhos, tomou sua bolsa e baixou o arco que tinha pendurado na parede. Saiu depois da casa. A porta era mais baixa que ele e sempre tinha que agachar a cabeça. Afastou os arbustos de espinheiros e foi para a montanha.

Ouvia-os antes de que eles o ouvissem. Apesar da distância, seus sentidos estavam



treinados para ouvi-los. Recordou como seus pais adotivos estavam acostumados a enfaixar seus olhos e pôr algodões em seus ouvidos para que pudesse dormir pelas noites. Quando cresceu, acabou por aprender a isolar-se desses sons sem necessidade de ajuda externa.

Subiu por uma ladeira da montanha. Fazia muito frio. Ia vestido como um comando. Levava calças negras, um pulôver da mesma cor, um gorro também negro e manchou a cara com carvão. A lua desaparecia intermitentemente detrás de algumas nuvens. Ouviu um chiado e pôs-se a correr entre as árvores.

Chegou a um claro do bosque e os viu. Os lobos rodeavam dois corpos que estavam estendidos no chão. Estavam grunhindo e mostrando os dentes. Deu-se conta de que era já muito tarde. A vítima masculina já tinha fora as vísceras e todo seu corpo parecia pedaços. A mulher estava pálida como a neve em que estava estendida e não se movia. Era uma aldeã, acreditou reconhecê-la. Os lobos a rodearam sem deixar de grunhir. Quando Josef se aproximou um pouco mais, olharam-no ao unísono.

Com movimentos ágeis e bem treinados, tomou uma flecha, apontou e disparou a um dos lobos no peito. O animal ficou em pé sobre seus quartos traseiros como se estivesse preparado para atacar, mas caiu ao chão pouco depois e seu corpo se transformou de novo em vampiro. Josef pôde escutar o ruído de ossos e ligamentos ao converter-se em forma humana. A flecha que lhe tinha arrojado estava cravada em um torso parecido ao de um homem e havia sangue por toda parte.

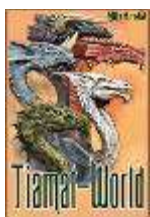
Os outros lobos se lançaram a ele por esse sangue. Josef tomou outra flecha e apontou. Essa vez deu a um lobo prateado em uma de suas patas traseiras. Reagiu uivando, mas não se transformou. Josef tinha aprendido que isso só ocorria quando acertava de pleno em seu coração.

Tirou outra flecha de sua bolsa enquanto avançava com rapidez. A fúria que o levava a atuar e a adrenalina que seu corpo produzia nessa situação de perigo eram os melhores analgésicos para sua própria dor. Logo, não sentia nada nesses instantes. Sabia que o lobo negro era o líder da manada, mas quase nunca saía com o resto dos lobos. Deu-se conta de que quase sempre retornava o grupo com restos da presa para levar-lhe a seu chefe, que os esperava em algum lugar escondido e escuro do bosque. Em um lugar tão afastado que ainda não tinha conseguido dar com ele.

Matou a um segundo lobo e depois a outro mais. Ficou então só um, que estava ferido em uma pata. O animal, apesar da claudicação, enfrentou a ele lhe mostrando os dentes e deixando que uma saliva escura caísse sobre a neve. O lobo tinha conseguido fortalecer-se ao beber o sangue dos vampiros que acabava de matar.

Estava tirando outra flecha mais de sua bolsa quando ouviu outro chiado justo detrás dele. Era a voz de uma mulher. O som lhe fez recordar o que tinha acontecido naquela longínqua noite em Londres, quando sua mãe foi assassinada. Não pôde evitar estremecer-se. Girou-se e reconheceu à mulher que estava na estalagem esses dias. Zoltan lhe tinha contado que era americana e que estava ali para encontrar a seu irmão.

— Volte para a estalagem! —Gritou-lhe de má maneira—. Que demônios faz aqui?



O lobo aproveitou que tinha girado a cabeça para equilibrar-se sobre ele. Atirou-o ao chão com força. O golpe contra a dura neve fez que uma forte onda de dor atravessasse seu corpo. Levantou o braço para proteger-se da besta.

Podia ouvir a mulher. Não deixava de gritar, parecia estar histérica. O lobo levantou a cabeça e grunhiu em direção à mulher, mas depois se concentrou de novo nele. A besta estava tão perto de sua garganta que Josef podia reconhecer o aroma de sangue em seu fôlego.

Aproveitou a distração do lobo para tirar seu facão. Empurrou-o com força para cima e o cravou nas costelas. Tirou-o e voltou para cravá-lo com mais firmeza. Soube que tinha conseguido atravessar seu coração quando o lobo começou a transformar-se em uma forma humana fria e pálida. Estava morto.

Apartou o corpo do vampiro como pôde e rodou para escapar. Respirou profundamente para tentar controlar sua dor e ficou em pé muito devagar. Recordou então à aldeã que tinha sido atacada pelos lobos. Foi correndo para ela, mas já era muito tarde. Tinha ainda os olhos abertos, olhando a uma lua que não tinha conseguido evitar sua morte. Sabia que alguém os descobriria à manhã seguinte e que qualquer deduziria que tinham sido atacados por animais selvagens. Os vampiros mortos desapareceriam assim que saísse o sol, convertidos para sempre em cinzas.

Furioso, olhou à irresponsável americana que se aproximou até ali.

— Por que me seguiu? —disse-lhe—. Poderiam havê-la matado. E sua estupidez poderia me haver causado a morte também !

Foi correndo para ela, que estava tremendo e não parecia poder deixar de chorar.

—Tenho-lhe feito uma pergunta —insistiu enquanto a agarrava pelos ombros—. Por que estava me seguindo? Acaso não lhe disse Zoltan que não devia sair da estalagem de noite? Acaso quer morrer?

A mulher negou com a cabeça e respirou profundamente. Depois se separou dele.

—Não, não quero morrer. Ouvi os uivos... Estava observando sua casa da janela de minha habitação. Vi que saía e pensei...

— O que é o que pensou? —grunhiu ele com impaciência.

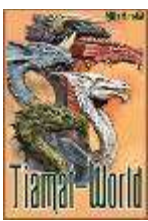
Era bastante mais alto que ela e Josef não pôde evitar fixar-se em seu rosto. Era tão bela como as mulheres que pintavam os artistas renascentistas. Estava quase conseguindo que sentisse lástima por ela, mas estava muito furioso para isso.

— O que é o que pensou? —repetiu em um tom um pouco mais suave.

—Pensei que possivelmente pudesse descobrir o que é de verdade, o que mantém tão assustados a Anna e Zoltan, que significado tem os espinheiros que há por toda parte... Hão-me dito que estas montanhas estão cheias de vampiros, mas não podia acreditar que... —disse-lhe enquanto olhava os corpos do homem e a mulher sobre a neve—. Temos que chamar à polícia... —acrescentou enquanto cobria angustiada os olhos.

Josef não pôde evitar rir para ouvi-la.

—Isso é impossível. Só há dois agentes de polícia para toda esta região. Um deles é um alcoólico que produz sua própria aguardente de batata na banheira de sua casa. O outro está



aliado com os vampiros.

Viu que ela tremia cada vez mais, possivelmente por culpa do frio e da comoção.

—Venha —lhe disse—. Tem que voltar para a estalagem.

Ela negou com a cabeça.

—Tenho que saber o que é o que aconteceu aqui. Não pode ser... Não pode ser o que diz que é. Nem o que Anna e Zoltan me contaram. Não pode ser...

Josef ouviu então um ramo que se rompia perto dali. Não gostava de estar de noite no bosque, sobre tudo se tinha que ocupar-se além de uma mulher que estava tendo um ataque de nervos.

—Venha —repetiu enquanto a puxava de volta à estalagem—. Mais depressa —insistiu ao notar que alguém os estava seguindo.

Estava furioso com ela. Parecia-lhe imprudente e irresponsável. Mas uma parte dele estava intrigado. Não era todos os dias que conhecia uma mulher capaz de viajar ao outro lado do mundo para encontrar a um irmão. E, menos ainda, tinha que aventurar-se em uma zona perigosa como aquela.

Ela tentava soltar-se sem muita sorte.

— Não podemos deixar ali seus corpos!

— As pessoas da aldeia os encontrarão pela manhã, quando é mais seguro sair ao bosque.

—Mas...

Josef não podia suportar mais essa situação.

—Olhe, não tem nem ideia do que estamos falando. Se quer acabar como essa mulher morta, adiante. Mas, se valorar algo sua vida, temos que voltar para a estalagem quanto antes. É terra sagrada.

Ela ficou olhando-o sem dizer nada. Fixou-se em seus olhos, eram de uma cor cinza pouco comum, quase transparente, e com um poder quase hipnótico sobre ele.

—De acordo —sussurrou ela.

Seguiu-o e desceram juntos a ladeira da montanha. Foram tão depressa que alguns ramos arranhavam de vez em quando suas caras, mas não havia tempo para ir com mais cuidado. Quando chegaram aos terrenos da estalagem, Josef separou os arbustos de espinheiros com a mão e chegaram até a porta de sua casa de pedra. Ainda a levava arranca-rabo pelo braço. Ouviram o uivo de um lobo a poucos metros de distância. Tinham-nos seguido até ali.

— Quer passar? —sugeriu-lhe ele—. Posso acender um fogo.

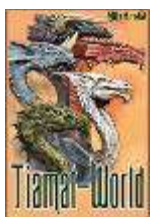
Pensou que tinha sido muito duro com ela e que podia ao menos lhe dar a pouca informação que tinha, mas lhe deu a impressão de que essa mulher não confiava nele.

—Não, vou voltar para a estalagem. Posso subir por onde saí, através da janela da despensa.

—Então, vá-se já —lhe disse enquanto soltava por fim seu braço.

Ela o olhou uma última vez antes de ir para a estalagem.

— Sabe onde está meu irmão? —perguntou-lhe. Ele não disse nada. — Está com eles? Com...? Com esses seres?



Tentou recordar como se sentiu ele quando descobriu o que tinha acontecido de verdade a sua mãe. Não tinha sido até muitos anos depois, quando por fim tinha podido entendê-lo tudo.

—Talvez —lhe disse.

Ela girou, mas se deu conta de que parecia cheia de força e decisão.

—Vou encontrá-lo. Esteja onde estiver. Nada nem ninguém poderá me deter —murmurou.

Josef a observou enquanto voltava para a estalagem. Sabia que essa mulher não podia compreender do que eram capazes os vampiros.

Capítulo 4

Elizabeth escutou alguém a chamando brandamente a sua porta à manhã seguinte. Saiu da cama e se aproximou nas pontas dos pés. O chão de pedra estava gelado. Logo que tinha podido dormir. Cada vez que fechava os olhos, podia ver a imagem de sangue empapando a branca neve. Perguntou-se se tudo teria sido um pesadelo ou possivelmente outra de suas alucinações. Não entendia o que estava acontecendo nesse lugar e não sabia se queria sabê-lo.

Abriu a porta e se encontrou com Anna. Levava uma bandeja carregada de bolachas caseiras e uma jarra que, pelo aroma, devia estar cheia de café recém feito.

— Anna! Muito obrigado — lhe disse com sincero agradecimento.

Estava morta de fome.

—Vai resfriar se caminhar descalça por estes chãos —Respondeu a mulher ao vê-la sem sapatilhas — Volte para a cama. Será agradável poder tomar o café da manhã aí.

—Não, não quero que se incomode.

—Não é nenhuma moléstia. Venha, me faça caso.

Deu-se conta de que essa mulher era tão teimosa como ela e que o melhor que podia fazer era obedecê-la. Voltou para a cama e se cobriu bem.

—Zoltan viu que alguém tirou a neve do batente da janela da despensa —lhe disse Anna, enquanto colocava a bandeja em seu regaço e lhe servia uma taça de café bem quente—. Como se alguém tivesse saído ontem à noite por ali — acrescentou levantando uma sobrancelha em sua direção.

Elizabeth tomou uma das bolachas e a provou.

— Está deliciosa!

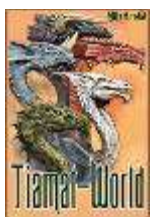
Decidiu ignorar o que a mulher lhe acabava de comentar.

—Ouvimos os lobos ontem à noite. É muito perigoso que saia de noite. Por favor, não o faça, permaneça na estalagem. Deixe que seja Josef que se encarregue dos vampiros.

Sacudiu a cabeça ao escutá-la.

—Anna, não pode acreditar-se em tudo isso assim, sem mais, verdade?

A mulher encolheu os ombros e foi até a estufa. Colocou um pouco mais de carvão para



conseguir esquentar a habitação.

—Pensará que sou uma mulher simples e que nunca saiu destas montanhas, que tudo isto são superstições, verdade? Seguro que acredita que sou uma analfabeta.

—Não, Anna. Não queria dizer isso —disse ela com preocupação.

A ultima coisa que queria era ferir os sentimentos dessa mulher que lhe estava brindando sua amizade.

—É que... Vi o que fizeram ontem à noite. Vi-o, mas não posso aceitá-lo — confessou então—. O entende? É muito forte para admitir que algo assim possa existir. Não me parece real.

A mulher assentiu com a cabeça.

—Entendo-o. Suponho que para mim foi mais fácil de aceitar. Eu vivi a Segunda Guerra Mundial. Era só uma menina, mas então vi o que os seres humanos eram capazes de fazer. Lembrança dos vagões de gado cheios de pessoas a caminho dos campos de concentração. Acredita de verdade que isso é menos cruel ou difícil de aceitar que o que fazem os vampiros?

Ficou calada ao escutar à anciã.

—Suponho que não. Nunca tinha pensado em tudo aquilo dessa maneira. Suponho que o que está acontecendo é minha própria mudança de paradigma... —murmurou pensativa.

Decidiu explicar-se melhor ao ver que Anna a olhava sem entender.

—Trata-se de uma mudança fundamental que faz que se transforme também o ponto de vista que temos das coisas.

—Tenho algo para você —lhe disse então Anna enquanto tirava algo amarelado de um bolso da bata—. Quando Zoltan e eu viemos a este convento, encontramos isto metido em uma Bíblia. Estava ainda aberto. A mãe superiora tinha estado escrevendo esta carta quando lhe surpreendeu a morte, e nunca pôde enviá-la. Quero que a leia porque pode a ajudar a compreender.

Elizabeth tomou a carta.

—Obrigado, terei muito cuidado com ela.

—Agora coma. Um café da manhã forte como este a manterá forte e evitará que contraia um resfriado depois da noite que passou —lhe disse Anna enquanto ia para a porta.

Chamou-a antes que saísse.

— Sim? —perguntou-lhe a mulher.

— O que é o que sabe do Josef? O que quero dizer é se conhece de verdade quem é e de onde vem.

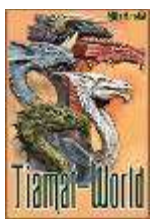
Notou que os olhos da Anna se enchiam de lágrimas.

—Será melhor que seja ele mesmo quem responda essas perguntas.

Elizabeth recordou então a força com que tinha agarrado seu braço para tirá-la do bosque e como tinha conseguido matar ao lobo com sua adaga. Tinha um poder sobrenatural, mas acreditava que havia algo mais, uma espécie de desconfiança e dor que levava anos arrastando.

—Muito bem, o perguntarei. Obrigado de novo —lhe disse.

—Descanse —respondeu Anna—. Se for falar com ele, quero que saiba que... Verá, eu sou uma mulher maior. Tenho mais anos do que se imagina. Farei setenta e seis em abril.



—Vá, tem um aspecto incrível —disse ela com surpresa.

—O trabalho duro e a comida eslovaca são uma boa combinação para manter-se jovem. Conseguem manter o coração são.

Sorriu ao escutá-la. Ela tinha apreciado a comida tcheca e eslovaca, mas duvidava muito de que todos esses pasteis e guisados gordurosos fossem bons para o coração.

—Em minha longa vida, conheci a homens bons, como Zoltan, e a homens maus, como os nazistas. Vi pessoas muito boas nestas montanhas e também o mal que faz o diabo na neve. Durante todos estes anos, nunca conheci a ninguém como Josef. É um homem forte, leal e muito honesto. Mais valente que qualquer soldado.

—Suas palavras são a melhor recomendação que pode receber alguém...

—Bom, Zoltan e eu o queremos como se fosse um filho —lhe disse a mulher enquanto saía da habitação e fechava a porta.

Elizabeth tomou um pouco de café. Fixou-se na taça. Era de porcelana branca decorada com espinheiros. A bolacha estava deliciosa.

Depois tomou-o sobre e tirou a carta com cuidado para lê-la.

Dezessete de janeiro de 1912

Querido Padre Petrochka:

Se algo me passasse, escrevo-lhe, querido amigo, para lhe falar de uma maldade difícil de descrever. Passei quarenta anos neste convento e o Maligno vai crescendo. Padre. Estamos aqui encerradas, sem possibilidade de viajar nem sair do convento. A neve nos apanha e as estradas estão cheias de demônios. A fome é nosso principal inimigo. A fome e algo mais, querido Padre.

Os que não morreram estão espreitando. Não temo já por minha vida, já vivi quase durante sessenta e sete anos. Mas me dá medo o futuro que possam correr as outras irmãs se eu morrer.

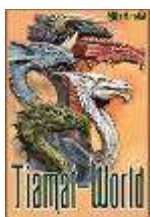
Sei que soa estranho, mas essas criaturas malignas vivem nestas montanhas. Rodeiam o convento cada noite e isso faz que não possamos sair daqui. Por sua culpa, já não nos chega comida da aldeia. Têm sede de sangue humano. Padre. Isto só pode ser a obra do próprio Satã.

Tenho que lhe fazer uma petição. Se chegasse a me converter em um deles, matame, por favor. Não mataria assim a esta fiel serva de Cristo, mas sim conseguiria liberar minha alma. Ate-me a uma forte árvore e me deixe ali até que amanheça. Sei que lhe soará estranho que uma mulher anciã como eu lhe fale de atrocidades semelhantes, mas lhe asseguro que tenho a Cristo como guia. Não deixo de rezar por nossa salvação.

Uma última coisa que não queria esquecer...

Elizabeth se estremeceu ao comprovar que a carta tinha ficado interrompida. Perguntou-se o que seria que aquela monja tinha estado a ponto de dizer a seu amigo sacerdote.

Dobrou cuidadosamente o papel enquanto pensava em Josef. Não sabia se devia acreditar em tudo o que estava vendo esses dias. Acreditava que assim poderia entender melhor o que tinha acontecido a seu irmão, mas também lhe assustava mais descobri-lo. Pensou em David.



Ela não acreditava ter a força de fazer a seu irmão gêmeo o que a madre superiora tinha pedido a seu amigo. Não pensava que pudesse chegar a matá-lo para liberá-lo se tinha sido capturado pelas criaturas que tinha visto a noite anterior nas montanhas.

Capítulo 5

Elizabeth ficou na cama e dormiu um pouco mais. Levantou-se ao meio-dia, tomou banho e se vestiu. Saiu depois de seu quarto e encontrou a biblioteca do convento. Ali esteve lendo livros sobre vampiros e um que encontrou sobre dhampires. Deu-se conta de que a coleção de livros que Zoltan e Anna tinham ali era muito incomum. Alguns dos exemplares estavam cheios de pó e pareciam muito antigos. Provavelmente tinham estado ali dos tempos do convento. Não pôde evitar sorrir ao pensar no que qualquer sacerdote que visitasse então às monjas pudesse ter pensado delas ao ver o que liam. Muitos estavam escritos em tcheco e eslovaco. Outros em alemão ou latim. Escolheu os que estavam em idiomas que entendia e foi aprendendo mais sobre o tema. Tentava dar com estudos ou evidências acadêmicas de algum tipo que pudessem demonstrar a existência real de vampiros ou dhampires, mas quase todos os casos que se descreviam nos livros estavam apoiados em superstições, rumores ou lendas.

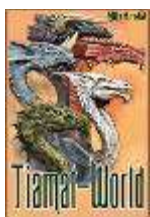
Apesar de tudo, conseguiu aprender um pouco mais sobre o tema. Deu-se conta de que as histórias de vampiros não se limitavam a Drácula e aos países do leste da Europa. Era comum encontrar histórias de vampiros na África que bebiam o sangue do gado. Eram um tema comum em muitas culturas de todo o mundo.

Tinham trocado muito as maneiras de acabarem com eles e também as formas que adotavam.

Os lobos eram uma das formas mais comuns, mas também os morcegos e os gatos negros. Dos dhampires diziam alguns autores que eram uma espécie de mercenários. Em um livro se dizia que não se podia confiar neles, que eram um pouco parecido a enganadores de feira. Fechou o livro nervosa. Não sabia o que acreditar. Podia confiar no que tinha visto com seus próprios olhos ou desdenhá-lo do puro conhecimento científico de que algo assim era impossível.

Não podia deixar de pensar no que Anna lhe havia dito sobre a Segunda guerra mundial. Como professora de História das Religiões, enfrentava-se frequentemente a estudantes que se opunham abertamente as formas organizadas de religião. Chegavam a sua classe para tentar encontrar respostas, mas ela não podia lhes oferecer nenhuma. Ela lhes ensinava tudo o que sabia das distintas religiões e crenças do ponto de vista acadêmico. Não podia responder as perguntas mais difíceis e dolorosas. Não podia lhes contar por que às pessoas boas às vezes passavam coisas más, por que Deus permitia que os meninos morressem, por que tinha permitido que os judeus fossem sacrificados no Holocausto.

Essa última pergunta era uma das que mais lhe atormentavam. Como professora, e sobre



tudo como professora de História das Religiões, o Holocausto representava o mais importante ato de fé. Muitos eram os que questionavam a existência de Deus ao ver que esse ser superior tinha permitido que ocorresse algo assim. Mas ela preferia ir mais à frente e perguntar-se como tinha sido possível que os seres humanos, com alma e consciência, permitissem que acontecesse. Recordou que se chegou a fazer telas para abajures com pele humana, e nunca lhe tirava da cabeça os experimentos que Mengele tinha realizado com gêmeos. Ela tinha um irmão gêmeo e esses terríficos experimentos lhe afetavam mais que a outras pessoas. Recordou quanto tinha chorado ao ler textos sobre o ocorrido então. Pensou que possivelmente Anna estivesse no certo. Não era tão difícil acreditar nos vampiros, não se o comparava com os níveis de depravação aos que tinham chegado alguns seres humanos.

Jantou com a Anna e Zoltan essa noite e voltou logo para a cama, depois de lhes prometer que não iria essa noite ao bosque. Não lhes tinha mentido, mas por pouco. Não lhes tinha prometido não sair da estalagem, mas sim não iria ao bosque. Queria entrar na casita de pedra do Josef. Acreditava que o que tinha visto no bosque a noite anterior podiam ser vampiros, mas isso não implicava que pudesse confiar no Josef.

Depois do entardecer, mais a menos à mesma hora a que tinha saído a outra noite, abriu um pouco a janela de sua habitação e olhou a casa do Josef para ver se estava ali. Pouco tempo depois, viu-o sair e abrir-se passo entre os espinheiros. Estremeceu-se ao vê-lo. Era um homem alto, forte e muito arrumado, isso tinha que reconhecê-lo. Também era misterioso. Mas era o que não conhecia dele, algo perigoso e escuro, o que mais lhe atraía.

Ficou observando como ia para as montanhas e desaparecia entre as árvores. Depois baixou à despensa e saiu de novo pela janela.

Fazia um frio gelado e correu para a cabana tão depressa como pôde. Passou entre os arbustos com cuidado de não cravar-se. Viu que alguns ramos tinham sido cortados e se deu conta de que Josef devia fazer suas próprias flechas com esses espinheiros.

Chego à porta da casa. Agarrou o trinco e o fez girar. Não estava fechado com chave. Conteve o fôlego e entrou.

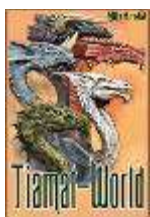
— Meu Deus! —exclamou.

Havia um lobo convexo frente à chaminé. Deu um passo atrás para a porta, estava pronta para pôr-se a correr, mas o lobo se limitou a levantar a cabeça ao vê-la e voltou a relaxar-se. Sem mover-se para nada, viu que o cabelo ao redor de seus olhos e o de seu focinho era quase cinza. Devia ser muito velho. Pode que fosse só lobo em parte. Pareceu-lhe que suas facções pareciam mais as de um cão que as de um lobo.

Com cuidado, foi para o animal. Mostrou-lhe a mão e se aproximou devagar para que a cheirasse. O lobo lhe lambeu a mão e ela, um pouco mais tranquila, agachou-se.

—Muito bem, menino não vai fazer-me dano, verdade? Só quero dar uma olhada por aqui, de acordo? Irei em seguida.

Ficou em pé e olhou a habitação. A casa se compunha dessa única estadia, com um oco a um lado onde estava a cama. Os móveis eram simples. Havia uma mesa e quatro cadeiras.



Acariciou a superfície da mesa. Era de carvalho, muito sólida. Parecia estar feita à mão. Em uma das paredes havia um velho sofá de estilo Vitoriano e uma mesa de centro e duas cadeiras de balanço frente à lareira.

A cozinha era muito pequena. Só havia uma geladeira, uma pia e o fogão. Em outra parede havia uma larga mesa de madeira com uma estante em cima. Parecia fazer as vezes de escritório ou despacho. Foi para ali e começou a olhar entre os papéis. Estava procurando algo, algo, que lhe desse mais informação sobre quem era Josef. E algo que lhe servisse sobre tudo para dar com o David.

Abriu uma pasta e apartou horrorizada a mão. Estava cheia de fotografias de autópsias em branco e negro e imagens do que parecia a cena de um crime. Os corpos das vítimas estavam rodeados de atoleiros de sangue. Leu os títulos dos distintos arquivos. Eram todos casos famosos de assassinos em série.

Pulsava-lhe com tal força o coração que temeu que o lobo despertasse para ouvi-lo e fosse para ela. Sentia um zumbido nos ouvidos e tudo lhe dava voltas. Não podia acreditar, assassinos em série. Deu-se conta de que esse homem não era nenhum dhampir, a não ser um assassino faminto de sangue. No melhor dos casos, devia ser uma espécie de louco obcecado com os assassinos.

Separou-se da mesa, tinha que voltar quanto antes para a estalagem, tentar ficar em contato com o Dima, o condutor que a tinha levado às montanhas, para voltar para a Praga. Correu à porta, abriu-a e se deu de bruços com o próprio Josef Darecky.

Capítulo 6

— Posso ajudá-la em algo? —perguntou-lhe Josef.

Estava furioso ao ver que essa mulher se colocou em sua casa, mas também um pouco divertido com a situação. Viu que estava ruborizada e assustada.

—O... Estava-o procurando —disse ela com voz tremente.

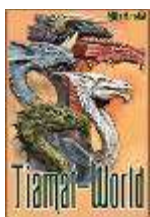
—Bom, pois já me encontrou —lhe disse enquanto se aproximava algo mais.

Ela deu um passo atrás.

—Queria saber... Queria lhe perguntar se ia às montanhas esta noite. Mas mudei de opinião e acredito que vou voltar para a estalagem. Ali estarei a salvo.

— A salvo dos vampiros ou de mim? —perguntou dando outro passo para ela.

Podia cheirar o lilás que compunha seu perfume floral. Mas também percebia que tinha medo, era esse outro aroma que tinha aprendido a distinguir alguns anos antes. Zangava-lhe que ela pudesse ter medo dele. Depois de tudo, tinha-lhe salvado a vida a noite anterior. O lobo que os tinham seguido até ali a teriam assassinado ou transformado em vampiro se ele não a tivesse protegido. Olhou-a aos olhos. Tinha um olhar quase transparente, como a neve das geleiras.



—Das duas coisas —reconheceu ela pouco depois.

Viu que olhava de lado seu escritório.

— Não se considera isto delito na América? Como o chamam? Invasão de moradia, não?

—Não, a porta estava aberta. Ninguém respondeu quando chamei e, como a porta não estava fechada com chave... Mas não levei nada, de verdade.

—Não, mas estive olhando meus papéis, não é assim? Estava-me espiando.

— Não! —exclamou ela sem poder evitar que suas bochechas se ruborizassem.

— Por que pensa que tem direito a entrar aqui e rebuscar entre minhas coisas?

—É que... É que estou desesperada. Tenho que encontrar a meu irmão! —exclamou ela.

Josef notou que tragava saliva.

— Por que me tem medo? Acredita que sou um deles? É isso? Nunca poderia ser como eles! Nunca!

A mera ideia lhe revolvía o estômago. —Venha aqui —lhe disse enquanto a agarrava pelo braço e a levava até seu escritório.

Abriu uma pasta cheia de fotografias coloridas.

—Anatoy Onopreinko, da Ucrânia. A polícia o chamava “O Exterminador”. Multidão de vítimas. Cinquenta e dois no total.

Ela fez uma careta de horror. Uma parte dele lhe dizia que não deveria lhe importar tanto que ela lhe tivesse medo ou pensasse que era um monstro. Depois de tudo, ele sabia bem quem era e tinha a consciência tranquila. Mas outra parte dele sabia que necessitava que esses olhos cinzas o olhassem sem medo, queria ganhar sua confiança.

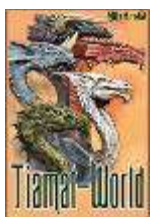
Foi tirando mais e mais fotografias de autópsias. Elizabeth, tremendo, deixou-se cair na cadeira sem poder apartar os olhos das terríficas imagens.

—Andrei Chikatilo, da Rússia. Cinquenta e três vítimas. Gostava de rasgar os corpos com seus dentes —lhe disse assinalando uma das fotos. —Este é o assassino de meninos colombiano. Matou cento e quarenta meninos e meninas. Cento e quarenta! E a ninguém importou —acrescentou enquanto lhe mostrava a foto de um dos meninos assassinados.

Ela parecia não poder suportá-lo mais.

— Por que está me mostrando todas estas fotos? —perguntou-lhe com a voz cheia de angústia. — São assassinos em série. Recordo ao Chikatilo, li algo nos jornais de meu país. Os assassinos em série não são vampiros. Por que está tão obcecado com eles?

—A polícia quer acreditar que só são assassinos em série, que são humanos. É mais fácil acreditá-lo, para controlar nossos medos. Fazemo-nos à ideia de que são pessoas com algum tipo de anomalia ou demência. Etiquetamo-los como psicopatas para poder dormir pelas noites. Temo-lhes medo, mas ao menos assim podemos achar uma explicação para seu comportamento —disse ele. — Deixe que lhe faça uma pergunta. O que é mais difícil de acreditar, que haja uma criatura sobrenatural que sobrevive bebendo sangue quente ou um ser humano que pode olhar a cento e quarenta meninos inocentes aos olhos e assassiná-los depois? Pode acreditar que alguém tenha assassinado cinquenta e três mulheres e que as tenha comido?



“Ou o que lhe parece Fred West, um assassino em serie londrino que assassinou a duas de suas filhas, a várias prostitutas, a caronistas e inclusive a sua ex-mulher? Enterrou-os no jardim de sua casa. E os assassinatos de meninos na Bélgica? Encerraram as meninas em masmorras para que morressem pouco a pouco de fome. Pode imaginar como chorariam reclamando a suas mães? O que é mais fácil de acreditar, que se trata de um ser maligno que tornou da morte para ganhar sua imortalidade ou que o tenha feito uma pessoa que perdeu por completo qualquer vestígio de humanidade? Esses assassinos em série são vampiros que mascaram seus crimes destruindo os corpos de suas vítimas para não ser descobertos.”

Ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

—Não sei o que pensar —sussurrou—. Sempre fui uma pessoa muito racional e me está pedindo que creia em algo que não tem sentido para mim. Como o desses lobos que na realidade são vampiros...

—Os lobos não reorganizam a cena do crime.

— O que quer dizer?

Abriu outra pasta e lhe mostrou mais fotografias.

—Estas fotos as fiz eu mesmo.

Elizabeth as olhou. Havia corpos estendidos na ladeira da montanha com as vísceras fora.

—Os lobos não colocam os corpos de suas presas para que fiquem olhando para a lua. Os lobos não desenham um círculo de sangue na neve. E os lobos não deixam este tipo de marcas nos pescoços —lhe disse enquanto lhe mostrava um primeiro plano de uma vítima—. Além disso, aos lobos não os deteria que entrássemos em chão sagrado. Se deixasse sangue fresco no chão, um lobo real entraria nos jardins do convento a comê-la. Minha loba não tem medo aos espinheiros, mas os lobos que há nestas montanhas não se aproximam destes arbustos, mas sim se separam deles gemendo.

Ela o olhou aos olhos. Parecia estar muito afetada, como se pudesse desfazer-se em qualquer momento.

— Qual é sua história, Josef? Quem é? Se quiser que acredite que é um dhampir, me conte então sua história.

Josef fechou um segundo os olhos e foi até a chaminé, onde estava estendida a loba. Agachou-se e lhe acariciou a cabeça. Fazia tanto tempo que não contava sua história a ninguém que lhe estremecia a simples ideia de ter que fazê-lo de novo.

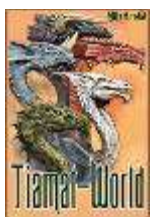
—É preciosa —sussurrou Elizabeth enquanto se levantava e ia para ali.

—Não lhe fará mal. Chama-se Mará —lhe disse.

Sua loba lhes proporcionou a distração necessária para que Josef decidisse se poderia confessar-se a essa mulher e lhe contar a verdade. Sabia que Anna e Zoltan confiavam nela, mas não sabia se ele ia poder fazê-lo.

—Ontem à noite vi os lobos que há nestas montanhas, está seguro de que esta loba é mansa?

—Os que viu eram distintos. Mará é mestiça, como eu, metade loba e metade cadela. Eu



sou metade minha mãe e metade meu pai. Uma metade de luz e outra de escuridão. Esta loba me obedece, é muito leal. Pode acariciá-la se quiser.

Elizabeth se agachou ao lado do animal.

—Já nos temos feito quase amigas. Assustei-me ao vê-la quando entrei. Pensei que era como as bestas que vi ontem à noite, mas vi depois que é bastante velha e dócil.

Elizabeth começou a acariciar Mará. A pelagem da loba era tão grossa e comprida durante o inverno que os finos e esbeltos dedos da mulher desapareciam sob a pele do animal. Teria encantado a Josef que fosse a ele a quem estivesse acariciando. Desejava tomar sua mão e conseguir que não lhe tivesse medo.

Passou grande parte de sua vida sendo uma espécie de monstro. Ele era o mais crítico com a parte de si mesmo que odiava. Mas acreditava que essa mulher poderia salvá-lo.

— Sinto muito ter entrado em sua casa dessa maneira —lhe disse Elizabeth então—. Não deveria havê-lo feito. Não pretendia invadir sua intimidade. Só quero encontrar a meu irmão David. Isso é tudo. O prometo, de verdade.

Josef estendeu as mãos para o fogo. Depois tomou um atizador para avivar o fogo e acrescentou outra lenha. Concentrou-se pensativo nas chamas que voltavam a ressurgir. O frio aumentava a dor em seus ossos. Suspirando, estirou os músculos dos dedos perto das chamas. Flexionou-os e estirou várias vezes, tentava evitar que chegassem a atrofiar-se.

—Pode me ajudar, verdade? —disse-lhe a formosa mulher—. Zoltan me disse que poderia fazê-lo. Se tiver visto meu irmão, tem que me ajudar. Não o deixe sozinho frente a essas bestas das montanhas, por favor. O rogo.

Não queria fazê-lo. Sabia que o melhor era jogá-la dali e que voltasse para a estalagem. Ele tinha sua própria missão e suas próprias razões para sua caçada. Mas a beleza e a decisão dessa mulher tinham conseguido apanhá-lo. Pareceu-lhe, depois de tudo, que seus objetivos não eram tão distintos.

—Se lhe conto minha história, vai ter que dar o passo definitivo e acreditar. Não pode pôr em dúvida o que vou dizer lhe. Isto não é o mundo acadêmico e científico no que viveu até agora. Está em meu mundo e as coisas são distintas.

Não tinha terminado de falar, quando ouviram um lobo uivando na distância.

Elizabeth se estremeceu e o olhou aos olhos.

— Estou a salvo aqui?

Ele foi até a parede onde tinha o arco pendurados e suas flechas. Mostrou-lhe também seu facão. —Sim, está a salvo —lhe assegurou.

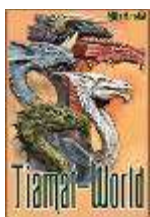
— Está bem meu irmão?

—Não estou seguro.

— Está com eles? —perguntou-lhe Elizabeth enquanto olhava para as montanhas que se viam pela janela.

—Talvez.

—Se estiver com eles, por que o levaram?



- Tampouco posso sabê-lo com certeza.
— De verdade é um dhampir?
—Sim, de verdade.
—Então, me conte sua história —lhe pediu Elizabeth olhando-o aos olhos.
Desejava-a, mas não podia pensar nisso. Não era o momento. Levantou-se e foi ao escritório.
—Muito bem. Esta noite começa sua educação —lhe disse.

Capítulo 7

— Os vampiros assassinaram a minha mãe — lhe disse em um sussurro.

Falava tão baixo que Elizabeth teve que aproximar-se mais para entender suas palavras. Estava sentada no sofá, observando como Josef pegava uma pasta de seu escritório. Dava-lhe medo respirar, mover-se ou fazer algo que pudesse interromper seu relato. Não queria fazer nada que pudesse fazê-lo mudar de opinião. Precisava saber sua história.

—Olhe —lhe disse Josef enquanto lhe entregava uma pasta de cor torrada.

Depois se sentou a seu lado no sofá. Punha-lhe nervosa o ter tão perto. Seus olhos eram tão escuros que pareciam quase negros e todo seu ser transmitia uma poderosa energia impossível de ignorar. E estava segura de que ele sabia até que ponto se sentia afetada por sua presença. Dava-lhe a impressão de que sempre se situava algo mais perto do necessário, como se gostasse de sentir que tinha algum tipo de vantagem sobre ela.

Sem poder controlar o tremor em suas mãos, tomou a pasta que Josef lhe oferecia. Abriu-a. Havia um relatório da polícia. O papel descrevia o assassinato de uma jovem mãe solteira. Era uma mulher tcheca que tinha emigrado a Londres e que vivia ali com seu filho pequeno, Josef. Os detetives que tinham investigado o caso acreditavam que tinha sido assassinada por drogados enlouquecidos. Seu corpo tinha sido apunhalado com sanha com facas ou lança geladas. Ao parecer, tudo tinha estado cheio de sangue, embora nunca conseguiram encontrar as armas utilizadas.

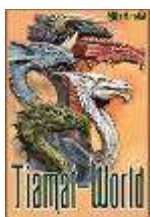
Além disso no relatório policial, havia fotografias da cena do crime que fizeram que sentisse náuseas. Na última fotografia aparecia a imagem de um menino pequeno e precioso. Tinha o cabelo negro e encaracolado e os olhos tristes. Viu que se abraçava com força a um ursinho.

—É você... —disse-lhe então.

Josef assentiu e apartou o olhar das fotos.

Acariciou sua mão e ele deixou. Viu que apertava a mandíbula, era muito a dor que levava em seu interior. Sentiu uma grande compaixão por ele. David e ela tinham perdido a seus pais e esse fato lhes tinha afetado de muitas maneiras, mas não podia nem imaginar como seria tentar superar algo tão terrível como esse assassinato.

Havia também uma foto pequena de uma mulher incrivelmente bela. Sorria à câmara com



um bebê em seus braços. Era um sorriso amplo e feliz.

— Era sua mãe? — perguntou-lhe.

Josef assentiu.

— Sim. Eu estava ali essa noite — lhe explicou ele com a voz fria e sem emoção.

Deu-lhe a impressão de que, à força de repetir essa história em sua cabeça, tinha conseguido relatá-la sem que a dor o traísse.

— Meu Deus! Não posso nem imaginar...

— Meu pai biológico, esse canalha que violou a minha mãe, é um vampiro. O mesmo que matou também à família de minha mãe. Eles viviam aqui, nestas montanhas. Por alguma razão, ela conseguiu sobreviver a essa massacre. Nunca me contou o que aconteceu, eu era muito jovem quando a assassinaram. Mas, conforme consegui averiguar mediante história de aldeãos e rumores, os vampiros assassinaram a sua família quando voltava de celebrar a Véspera de natal com outros familiares em Praga. Minha mãe foi violada de uma maneira brutal, mas não a assassinaram porque passou por ali nesse momento um carro no que estavam quatro soldados.

— Perdeu toda sua família? — perguntou com angústia.

Não podia nem imaginar o que era estar sozinha no mundo, ela não teria podido viver sem seu irmão, por isso desejava tanto estar com ele.

— Perdeu seus pais e seus dois irmãos. As autoridades acreditaram que se tratava da obra de um assassino em série. Ela estava tão traumatizada pelo que passou que não levaram em conta seu testemunho, mas sei que lhes disse que os assassinos tinham bebido o sangue de seus familiares. Como acontece contigo, ela não podia acreditar que o que tinha visto fosse real. Cresceu nesta zona do país e sempre ouviu as lendas e mitos que estas pessoas contam, mas nunca os tinha acreditado.

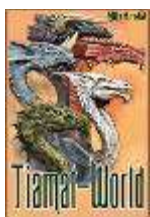
— Como reagiu quando se deu conta de que estava grávida? — perguntou-lhe.

Tentou imaginar-se a uma jovem aterrorizada, traumatizada e só no mundo, que descobre pouco depois que leva um bebê em suas vísceras.

— Saiu do país. Teve que deixar a aldeia onde todos a olhavam mal ao ver que seu ventre crescia. Foi para a Inglaterra e ali se converteu em uma imigrante a mais. Conseguiu trabalho como ama de chaves na casa de um rico e ancião cavalheiro que vivia perto do Hyde fórk. Ele foi muito bom com ela. Bom, com os dois. Depois que assassinaram minha mãe, esse homem estabeleceu um plano de estudos para que eu pudesse ir à universidade e também pagou todos os gastos de seu funeral. Morreu faz mais ou menos quinze anos. Eu estava acostumado a visitá-lo de vez em quando. Foi como uma espécie de avô para mim. Contou-me que adorou ter ali a minha mãe e que desfrutou muito com sua gravidez e meu nascimento. Estava acostumado a tocar a barriga de minha mãe e sorria cada vez que eu lhe dava uma patada. Algo que, ao que parece, acontecia muito frequentemente.

Josef sorriu com um pouco de tristeza e ela fez o mesmo.

— O senhor Hughes era a única pessoa que pôde me dar um pouco de informação sobre meu nascimento e sobre como estive minha mãe durante a gravidez. Não lhe tinha contado muito



sobre seu passado, mas ele pôde perceber que essa gravidez era a única coisa boa que lhe tinha ocorrido em muito tempo. Chamou-lhe muito a atenção desde o começo quão sozinha estava minha mãe. Não tinha ninguém no mundo. Quando nasci, ele foi a única pessoa que nos visitou no hospital. Mimou-me muito. Comprou-me peles, mantas e se encarregou de que tivesse um berço em condições. Queria que fôssemos viver com ele em sua grande casa, mas minha mãe gostava de ser independente. Sempre lhe preocupou vê-la triste. Disse-me que chorava com frequência, embora sempre tentava dissimular quando ele a surpreendia fazendo-o.

Elizabeth olhou de novo a foto do pequeno Josef.

— Sua mãe devia te querer muito e seguro que gostou de ver que algo belo tinha nascido de tanta dor.

Josef assentiu com a cabeça.

— Mas, ao final, os vampiros conseguiram encontrá-la. Estava atada a eles por essa gravidez. Quanto mais me desenvolvia, compartilhando seu sangue com o meu pelo cordão umbilical, mais forte era a conexão. Esse laço de sangue é como... É como um fogo insaciável, como ocorre a um drogado durante o período de abstinência. É uma necessidade imperiosa e terrível que não pode ser ignorada. Ela podia senti-los. Tinha visões, alucinações e podia ver suas matanças quando fechava os olhos.

— Alucinações? — perguntou preocupada.

— Sim.

Elizabeth pensou no que lhe tinha passado no hotel da Praga, quando lhe pareceu ver a marca de presas em sua garganta. Tinha-lhe parecido algo muito real.

Foi consciente nesse instante de que ainda estava tocando sua mão. Perguntou-se como seria ser meio vampiro... Uma parte dela acreditava o que lhe estava contando. Sua parte mais racional, entretanto, temia que estivesse perdendo a cabeça ao dar por feito que pudessem existir vampiros.

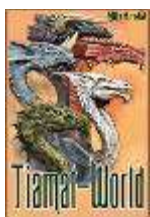
— Recorda essa noite, a do assassinato?

— Oxalá não fosse assim, mas sim. Ouvi tudo e inclusive pude cheirar o sangue. O sangue de minha mãe. Ela me tinha escondido em um baú. Como não podia ver, meus outros sentidos se ficaram mais agudos. Por isso a lembrança mais intensa era dos sons e os aromas. Agora sou como um tubarão. Basta-me cheirando uma gota de sangue para reconhecer esse aroma e recordar o que passou essa noite. Leva-me de novo a um momento de minha vida que queria ter podido esquecer.

— Sua mãe sabia que era um dhampir? Sabia o que isso significava?

— Ela tinha crescido por aqui perto, assim sabia. Conhecia esta estalagem. Estou seguro de que não acreditava muito nas histórias que lhe contavam e que pensava que o que diziam que tinha acontecido às monjas era só uma lenda ou fruto das superstições da gente. Mas era real. Quando viu o que aconteceu com sua família e como essas bestas se alimentaram de seus pais e irmãos, comprovou que era real.

Observou seus lábios enquanto falava. Eram grossos e sensuais. Seus maços do rosto



estavam muito marcados e tinha uma fenda em seu queixo. Não se tinha barbeado recentemente e isso não fazia a não ser acrescentar mistério a seu aspecto, fazendo que parecesse ainda mais selvagem.

— Anna me disse que sofre muito. O que queria dizer? Falava dessa noite, pelo que aconteceu então?

— Essas lembranças são parte de meu sofrimento. Mas há mais. Também sofro fisicamente. Os dhampires costumam nascer com problemas de ossos porque estes se unem de maneira incorreta já no ventre das mães. Normalmente, se esses bebês conseguem sobreviver um difícil parto, fazem-no com corpos retorcidos. A maioria morrem antes de nascer. Eu nasci por cesárea. E, em meu caso, meus ossos estavam bem. Meu problema é com as articulações e minha coluna vertebral. É como se tivesse um caso severo de artrite reumatoide. Não tenho inflamação nas articulações, mas sim a dor e a rigidez típicos dessa enfermidade.

— Não podem tratar isso? perguntou-lhe.

Não queria olhá-lo com descaramento. Mas uma parte dela sentia curiosidade por descobrir sinais que lhe demonstrassem que essa pessoa era metade homem e metade vampiro.

—Tentei-o. Meus pais adotivos provaram tudo para tentar me ajudar. Meu avô londrino tampouco reparou em gastos. Levou-me ao hospital infantil mais importante da Inglaterra. Mas ninguém sabia então o que era exatamente o que me passava. E, embora o senhor Hughes o tivesse sabido, não teria podido contar aos médicos. Assim sofri muito em minha vida. Não só por culpa do que me passou, a perda de minha mãe, a dor de ser um dhampir...Também por culpa da terrível herança que me deixou meu pai biológico. Tenho os sentidos muito desenvolvidos. Posso ver vampiros onde ninguém os vê. Posso ouvi-los e cheirá-los. Ruídos que você nunca poderia perceber, são entristecedores como explosões para meus ouvidos. Não pude ir ao colégio até que aprendi a assimilar tudo isto.

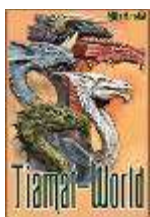
— O que sabiam seus pais adotivos de seus pais biológicos? Quais fossem?

—O detetive da polícia que me encontrou no baú aquela noite era um homem honesto e muito inteligente. Era também muito culto e amava com loucura a sua esposa, Beatrice. Não podiam ter filhos, mas sempre os tinham desejado. Dizia-me sempre que me quis do primeiro momento, desde que sentiu meus braços rodeando com força seu pescoço. Adotaram-me pouco depois. Meu pai adotivo, como todos os policiais, atuava seguindo a informação e os dados que tinha, mas também deixando-se guiar por sua intuição. Tinha a impressão de que esse relatório policial que tinha lido não era de tudo correto, acreditava que havia muito mais.

Quanto mais descobria sobre o passado de minha mãe e mais me via sofrer, mais seguro estava de que havia algo sobrenatural em tudo aquilo. Custou-lhe chegar a essa conclusão. Como detetive que era, acreditava no que via com seus próprios olhos, mas tinha bom olfato para descobrir o mal a seu redor.

—Então, pôde descobrir quem era seu pai?

— Quando me fiz maior, conseguimos reunir informação e fazer que encaixassem as peças do quebra-cabeças. Fizemo-lo os dois juntos. Minha mãe adotiva morreu quando eu estava no



instituto. Sempre chorarei a morte de minha mãe biológica, mas tive a sorte de ser abençoado com uma mãe adotiva que só me deu amor e carinho. Morreu de câncer. Meu pai adotivo e eu estivemos a seu lado quando deixou este mundo. Algum tempo depois, fizemos planos para vir à República Tcheca e dar com meu pai biológico. Queríamos destruir a ele e a outros vampiros. Recolhemos numerosos casos atribuídos a assassinos em série que na realidade nos pareciam as horripilantes obras de vampiros. Essa era nossa teoria e fizemos disso nosso trabalho.

— Por isso veio à estalagem.

— Não o fiz em seguida. Aperfeiçoamos durante algum tempo nossas estratégias para matá-los. Fomos como qualquer um que só conta com a informação tirada de histórias e filmes de vampiros. Tratávamos de encontrá-los em seus sarcófagos durante o dia. Mas, embora os vampiros novos são mais débeis e os custa adaptar-se a sua nova situação, os que levam anos, décadas e inclusive séculos matando são muito inteligentes.

— Conseguiram encontrá-los?

— Algumas vezes sim, mas demos com um que tinha chegado a contratar mercenários que guardassem sua guarida enquanto dormia pelo dia. Pagava-os com prostitutas, dinheiro e drogas para que fossem leais.

— Quando decidiu te proteger com espinheiros?

— Faz muito tempo. Esperávamos que as flechas de espinheiro nos permitisse matá-los de noite e de longe. Usamos essas flechas e também estaca do mesmo material. Mas no início nos faltava experiência e prática. Nossos instintos humanos não eram tão vis como os dessas criaturas. Não éramos assassinos. Nem por nosso treinamento nem por natureza. Mas depois de algum tempo conseguimos matar uns quantos. Por desgraça, meu pai adotivo foi capturado.

Josef apartou a vista e a mão. Ficou em pé e foi até a chaminé. Seguiu falando sem olhá-la.

— Suponho que o mataram. Foi um pouco descuidado durante uma das caçadas. Fomos os dois. Acredito que ainda não nos dávamos conta a quem enfrentávamos. Vim à estalagem para curar as feridas e fiquei aqui. Cheguei a ser um excelente arqueiro. Treinei-me até estar seguro de que não pudessem comigo. Zoltan e Anna me necessitavam e me ofereceram esta casa em troca do amparo. Todos esses fatos e essas circunstâncias de minha vida são as que me trouxeram até aqui e a esta noite — disse enquanto se voltava.

Voltou para o sofá. Estava muito perto dela.

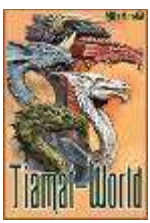
Elizabeth não podia deixar de olhá-lo. Sua altura, sua forte presença. Não podia deixar de pensar que parte desse homem não era humano. Tinha visto a fúria com que tinha atacado esses lobos na montanha, tinha-o visto apunhalando um com seu facão. Dava-lhe medo, mas também lhe rompia o coração que esse homem tivesse sofrido tanto, e não podia evitar pensar no menino assustado que tinha sido no passado.

— Posso te perguntar algo? — disse-lhe Josef.

Ela o olhou e assentiu com a cabeça.

— Crê que sou um monstro?

Tentou encontrar as palavras adequadas para lhe responder.



—Tenho medo. Dá-me medo estar aqui, tão longe de minha casa, de minha vida e procurando meu irmão em um local onde há lobos que assassinam pelas noites e com um homem que me diz que é meio vampiro. Mas...

Não podia deixar de olhar-se em seus olhos.

— O que?

— Acredito em você.

— Bom, suponho que é um bom começo.

— Vai me ajudar a encontrar David? Por favor...

— Farei-o se promete me obedecer. Não estou disposto a deixar que corra perigo. Já perdi meu pai adotivo e não quero perder ninguém mais. Por isso vivo e trabalho sozinho.

— Que te obedeça? —repetiu ela com incredulidade.

— Não tem alternativa. Eu sou o que sabe de vampiros.

— De acordo —lhe disse a contra gosto.

— Muito bem, me fale de seu irmão —lhe pediu.

Não gostava que a tratasse dessa maneira nem que quisesse que o obedecesse em tudo. Estava furiosa, mas lhe disse tudo o que precisava saber.

Capítulo 8

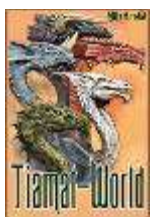
Josef se sentou no sofá, perto dela. Não sabia muito bem por que gostava tanto de fazer que se sentisse incômoda. Uma parte dele a odiava porque era uma mulher muito bela que nunca poderia ser dele. Ao menos não de tudo. Ela era humana e ele tinha a marca da besta. Esse lado de sua natureza que tanto desprezava e odiava era o que faria que uma mulher como Elizabeth sempre lhe tivesse um pouco de medo.

Mas notou ao olhá-la que Elizabeth parecia sentir por ele mais compaixão que medo, e isso fez que se sentisse aliviado. Tinha-lhe contado coisas horríveis e ela não tinha saído dali correndo. Ao menos no momento. Possivelmente por isso tentava continuamente pô-la nervosa. Era como se seu subconsciente quisesse jogá-la dali antes que fugisse aterrorizada.

— Meu irmão David é escritor. É um artista, a pessoa mais criativa que conheço. Sabe contar piadas, preparar os jantares mais incríveis, é culto... Tem muito êxito com as mulheres e os homens querem ser como ele. Mas tem um lado escuro. Bom, suponho que todos o temos. Estive em um centro de desintoxicação para deixar as drogas. Mas isso já faz tempo e seguiu com sua vida. É meu melhor amigo e quão único tenho no mundo. E não sei nada dele desde que chegou a Praga.

— E seus pais? —perguntou-lhe enquanto se acomodava melhor no sofá.

Apoiou o braço no respaldo e deixou que sua mão caísse perto da nuca da Elizabeth. Roçou levemente sua garganta com o dedo indicador e se deteve o ver que ruborizava.



— Nossos pais... Bom, minha mãe morreu quando éramos muito pequenos.

— Recorda-a?

Ele tinha muito poucas lembranças de sua mãe. Só eram pinceladas, fragmentos.

— Não muito bem. Era uma mulher preciosa e carinhosa. Queria-nos muito, mas perdeu a vida em um terrível acidente. Meu pai estava dando classes em Yale quando aconteceu. Um condutor bêbado bateu em seu carro. Morreu imediatamente. Para David e para mim, foi como se desaparecesse de repente de nossas vidas. Um dia, fomos uma família normal e nos juntávamos os quatro ao redor da mesa para almoçar ou jantar. No dia seguinte, já não estava. Depois de um tempo, começamos a esquecer coisas e cheguei a pensar que tudo tinha sido um sonho, que nunca tinha existido de verdade. Depois que morreu, meu pai ficou louco.

— Afetaria-lhe muitíssimo —lhe disse ele.

— Não, refiro-me a que se tornou louco de verdade. Era um doente mental. Era um homem muito brilhante, um gênio, igual a David.

— E a você —lhe disse ele.

Não o dizia como adulação, mas sim porque pensava que era verdade. Mas ela se ruborizou.

— Sim, como eu. Mas meu pai sempre estava pensando, sempre lhe dando voltas na cabeça a suas teorias matemática. Fomos como os ciganos, sempre de um lado a outro. Ele ia de universidade em universidade, mas nunca conseguiu que lhe dessem um posto fixo de professor. Usavam-no para contribuir um pouco mais de glamour aos departamentos de Ciências Exatas. Era toda uma lenda em seu campo. Mas todos sabiam que era muito instável para lhe dar um posto permanente. Quando tinha uma crise, jogavam-no do centro e tínhamos que mudar a outra cidade e a outra universidade. Ao final, terminou suicidando-se. Fui eu quem encontrei seu corpo —lhe disse.

Ficou sem palavras. Ele sabia melhor que ninguém o que era a dor. Estava sempre presente em sua vida. Tão psicológica como fisicamente. Mas se deu conta de que ela também sofria, também sentia as ausências.

— Sinto-o —lhe disse enquanto apartava o braço que tinha apoiado no respaldo.

Já não queria assustá-la, só queria consolá-la.

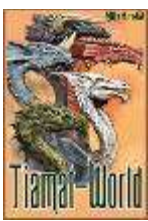
— O que não entendo é como puderam conseguir capturar meu irmão. É um homem inteligente e acostumado a viajar...

— Não me preocupa como, a não ser por que. São o suficientemente perversos para conseguir enganar qualquer um. O que me preocupa é que tenham escolhido ele.

— Acredita nisso? Que o escolheram?

Josef assentiu antes de falar.

— Já viu essa mulher do povoado... Podiam convertê-la em uma deles ou alimentar-se dela. Escolheram alimentar-se dela. Deixaram só o exterior, nem sequer o pensaram. Fazer que alguém se torne vampiro implica uma espécie de laço de sangue. Seu irmão estava doente quando passou por aqui. Essa enfermidade e debilidade parecem sinais claros de que já tinham começado a transformá-lo em vampiro. Eu não falei com ele. Mas Anna e Zoltan sim o fizeram e depois me



contaram isso. Eu fui à estalagem para vê-lo e investigar um pouco, mas então já tinha ido. Acredito que estava assim por culpa do espinheiro, que já começava a lhe afetar. Inclusive no inverno, quando a planta está hibernando, sua simples vista é terrível para os vampiros.

— Mas não posso entender por que queriam a ele. Eu o conheço melhor que ninguém. Os gêmeos são assim. Às vezes sei o que vai pensar antes de que o faça.

Josef não sabia que eram gêmeos. Ela tinha falado de David todo o tempo como seu irmão, não como um gêmeo. Não compreendia como podia ter passado por cima algo assim. Ficou em pé de repente e foi até a estante. Tirou um livro muito antigo.

—Toma —disse enquanto o atirava ao regaço.

— O que quer que olhe? Não posso ler isto —lhe disse ela.

Ele se pôs-se a rir.

— Claro, me esqueceu que o mais lógico é que não possa ler eslovaco.

— E tampouco falo tcheco. Só domino o inglês, o francês, o latim e algo de grego clássico.

— Bom, o que tem em suas mãos é uma espécie de jornal que fala dos vampiros, e o escreveu um caçador de vampiros de princípios do século XVI. Segundo as antigas lendas do que agora é a República Tcheca, os gêmeos têm às vezes uma habilidade especial para ver e sentir aos vampiros.

— Os gêmeos?

— Eu sempre pensei que se tratava mais de uma superstição que de algo real. As mulheres grávidas de gêmeos tinham no passado muitos mais probabilidades de morrer durante o parto. Inclusive hoje em dia se diz que são gravidez de alto risco. Por isso penso que existe a crença de que os gêmeos dão má sorte, como se pertencessem de algum jeito ao lado escuro ou tivessem sido concebidos por seres maléficos.

— Mas eu nunca tive a capacidade de reconhecer aos vampiros. Não tenho nenhuma habilidade especial para vê-los.

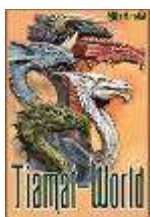
— Mas estiveste acaso buscando-os? Tentaste-o?

— Claro que não! —replicou ela zangada.

— Já te disse que se quer entrar em meu mundo, deve deixar de lado suas ideias preconcebidas e seus julgamentos.

Ele se sentou de novo a seu lado.

— Meu pai biológico, líder de seu clã de vampiros, vive no mais escondido canto das montanhas, perto das ruínas de um antigo castelo. Ao menos isso acredito. Sempre acabo por perder o rastro depois de segui-los um tempo. Mas sei que deseja ser o vampiro mais capitalista de todos os tempos. Não tem suficiente sendo imortal. Quer ser uma lenda. Quer que seu nome seja associado com o terror e, para consegui-lo, matará ou destruirá qualquer um que se interponha em seu caminho. Seus objetivos principais são os dhampires e os videntes. Os videntes são os gêmeos com habilidades especiais para ver vampiros. Pode ser que conseguiu descobrir que seu irmão era um gêmeo ou pode ser que visse sua foto em sua carteira. Pode ser que queira emparelhar-se contigo. Os vampiros também têm desejos carnis. Acredito que deseja ter



relações sexuais para sentir-se ainda mais poderoso. Certamente não se trata de amor nem de desejo.

—Uma violação nunca pode sê-lo.

—Não podemos estar seguros, mas acredito que tem algum plano para ti ou que quer te destruir. Pode ser por isso que seu irmão siga vivo no momento e sem haver-se convertido completamente em vampiro. Acredito que meu pai biológico o está usando como isca para te conseguir.

Viu como Elizabeth levava as mãos ao estomago, parecia estar muito afetada por tudo o que lhe estava contando.

—O que me está contando é muito difícil de assimilar, Josef.

— Deixa que te pergunte algo, alguma vez os dois puderam se comunicar sem ter que falar? Elizabeth apartou a vista.

—Sim.

— Por que não me olha? O que é o que não me está contando?

Ela respondeu sem levantar a cabeça.

— Quando éramos pequenos, tínhamos uma linguagem secreta. Mas muitas vezes nem sequer necessitávamos isso. Quando acontecia algo horrível, como quando meu pai se matou, sentíamos essas estranhas coincidências das que está acostumado a falar as pessoas. A noite em que meu pai se meteu em seu carro, que tinha na garagem, fechou por dentro e pôs em marcha o motor, eu estava na biblioteca. David estava no bar com uns amigos. No momento em que depois nos disseram que meu pai havia se suicidado, eu fechei meus livros de repente e David deixou sua cerveja sobre a mesa. Saímos da biblioteca e do bar e fomos cada um ao encontro do outro. Encontrou-me em minha residência enquanto me preparava para ir à sua. Quando comprovamos que estávamos os dois bem, chegamos à conclusão de que algo tinha acontecido a nosso pai. David foi ao escritório e eu a casa. Foi então quando encontrei seu corpo. Quando David chegou a casa, não tive sequer que lhe dizer nada, ele já sabia.

— Pode que não fosse tudo uma coincidência, a não ser algo mais.

— Passou tantas vezes em nossas vidas que já o consideramos algo normal —lhe explicou Elizabeth—.Tive um pesadelo a primeira noite que passei em Praga. Nela, tinha duas marcas aqui —acrescentou enquanto se tocava um lado da garganta.

Josef se aproximou dela e notou que se estremecia.

— Tem-me medo?

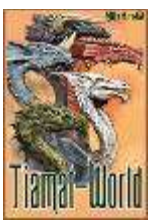
— Não —disse ela rapidamente.

—Me olhe.

Elizabeth fez o que lhe tinha pedido.

— Quando olha aos olhos, vê algo neles que não seja humano? Há-me dito que nunca viu vampiros, mas tampouco os estava procurando. Agora quero que me olhe tal e como sou. Tenho uma metade que pertence ao lado escuro. O que vê quando olha em meus olhos?

Ela o observou durante um tempo. Estavam ali sentados, muito perto um do outro, e a Josef



o momento pareceu eterno. Desejava-a e era algo ao que não estava acostumado. Nunca havia sentido algo assim por uma mulher. Sobre tudo porque odiava tanto a parte escura de seu ser que se separou cada vez mais do resto dos humanos.

—Tudo o que vejo é uma alma boa que sofreu muito —lhe disse Elizabeth pouco depois—. Não vejo um lado vampiro, vejo a ti, Josef.

Aproximou-se dela para beijá-la. Queria saboreá-la, mas pensou melhor. Se fossem caçar juntos, sabia que não podiam envolver-se de maneira nenhuma. Precisavam ser fortes e ter todos os sentidos muito alertas. Se chegavam a encontrar David e descobriam que já estava transformado em vampiro, ia ter que acabar com ele, sem ter em conta que se tratava do irmão da Elizabeth.

Estava convencido de que seu destino era estar sozinho toda a vida.

Capítulo 9

Elizabeth se sentia muito confusa.

— O que acontece?

—Nada.

— Acaso te dei uma resposta que não queria ouvir? Tivesse preferido que te dissesse que via algo escuro em seu interior? Algo assim como um lado demoníaco?

— Não —replicou Josef sem querer olhá-la.

— Acredito que quer odiar esse lado de seu ser. Acredito que é igual a todos os que se negam a fazer as pazes com seu lado mais escuro.

— É que meu lado escuro é um pouco mais complicado e escuro que o do resto dos mortais. Estamos falando de um lado desumano, um lado vampiro.

Ela colocou uma mão sobre seu torso.

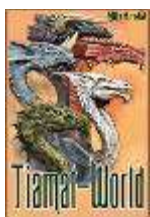
— Mas você é humano. Seu coração pulsa como o de qualquer pessoa. Importa-se com as pessoas. Queria a sua mãe, a seus pais adotivos, cuida da Anna e do Zoltan... Não caça pelo prazer de matar, a não ser para fazer o correto, para deixar a este mundo livre das bestas que acabaram com a vida de sua mãe.

—Sou a encarnação do mal.

—Não é verdade. É como qualquer um que tem um pai assassino, violador ou pederasta. Pode ser que tenha seu sangue ou parte de seu DNA, mas isso não tem nada a ver com como é você, Josef. Seus pais adotivos viram que era assim. Esses primeiros anos que passou ao lado de sua mãe, com ela te querendo e te cuidando, não desapareceram. Também tem em seu ser os genes dela.

—Mas os de meu pai são os que me converteram em alguém doente.

— E meu pai estava louco. David e eu crescemos com o medo de herdar sua enfermidade



mental e temendo acabar como ele. Os filhos dos doentes mentais crescem com esse medo e essa vergonha. Passamos muito mal. Quando tinha depressão, não podíamos levar amigos em casa, todo mundo sabia. Mas agora sei que eu sou distinta e me nego a repetir a história de meu pai.

De maneira inesperada, Josef a tomou entre seus braços e a esmagou contra seu torso de maneira brusca. Seus lábios estavam tão perto que teria bastado mover um par de centímetros para que se tocassem.

—Se te beijasse agora, o primeiro que pensaria é que está beijando um dhampir. Se meus lábios estivessem frios, perguntaria-te se estariam assim por culpa de meu lado vampiro.

—Se me beijasse agora, só pensaria que é um homem.

—Não, sempre teria em conta quem sou e teria dúvidas...

Elizabeth negou com a cabeça. E, para lhe demonstrar que ela não era assim, beijou-o.

A maneira em que Josef reagiu a sacudiu por dentro com uma força inusitada. Nunca a tinham beijado com tal fúria. Podia sentir quanto a desejava. Atacou seus lábios com ânsia, mas depois se afastou e os lambeu com doçura. Voltou a mordê-la e a beijá-la com a mesma força, como se levasse toda a vida desejando fazê-lo.

Tinha conseguido deixá-la sem respiração. Sentiu o desejo despertar em seu interior, de uma maneira completamente nova para ela. Tinha tido outras relações em sua vida, mas nenhuma a tinha completado de verdade. Tinham sido homens bonitos, amáveis e bons, mas estava descobrindo nesses instantes que Josef era sua alma gêmea, alguém que tinha encontrado do outro lado do mundo e de maneira acidental. Estava segura de seus sentimentos.

Sabia que seu destino estava ao lado do Josef. Um homem que não era um homem normal e corrente, mas tampouco uma besta. Era um caçador e tinha conseguido capturá-la.

Josef deixou de beijar seus lábios para concentrar-se em seu pescoço e foi avançando até sua nuca. Apartou o pescoço de seu pulôver para poder beijá-la melhor.

Ela não pôde evitar suspirar. Sentia que estava por fim entregando-se a alguém em corpo e alma.

— Desejo-te — sussurrou Josef ao ouvido.

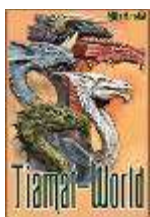
—E eu a ti...

Tomou a cara desse homem entre as mãos. Beijou-o em uma pálpebra e depois na outra. Depois fez o mesmo com seus lábios. Sujeitava seu rosto com força, fazendo que a olhasse nos olhos.

—Quando me vejo em seus olhos, vejo um homem ao que desejo com todo meu ser. Isso é o que vejo. Um homem —lhe disse ela.

Josef ficou em pé e a tomou em seus braços, levando-a assim até a cama. Não pôde evitar sorrir quando passaram ao lado da loba que estava tombada frente à chaminé. O animal levantou um momento a cabeça com curiosidade, e depois seguiu dormindo.

Deixou-a sobre a cama. Podia ouvir o vento açoitando as janelas da casa. Era uma noite especialmente fria, mas Josef tinha lençóis de flanela e um grosso edredom de plumas. A calefação de lenha ajudava também a esquentar o ambiente.



Josef lhe levantou o pulôver e começou a lhe lambear o estômago. Ela tirou o objeto. Podia sentir como se endureceram seus mamilos. As carícias desse homem e o frio eram os culpados.

— Nos coloquemos sob a colcha — sugeriu Josef enquanto tirava seu pulôver negro e a calça.

Ela se desabotoou seu próprios jeans e os tirou.

Josef tinha um corpo estupendo. Estava de pé frente a ela e de cueca, e Elizabeth não podia deixar de contemplar seus tonificados músculos e a linha de pelo escuro que baixava desde seu estômago para esconder-se sob sua roupa interior.

Sentia o fogo de seu olhar. Estava afundada no espesso e cômodo edredom e só levava postas sua calcinhas.

— Não vi ninguém mais bela em toda minha vida —lhe confessou ele com a voz carregada de desejo.

— Quero te ter dentro...

— Deixa antes que te percorra com minha boca, quero te saborear.

Josef se ajoelhou na cama e lhe tirou lentamente a roupa interior. Depois a beijou dos pés até as coxas, detendo-se algum tempo na parte posterior dos joelhos. Era uma zona especialmente sensual que Elizabeth não tinha descoberto até esse momento. Estremeceu-se quando sentiu os lábios do Josef subindo por sua pele até chegar a sua zona mais íntima. Começou com pequenos beijos e dentadas, mas foi aumentando sua intensidade pouco a pouco. Com cada movimento de sua língua, Elizabeth se aproximava mais e mais ao topo do prazer.

Pouco depois, Josef apartou a roupa de cama e tirou a cueca. Estava completamente excitado. Elizabeth se incorporou sobre os cotovelos e beijou com um sorriso seu membro.

Josef se meteu sob o edredom também. Foi incrível sentir seu corpo nu e sua ereção contra o estômago. Não havia se sentido tão excitada em toda sua vida. Bastava que ele a tocasse para que estremecesse. Nunca lhe tinha ocorrido nada parecido.

Os segundos seguintes transcorreram como em um sonho. Queria ir devagar para poder depois recordar cada momento com esse homem. Era o amante perfeito. Mas o desejo dos dois era tão grande e intenso que tudo aconteceu rapidamente.

Josef segurava ser cabelo enquanto lhe mordida o ombro. Os dois estavam fora de si.

—Desejo-te —murmurou Elizabeth sem poder esperar mais.

Precisava senti-lo em seu interior. Era quase como se fosse a vida nisso.

Josef a olhou com a intensidade de seus grandes olhos negros. Notou logo que podia respirar.

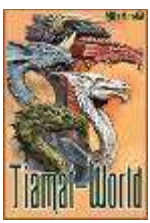
—Nunca me senti assim —lhe disse ele—.Lhe juro isso...

Mordeu-a no pescoço enquanto se deslizava dentro dela. Os dois gemeram de uma vez.

—Elizabeth... Importa-me muito, de verdade. Sinto que há algo entre nós, uma espécie de conexão...

—Me passa o mesmo...

Josef saiu e voltou a deslizar-se dentro dela. Seus corpos encaixavam à perfeição, como duas



peças de um quebra-cabeças. Ele a enchia por completo, física e espiritualmente. Os movimentos se fizeram cada vez mais rápidos e Elizabeth soube que ia alcançar logo o clímax.

— Meu Deus! —exclamou enquanto o mordia de novo no ombro—. Não... Quero que cheguemos juntos...

—Não, não me espere.

— Não!

O prazer era tão intenso que lhe encheram de lágrimas os olhos. Estava a ponto de culminar a paixão que sentia por esse homem. Josef se movia sobre ela e não podia deixar de gemer. Ao final, conseguiu controlá-lo suficiente e chegar juntos ao orgasmo. Não pôde evitar gritar. Ele gemeu com força e caiu rendido sobre seu corpo. Respirava como se tivesse estado a ponto de afogar-se.

Era a primeira vez em sua vida que Elizabeth via estrelas. Estrelas de verdade brilhando frente a seus olhos nesse momento de êxtase. Estava no sétimo céu e sabia que não poderia mover-se dessa cama nesses instantes embora alguém o tivesse pedido.

Josef a beijou durante um comprido momento com grande ternura.

—Ainda não terminei contigo —lhe disse ele—. É um anjo...

Não lhe surpreenderam suas palavras porque ela sentia o mesmo. E isso sim era novo.

A segunda vez foram mais devagar. Josef controlava o ritmo e seu prazer, torturando-a a cada passo até que Elizabeth chegou de novo ao orgasmo.

—Agora quero ser eu quem te dê prazer —lhe disse ela colocando-se sobre ele.

Beijou-o no torso e foi baixando até seu estômago. Jogou com seu umbigo e seguiu algo mais abaixo. Surpreendeu-lhe que ele estivesse já excitado.

—Bastou-me te escutar gemer para me pôr assim —lhe confessou Josef—. Meu Deus, Elizabeth, não sabe o que está me... —acrescentou ao sentir o que lhe estava fazendo.

Estava decidida a conseguir que Josef lhe pedisse mais. Nunca havia se sentido tão poderosa nem lhe tinha excitado tanto dar prazer a um homem.

—Por favor, querida —lhe rogou Josef ao fim— me deixe estar dentro de ti.

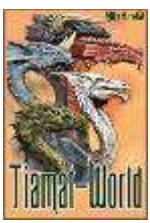
Sentou-se escarranchada sobre ele e o guiou para que deslizasse em seu interior. Uma vez mais, deixou-se levar por uma paixão incontrolável assim que o sentiu dentro. Moveram-se como dois animais selvagens, jogando com os ritmos e com seus corpos até chegar juntos ao clímax.

— Meu Deus! —exclamou Josef.

Estavam tão sincronizados como se levassem anos sendo amantes, como se se conhecessem perfeitamente. A Elizabeth parecia surpreendente. Pensou no que Josef lhe tinha contado sobre os gêmeos e sobre como estes poderiam ter poderes de telepatia. Pensou que possivelmente os videntes e os dhampires estivessem também predestinados de algum jeito para acabar juntos como lhes tinha acontecido .

Deixou-se cair sobre seu torso. Josef apartou sua juba da cara.

—Se não pudesse sair nunca mais destas quatro paredes, se estivesse condenado a comer, dormir e te fazer o amor durante o resto de meus dias, acredito que nunca me cansaria de ti,



nunca teria suficiente. E nunca queria sair, embora me dessem a possibilidade de fazê-lo - confessou Josef.

— Me passa igual —disse ela com lágrimas nos olhos.

Josef notou que lhe ocorria algo.

— Elizabeth, está bem? O que te passa?

— Nada. Não sei. É isto, isto que temos você e eu... É perfeito. Nunca tinha tido isto em minha vida, amor.

— O que disse? —perguntou-lhe Josef enquanto lhe limpava uma lágrima da bochecha.

— O que? —murmurou confusa.

— O que me chamaste?

Encolheu os ombros, envergonhava-lhe havê-lo chamado “amor”. Não tinha tentado lhe dar mais significado de que tinha, mas o certo era que sentia algo muito especial.

— Não sei o que é isto. Sei que não tem sentido. Nenhum sentido. Acabamos de nos conhecer. Mas acredito que o que aconteceu é uma dessas coisas cujos fios dirige o destino sem que nós possamos evita - disse.

Olhou-o e imaginou durante um segundo ao menino pequeno que tinha visto na foto. Pensou que os dois viveram a maior parte de suas vidas com o coração quebrado, sofrendo e esperando encontrar algum dia à pessoa que pudesse recompor-lhe de novo.

—Eu sinto o mesmo.

Elizabeth se acomodou junto a Josef e apoiou a cabeça em seu braço. Não queria dormir. Queria estar acordada toda a noite fazendo o amor. Ele acariciou seus braços e percorreu seu estômago com os dedos. Algum tempo depois, quando as chamas da chaminé foram apagando-se e só ficaram as brasas, Elizabeth dormiu.

Capítulo 10

Josef a ouviu gritando.

Elizabeth estava sentada na cama. Agarrava a colcha com força e não podia deixar de gritar.

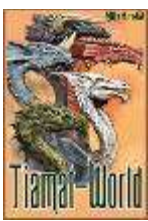
— Meu Deus, Elizabeth! —exclamou enquanto a abraçava —. Sou eu, Josef.

Custou-lhe se localizar. Sua primeira surpresa foi encontrar uma bela mulher em sua cama, mas recordou de forma quase imediata a noite de paixão que acabavam de compartilhar.

Elizabeth parecia estar muito afetada por algo. Não podia deixar de chorar. Abriu a boca para lhe explicar algo, mas parecia incapaz de fazê-lo. Tinha a frente muito quente, como se tivesse febre.

— O que acontece, querida? O que passou? —perguntou-lhe para tranquilizá-la.

Abraçava-a com força. Adorava senti-la entre seus braços. Dava-lhe a impressão de que encaixava tão bem neles como se tivesse sido criada ou esculpida a sua medida.



—Escuta... —disse ela por fim.

Pôde ouvir os lobos. Uivavam com uma intensidade inusitada. Levava dois anos vivendo ali e nunca os tinha ouvido assim. Beijou-a na frente. Depois tomou sua cara entre as mãos e foi secando suas lágrimas com mais beijos.

— Os lobos? Assustaram-lhe os lobos? Não vão vir aqui, é terra sagrada. Não tem nada do que preocupar-se. Aqui está segura —lhe disse.

Mas Elizabeth negou com a cabeça.

—Não é só isso. Tive um pesadelo. Sonhei com David.

Respirava intensamente para tentar recuperar o fôlego.

— O que aconteceu no sonho? Tenta recordá-lo todo.

Elizabeth fechou os olhos com força.

—David estava em uma espécie de masmorra ou possivelmente fosse uma cova. Estava muito escuro e fazia muito frio ali. Não podia vê-lo, mas podia escutar sua respiração. Deu-me a impressão de que lhe custava fazê-lo. Estava apavorado. Podia ouvi-los devorando algo ou alguém perto dele, ou possivelmente fosse na habitação do lado. Eram uns sons terríveis. E eles não deixavam de lhe dizer que ele ia ser o seguinte. Foram pouco depois onde estava David e ele pensou que tinha chegado seu fim. Mas o levaram por um comprido corredor até uma habitação onde havia uma mulher. Ela... —começou Elizabeth enquanto sacudia a cabeça— Não, não posso dizê-lo.

Estava despenteada e tinha cara de sonho. Sua juba negra lhe caía sobre os ombros e meu irmão não podia deixar de olhá-la. Parecia-lhe muito belo.

—Tem que seguir recordando. Venha, ânimo.

Estava convencido de que Elizabeth estava vendo as coisas tal e como tinham ocorrido. Pensava que era vidente e que podia ver o mesmo que observavam os olhos de seu irmão gêmeo. Por isso podia ver as paredes e sentir o medo de seu irmão, mas não podia ver sua cara.

— Levaram-no frente a uma mulher que estava nua e atada com cadeias a uma parede. Alguém levantou um abajur de azeite. Caía água por essa parede e a mulher tremia de frio. Sangrava-lhe o pescoço e aproximaram David até ela. Disseram-lhe que bebesse o sangue ou o matariam. Ele se negou — lhe explicou Elizabeth enquanto abria os olhos e o olhava — Tem que saber que se negou. Estava gritando e dando patadas todo o tempo. Então o esmagaram contra o pescoço dessa mulher e o forçaram a beber. Podia saborear o sangue, inclusive pude sentir as mesmas náuseas de meu irmão. Depois... Depois, o líder agarrou o rosto de meu irmão e o olhou. Mas sei que me olhava através dos olhos dele. Disse-me que ia conseguir dar conosco.

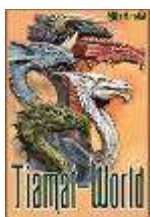
— Conosco? —perguntou-lhe ele.

— Sim, também estranhei. Podia estar falando só de mim, mas intuo que se referia aos dois, a ti e a mim.

Josef a observou enquanto limpava as lágrimas com as mãos.

— Darei com essa besta antes de que possam nos fazer mal.

Elizabeth não podia deixar de chorar.



— Não o entende. Vim até aqui para encontrar meu irmão, não era amor o que procurava. Não sei se vou em busca dessas criaturas para encontrar David ou se vou sair fugindo. Eu adoraria poder te levar comigo a minha casa na Virginia, aos pés das montanhas Blue Ridge. Eu gostaria de poder esquecer que existe este mundo escuro e tenebroso no que estou me vendo imersa. Não posso acreditar que estejam acontecendo todas estas coisas. Mas assim é. Desejaria poder sair correndo, mas não posso abandonar David e permitir que se converta em um deles. Não posso fazê-lo Josef.

— O impediremos, não se preocupe. Vou encontrar seu irmão.

Deu-se conta de que estava mais envolto do que teria querido. Convenceu-se no dia anterior de que não podia apaixonar-se por Elizabeth porque tinha que ser capaz de matar seu irmão se chegava o caso. Mas tudo tinha trocado durante essas últimas horas e acabava de lhe prometer que o resgataria.

— Faça amor comigo até que amanheça, não quero pensar em nada mais —lhe pediu Elizabeth—. Não quero voltar a ter o mesmo pesadelo.

Sua voz estava carregada de angústia e desespero. Ao Josef lhe encolheu o coração.

Não queria lhe dizer que não se tratava de um pesadelo, mas sim o mais provável era que tivesse visto o que lhe tinha acontecido com seu irmão. Com ternura, ajudou-a a deitar-se de novo. Decidiu que beijaria todo seu corpo, cada centímetro de pele, até conseguir que relaxasse e esquecesse suas preocupações.

— Vire-se —lhe pediu.

Elizabeth se colocou de barriga para baixo. Começou lhe beijando a nuca e descendo por todas as costas até suas nádegas.

— Estou aqui, não vai passar nada mau — lhe sussurrava enquanto a beijava.

Tentava acalmá-la. Quando por fim o conseguiu, deu-lhe a volta e se concentrou em lhe dar agrado até ouvir de novo seus gemidos. Cada vez que a escutava gritar, sentia que ele também estava a ponto de perder o controle.

Quando já não pôde aguentar mais tempo, deslizou-se em seu interior muito devagar e a levou de novo ao clímax. Não demorou muito mais em chegar ele mesmo.

Algum tempo depois, satisfeitos e esgotados, Josef se apoiou sobre os cotovelos para olhá-la nos olhos. Estavam tão perto que suas bocas quase se tocavam.

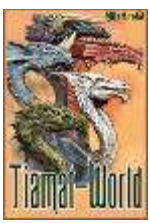
— Crê nas almas gêmeas? — perguntou-lhe.

— Antes não — murmurou Elizabeth—. Mas agora sim acredito.

— Confia em mim?

— Sim.

Não queria que chegasse a manhã. Tinha tido muito poucas amantes em sua vida. Suas aventuras sempre tinham sido breves e passageiras. Nunca tinha vivido nada tão intenso como aquilo. Nunca tinha se entregado por completo, sempre tinha protegido seu coração. Depois de um tempo, tinha chegado a acreditar que era sua condição de dhampir que o tinha levado a uma vida de dor e solidão. Essa crença tinha conseguido amargar sua existência, ao menos ao



princípio. Pouco depois, começou a resignar-se e se concentrou na missão que se impôs ele mesmo: acabar com todos os vampiros que encontrasse em seu caminho. Imaginava que era igual aos policiais ou aos trabalhadores dos depósitos de cadáveres. Depois de um tempo, já não lhe afetava a morte, era parte de seu trabalho, nada mais.

— Encontrarei David e o trarei aqui.

— Mas e se se converteu em um deles?

Ficou calado e Elizabeth se deu conta de que lhe custava responder.

— Conta-me Josef. O que é o que não te atreves a me dizer?

— Se for já um deles, a única maneira de liberá-lo será matando-o. Então, sua alma, se acredita em almas, seguirá sua trajetória fora desse corpo. Se não se tornou ainda vampiro, mas sim só está a meio caminho, posso liberá-lo matando a seu dono. Mas seu dono é muito poderoso, não vai ser fácil acabar com ele.

Elizabeth mordeu o lábio inferior, mas havia decisão em seus olhos. Josef se deu conta de que essa mulher tinha passado por muita coisa. Tinha perdido seus pais. Tinha viajado de um lado pra outro com um pai instável, mas era uma mulher forte e valente.

— Eu vou contigo — lhe disse Elizabeth então.

— Não, isso nunca.

— Sim — agarrou suas mãos e as sujeitou com força contra o colchão. Depois se agachou até quase tocar seus lábios.

— Não.

Elizabeth tentou liberar-se.

— Por favor, Josef. Trata-se de meu irmão, é meu gêmeo. Se não fosse assim, não teria visto o que vi esta noite. Suponho que, como disse, tenho poderes de clarividência. Posso ser de muita ajuda.

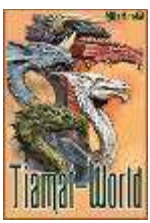
— Não vou deixar que venha comigo.

— Por que?

— Não é óbvio? Perdi a todos meus entes queridos, a todos. Se perdesse também a ti, não poderia seguir vivendo.

Josef soltou suas mãos e enterrou o rosto em seu pescoço. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Algo que fazia muito que não lhe acontecia e que não queria que Elizabeth visse. Sentia uma grande dor em seu coração e não queria nem pensar que acontecesse algo a essa mulher. Sabia que, por muito que o tentasse, nunca poderia fazer Elizabeth entender o que sentia quando fazia amor com ela.

— Josef, normalmente, quando duas pessoas se conhecem, mostram ao outro seu lado mais vulnerável — lhe disse Elizabeth girando-se para olhá-lo cara a cara. — Nós fomos diferentes. Estou aqui e estou desesperada. Tenho que encontrar a meu irmão — disse enquanto lhe limpava uma lágrima. — Você está aqui porque quer acabar com o mal. Somos duas pessoas metidas em um mundo escuro e perigoso. Mas também duas pessoas que, de maneira inesperada, viram-se envoltas em algo maravilhoso e perfeito.



Josef observou seus lábios enquanto falava. Adorava como movia a boca, tinha uns lábios preciosos e muito sensuais. Apesar da penumbra que reinava na casa, podia distinguir seus belos rasgos, sua pele de porcelana e os olhos claros e cheios de vida.

— Sim, de maneira muito inesperada — sussurrou ele. — Estou pondo minhas cartas sobre a mesa, Elizabeth. Não tenho tempo para andar com rodeios. Não quando os lobos estão tão perto...

Beijou-a e Elizabeth respondeu ao beijo com a mesma intensidade.

— Nunca me senti assim. Nunca fiz amor desta maneira. Nunca antes senti verdadeira dor, uma dor quase física, só pensando que tenho que deixar esta cama. Nunca senti alguém dentro de mim como senti a ti. Acredito que levaste contigo minha alma — lhe confessou Elizabeth —. Não posso deixar que enfrente sozinho à busca de meu irmão. Não posso e não o farei. Nunca poderemos sair daqui, explorar algo mais, ter um futuro, se não acabarmos com a besta que violou sua mãe e sequestrou meu irmão. Ou o fazemos juntos ou irei ao bosque sozinha.

— Isso é uma loucura, Elizabeth. Uma loucura sem sentido. Acabariam contigo na primeira noite.

Josef tinha centenas de razões para não querer que o fizesse. Muitas mais racionais. Pensou em seu pai adotivo, que para ele era seu verdadeiro pai, e em todos os documentos que recolheram durante anos. Sabia de uns mil assassinatos ocorridos na Europa que podiam ser atribuídos aos vampiros. Essas eram mil razões a mais para não deixar que Elizabeth corresse algum perigo. Razões que acrescentava às pessoais e a mais importante. Tinha descoberto que a amava e não podia deixar que fosse com ele para acabar com os vampiros que tinham sequestrado a seu irmão. Mas não queria nem pensar que ela pudesse levar a cabo sua ameaça e ir sozinha ao bosque. Isso era o que mais medo lhe dava.

— Viverei para sempre contigo ou morrerei contigo nas montanhas — seguiu dizendo ela —. Mas não vou permitir que vá caçar sem mim. Não deixarei que essas criaturas me convertam em uma... Em uma espécie de viúva.

— Mas, Elizabeth, dá-te conta de quão perigoso é tudo isto e de quão irresponsável está sendo?

— Quando está dentro de mim, Josef, sinto que eu também quero estar em seu interior... Não sei explicá-lo. É como se queria te devorar, mesclar seu corpo com o meu para ser uma só pessoa.

Suas palavras foram estímulo suficiente para que Josef se excitasse de novo.

— De acordo — disse então a contra gosto —. Começarei a te treinar amanhã mesmo. Mas tem que aprendê-lo tudo como o fiz eu, depressa. Tem que fazer tudo o que te diga.

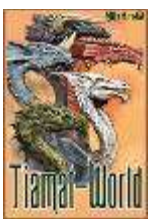
— Não, você tem que fazer o que eu te diga — disse Elizabeth com picardia.

— Muito bem, e o que quer que faça agora?

— Sussurrarei-lhe isso ao ouvido assim que esteja dentro de mim.

Faltou-lhe tempo para fazer o que lhe pedia.

— Quero que me suplique que te deixe chegar ao orgasmo...



— Quer que te suplique?

Ela se limitou a sorrir enquanto se movia de maneira deliciosa. Estava voltando-o louco.

— Por favor, não me faça isto ou não aguentarei mais...

As súplicas faziam que se sentisse muito vulnerável, não estava acostumado a fazê-lo.

— Não era isso o que tinha que me pedir, a não ser o contrário...

Negava-se a deixar que ela levasse as rédeas, não queria perder o controle, a não ser alargar ao máximo o momento. Mas os beijos da Elizabeth conseguiram finalmente acabar com sua férrea vontade.

— Por favor, Elizabeth...

— Assim eu gosto. Bom menino — disse ela —. Mas não se preocupe, você segue controlando a situação, Josef, porque sou toda tua.

— Então os dois somos escravos do amor — lhe disse ele enquanto se deixava cair em um poço de inenarrável prazer.

Capítulo 11

O amanhecer chegou muito cedo para Elizabeth. Ficou ensimesmada olhando o fogo na chaminé e pensando em tudo o que tinha passado essa noite. Não podia tirar um sorriso da cara. Sempre tinha sentido inveja das pessoas que se apaixonavam e viviam em um estado de felicidade constante. Incomodava-lhe que os amantes sempre pensassem que sua relação era única e que ninguém compartilhava uma paixão como a deles.

Mas nesse instante se sentia em posse da verdade. Tombada na cama de Josef, estava convencida de que ninguém, desde o começo dos tempos, tinha vivido uma experiência tão maravilhosa como aquela, tanto do ponto de vista sexual como espiritual.

Acreditava que ninguém viveu orgasmos como os seus e que o que sentia não o havia sentido ninguém.

Preferia morrer antes de que a separassem de seu amante. Sabia que estava sendo ingênua e tola, mas também sabia que estava sendo sincera.

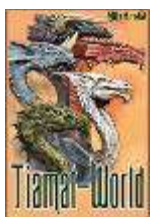
Deu meia volta para lhe dar um beijo. Imaginou fazendo de novo amor com ele para depois compartilhar o café da manhã. Mas o outro lado da cama estava vazio.

— Josef? — chamou-o enquanto se incorporava depressa na cama.

Temia que já tivesse saído para as montanhas. Estava furiosa. Decidiu que o seguiria até dar com ele.

—Josef! — chamou-o com mais força.

Ninguém respondia. Estava muito zangada. Viu então que a porta do banho estava médio aberta. Levantou-se e vestiu o pulôver do Josef. Chegava-lhe só por debaixo do traseiro, mas era quente. E o que era muito melhor, cheirava a ele.



— Josef? — chamou-o uma vez mais enquanto abria a porta do banho.

Ouviu um gemido e o encontrou estendido no chão, de lado e dobrado completamente. Estava abraçado a seus joelhos e seu rosto refletia a dor que sentia.

— Meu Deus, querido! O que te passa? O que é isto? — perguntou-lhe assustada —. Está me assustando, o que é o que te ocorre?

A dor devia ser muito forte porque Elizabeth se deu conta de que estava muito pálido. Suava e respirava com dificuldade.

— Não quero que me veja assim — sussurrou Josef —. Por favor, não quero que me veja. Volta para a estalagem.

— Não! — exclamou ela enquanto voltava para a cama.

Tomou o edredom e o arrastou até o banheiro. Cobriu seu corpo. Josef estava quase nu, só levava posto as cuecas. Sujeitou a cabeça em seu regaço e a acariciou com ternura.

— É isto o que te passa? Cada dia? — perguntou-lhe com angústia.

— Algumas vezes... — disse ele com uma careta de dor —. Às vezes as manhãs são tão duras que a dor me faz perder o conhecimento. Nunca pensei que fosse ocorrer o que passou ontem à noite. Nunca deixei que ninguém me visse assim e tampouco quero que me você veja — lhe disse com dureza.

— O que posso fazer?

— Nada!

— Posso te tocar, te acariciar. Posso estar aqui, a seu lado.

Josef fechou os olhos com força.

— Odeio meu lado escuro. Odeio ser como sou...

Elizabeth lhe pôs o dedo indicador aos lábios para que deixasse de dizer essas coisas.

— Descansa, precisa descansar.

Tirou o pulôver e deitou a seu lado, abraçando suas costas. Podia sentir seu calor. Esteve assim um bom momento, beijando-o de vez em quando e deixando que sentisse sua presença. Esperava que fosse recuperando sua força para poder levantar do chão.

Algum tempo depois, Josef conseguiu incorporar-se um pouco.

— Acredito que já poderia ir à cama por meu próprio pé — lhe disse com voz cansada.

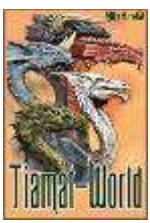
Estava sem energia. Doía-lhe vê-lo assim. Ajudou-o a levantar-se e se dirigiram juntos para a cama.

— Irei à estalagem buscar algo para comer — ela falou enquanto o cobria com as mantas — Pedirei a Anna algum de seus unguentos ou algo que te possa aliviar um pouco, de acordo?

Josef assentiu com a cabeça. Tinha os olhos afundados e grandes olheiras. Seus belos lábios estavam secos e gretados.

Vestiu as calças, as meias e as botas. Ia trocar de roupa em sua habitação. Pensou melhor e decidiu recolher todas suas coisas e transladar-se à casa do Josef. Deu-lhe um beijo e foi para a porta. Passou ao lado da loba, que seguia frente à chaminé.

— Cuida dele, Mará. De acordo?



Fazia um frio gelado. O fôlego se condensava em uma nuvem frente a sua boca e se deu conta de que tinha nevado a noite anterior. Foi depressa para a estalagem e entrou pela porta principal. Anna a recebeu com um divertido gesto.

— Madrugou muito esta manhã! — disse a mulher com ironia.

— Sim, Anna — disse ela sem poder esconder um sorriso de felicidade — Sim, é verdade. Passei a noite na casa do Josef.

— Isso está muito bem! — replicou Anna com firmeza — Está tão sozinho...

Assentiu ao escutá-la.

— Sim, mas venho porque necessito sua ajuda, Anna. Está muito doente e débil. Tem muitas dores.

A mulher entrou em funcionamento assim que escutou suas palavras.

— Deixe que lhe prepare uma bandeja de comida e todo o necessário para que se sinta melhor. A levarei a casa. Você pode subir a sua habitação, tomar banho e trocar de roupa. Prepararei aos dois um estupendo café da manhã para que tomem ali e para que Josef se sinta melhor.

— Obrigado, Anna — lhe disse com sinceridade.

Subiu depressa as escadas para sua habitação. Deteve-se frente à grande vidraça com o desenho do espinheiro e ficou olhando-o uns segundos.

— Por favor, ajudem-no — disse em forma de prece enquanto pensava nas monjas que tinham vivido e morrido ali.

Quando chegou a seu quarto, tirou sua roupa da cômoda e do armário e deixou tudo sobre a cama. Depois tomou seu penhoar e foi até o banho, que estava ao outro lado do corredor. Tomou banho rapidamente, secou o cabelo com uma toalha e o recolheu em um rabo-de-cavalo. Olhou-se com atenção no espelho. Deu-lhe a impressão de que estava distinta. Depois de tudo o que passou, pelo que descobriu sobre os vampiros, o que viu na montanha e o que compartilhou com Josef, acreditava que nunca voltaria a ser a mesma pessoa.

De volta em sua habitação, trocou de roupa, vestiu outra calça jeans, umas grossas meias de lã, botas, um pulôver de pescoço alto negro e outro pulôver de lã em cima. Olhou o do Josef, tinha-o sobre a cama. O levou a cara e o acariciou com a bochecha. Doía-lhe muitíssimo que esse homem tivesse que sofrer tanto.

Colocou todas suas coisas na mala, fechou-a e a baixou ao vestibulo. Zoltan estava ali e se fixou na bagagem.

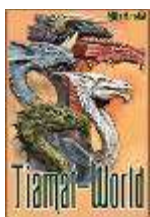
— Vejo que já se vai.

— Vou à casa do Josef — lhe disse ela.

Não pôde evitar ruborizar ao dizê-lo. Depois de tudo, as coisas tinham acontecido tão rapidamente que lhe resultava estranho justificar sua decisão. Mas sabia que Josef a necessitava e não lhe importava nada mais.

— Quer que a ajude a levar a mala? Posso deixa-la à entrada da casa do Josef.

— Não, não faz falta, obrigado. Não é muito pesada.



Tomou a bagagem e saiu de novo ao frio. Olhou o céu cinza e teve um momento de insegurança. Josef não a tinha convidado a ficar em sua casa e temeu que lhe parecesse mal que aparecesse ali de novo e com a mala nas costas. Mas pensou que ia ter que aceitar as coisas tal e como fossem transcorrendo porque estava decidida a encontrar a seu irmão e a que o fizessem os dois juntos.

Não podia deixar de admirar as montanhas. Esses topos rivalizavam em beleza com os Alpes, embora as cúpulas dessas montanhas pareciam mais temíveis e impressionantes, escondidas sempre entre cinzas nuvens. Não entendia como um local tão majestoso e magnífico podia esconder segredos tão escuros e terríveis.

Respirou profundamente e foi até a casa. Abriu a porta e viu Josef na cama. Pôs uma camiseta e um pijama de flanela. Estava apoiado em um par de almofadões. Embora mais tranquilo que antes, seguia estando muito pálido.

Deixou sua mala no chão e fechou a porta. Foi para o oco que fazia as vezes de dormitório, tirou as botas e deitou a seu lado na cama.

—Vejo que trouxestes sua bagagem —lhe disse Josef com um leve sorriso.

—Bom, pensei que não te importaria ter companhia... —disse ela lhe dando um beijo na bochecha.

Seu rosto estava algo áspera, precisava barbear-se. Essa barba de dois dias lhe dava a aparência de um duro e sexy guerreiro.

—Não consegui te assustar com o que vi no banheiro esta manhã?

—Não —disse ela.

Deslizou a mão sob a colcha e viu que estava excitado.

—Vejo que não está tão fraco como pensava...

—Não...

—Mas temos que nos levar bem. Anna vai chegar em qualquer momento com o café da manhã e alguns remédios naturais para ti.

—Que bem! É uma Santa. Seguro que me sinto melhor assim que coma algo.

—Então, deixamos o treinamento para amanhã?

Josef suspirou ao escutá-la.

—Tinha a esperança de que tivesse pensado melhor e mudado de opinião.

—Justamente ao contrário. Estou mais decidida ainda que ontem à noite.

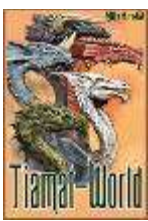
—Isso que temia. E sei além que não vou poder te convencer para que não venha comigo.

Alguém bateu na porta e interrompeu sua discussão.

—Entre —disse ela em voz alta.

Anna abriu a porta e apareceu com discrição a cabeça. Ia carregada com uma bandeja cheia de pratos e talheres. Josef e ela descobriram em seguida que lhes tinha preparado papa de aveia, ovos mexidos, salsichas e madalenas de ameixa.

—Isto conseguirá fazer que te recupere, Josef —disse a boa mulher com orgulho, enquanto colocava tudo sobre a mesa.



Tirou depois duas garrafinhas dos bolsos de seu pulôver.

—Tem que tomar três colherinhas do que há na garrafa marrom —disse Anna a Elizabeth — Três depois do jantar e outras três na hora de ir-se à cama. Não gosta e sempre se nega a tomá-lo, mas eu sei o que lhe convém.

Não pôde evitar sorrir ao ver como Anna falava do Josef como se fosse um menino pequeno negando-se a tomar seu remédio.

—O que há na outra garrafa é um unguento com o que tem que massagear todas suas articulações. Cheira um pouco mal, mas funciona. Verdade, Josef?

Ele a olhou com um grande sorriso.

— Minha querida Anna...

—Bom, vou para que os dois namorados possam tomar a sós o café da manhã —disse a mulher enquanto saía da cabana.

A primeira coisa que fez Elizabeth foi dar o remédio a Josef. Tomaram o café da manhã tranquilamente e depois lhe aplicou a pomada nas articulações. Ele estava nu e se divertiu brincando com ele.

— Necessita um pouco aqui? —perguntou-lhe com um pícaro sorriso enquanto assinalava seu membro.

—Acredito que já cuidou bastante bem dessa parte de minha anatomia, senhora, mas muito obrigado por seu interesse.

Passaram o dia na cama, aconchegados, beijando-se e acariciando-se. Aproveitou uma sesta de Josef para pegar alguns livros da estante e ler algo mais sobre vampiros.

Fez-se noite e, como era normal nessas montanhas, os lobos começaram a uivar.

—Parece que estão tão perto... —sussurrou ela ao ouvi-los —. É como se estivessem tentando nos assustar.

—Sabem muito bem quem sou e onde vivo. Sabem que estamos em terreno sagrado e isso os tira do sério. Além disso, sempre queimo madeira de espinheiro na chaminé, isso os mantém mais longe ainda.

—É uma lenha que arde muito bem, esquentando rapidamente toda a casa —comentou ela.

—Sei. O nome científico do espinheiro é *cmtaegus*. Procede do vocábulo grego *kratos* que significa “forte”. É uma madeira muito útil para fazer flechas e estacas, mas também arde muito bem. É a melhor madeira para queimar. Assim esquento a cabana rapidamente e faz que os lobos se voltem loucos.

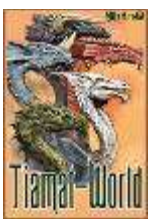
Como se os tivesse incitado com suas palavras, ouviram mais uivos desses animais.

— O que crê que significam esses uivos?

—Assim é como se comunicam os verdadeiros lobos. Entre vampiros, acredito que os usam a modo de ameaça.

—Alegra-me estar aqui na casa e contigo —disse ela sem poder evitar estremecer-se.

Fizeram amor muito lentamente. Depois, Josef dormiu. Ela estava acordada, escutando os uivos dessas criaturas. Dava-lhe medo dormir, não queria ver através dos olhos de seu gêmeo o



que lhe podiam estar fazendo. Temia que quando por fim desse com David fosse muito tarde e Josef tivesse que usar uma dessas flechas de espinheiro para liberta-lo de sua alma de vampiro.

Capítulo 12

De pé ao lado da cabana, Josef observou como Elizabeth disparava as flechas. Tinham colocado um alvo sobre a cerca que havia detrás da estalagem. Depois de umas quinze tentativas, por fim tinha conseguido acertar no alvo.

—Não está nada mal —lhe disse ele.

—Obrigado. Mas vou ter que melhorar muito. Não posso falhar...

Elizabeth foi até a cerca para recolher as flechas. Não podia deixar de olhá-la. O frio ar da montanha tinha tingido de vermelho suas brancas bochechas. Tinha um aspecto muito saudável.

Ela mesma tinha talhado os dedos de suas luvas de lã para agarrar melhor o arco. Levava recolhida sua negra e brilhante juba sob um gorro de lã negro que lhe tinha emprestado. Levava jeans e um grosso pulôver.

Ele seguia um pouco fraco. Doíam-lhe os ossos, sobre tudo a coluna vertebral. Mas lhe aliviava tê-la a seu lado. Tinha sido uma grande surpresa em sua vida. Ele viveu até então só para a caça e para depois recuperar-se dessas duras noites na montanha. Dedicava sempre os dias a ler e a investigar. E sempre esteve sozinho. Gostava de meditar e jantava de vez em quando com a Anna e Zoltan. Fazia muito tempo que tinha deixado de sonhar ter uma mulher a seu lado porque nunca acreditou que pudesse ser possível. Elizabeth tinha aparecido em sua vida no momento mais difícil para a jovem, por culpa das misteriosas circunstâncias nas que desapareceu seu irmão. Estava seguro de que o destino usava muitas vezes essas situações para tecer as vidas das pessoas.

Elizabeth voltou para seu lado com o arco e as flechas e se preparou para disparar de novo.

—Te prepare com segurança —lhe indicou—. E dispara!

Elizabeth o fez e esteve a ponto de acertar o alvo de novo. Sem perder nem um segundo, colocou outra flecha no arco e apontou como lhe tinha ensinado.

—Puxa a corda do arco bastante e usa a parte de cima de sua mão para pô-la em uma posição que te resulte cômoda. A corda deveria estar justo diante de seu olho para que possa ver a flecha da parte de atrás. Pode fazê-lo, Elizabeth.

Apontou melhor e disparou. Voltou a acertar o alvo. Aproximou-se dela e a beijou na frente.

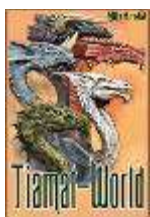
—É uma arquera consumada e nem sequer sabia.

Elizabeth o olhou com esperança aos olhos.

— De verdade? Pensa que posso fazê-lo?

—Não me alegra ter que embarcar os dois na aventura que nos espera, amor, mas acredito que tem muita boa pontaria.

Elizabeth seguiu praticando toda a tarde, até que lhe disse que o deixasse.



—Olhe seus dedos. Estão cheios de ampolas e feridas, lhe vão sair calos. Se não se curarem a tempo, não vais poder usar o arco —disse ele enquanto olhava ao céu—. Já está quase anoitecendo. Estudaremos alguns mapas esta noite e riscaremos um plano. Não sei se for consciente disso, mas para dar com a guarida do lobo negro, meu pai biológico, vamos ter que dormir no bosque, isso é inevitável. Não está em um lugar que possamos chegar em um dia. O caminho é mais fácil de encontrar agora que as árvores não têm folha, mas a neve vai entorpecer muito a marcha. Vai fazer frio, estaremos molhados e esgotados todo o tempo.

Elizabeth o olhou com os olhos entrecerrados.

—Não vai conseguir me convencer para que não vá.

—Não tentava fazê-lo.

—E se derem conosco no meio do bosque?

—Então lutaremos até o último fôlego. Mas o principal objetivo é que não nos encontrem. Também podemos colocar armadilhas ao redor de nosso acampamento para ter um pouco de vantagem.

Elizabeth pendurou o arco às costas. Era muito grande, quase tanto como ela.

—Dá-me medo a escuridão —disse ela então. —A escuridão das montanhas...

Suas palavras fizeram que Josef recordasse irremediavelmente a escuridão do baú onde o escondeu sua mãe.

—Eu estava acostumado a ter muito medo à escuridão. Recorda como te disse que minha mãe me tinha oculto? Não via nada, fazia calor e podia ouvir tudo o que estava acontecendo na casa. Ainda tenho pesadelos nos que revivo essa noite.

Ela o abraçou pela cintura e caminharam assim até a casinha de pedra.

—Sendo já um adolescente, seguia dormindo com um lâmpada acesa. Uma vez confessei a um de meus amigos no instituto, meu único amigo, que me dava medo a escuridão. Ele era mais fofoqueiro do que pensava e o contou para outros meninos. Atacaram-me um dia no colégio e me encerraram no armário da limpeza, onde não havia luz.

— Meu Deus! Que horror!

Chegaram à casa, os dois sacudiram a neve das botas e entraram. Ele foi direto à chaminé e colocou um par de ramos de espinheiro.

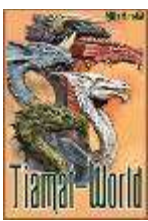
—Foi horrível, passei muitíssimo medo. Algum tempo depois, o zelador do instituto me encontrou. Foi até ali porque ouviu meus gritos. Fui correndo até casa e disse a meu pai que não pensava voltar para o colégio. Disse-lhe que não voltaria nunca.

— O que ele te disse?

Tirou uma garrafa de conhaque e serviu duas taças.

—Disse-me que levava já algum tempo pensando em meu problema, no medo que tinha à escuridão. Acreditava que não era a escuridão o que me dava medo, a não ser o que saía dessa escuridão. Podiam ser vampiros, lobos ou assassinos em série. Tinha medo das criaturas da noite, não da noite —explicou enquanto lhe entregava uma das taças de conhaque.

—Obrigado —murmurou Elizabeth. —O licor ajudará a me esquentar por dentro... Suponho



que seu pai tinha razão. Ajudou-te o que disse?

—Sim. A partir desse dia, aprendi a confiar na noite e em sua escuridão. Cheguei inclusive a encontrar beleza nessa noite e decidi que encontraria a maneira de lutar contra os seres que povoam a escuridão. Ao princípio, acreditei que meu destino seria me converter em detetive da polícia, como meu pai. Mas depois, quando começamos a investigar aos assassinos em série e descobrimos minha verdadeira natureza, dava-me conta de que estava destinado a isto. Embora saiba que se trata de uma existência difícil de entender.

Passaram o resto da noite estudando os mapas das montanhas. A maioria eram simples planos topográficos com zonas verdes e marrons. Mas ele tinha seus próprios mapas, aos que tinha acrescentado detalhes de caminhos, penhascos que lhe serviam de guia e outras formações rochosas que fossem ajuda-los.

—Memoriza tudo o que puder destes mapas —lhe pediu ele. —Se, por algum motivo, nos separarmos, tem que tentar voltar para a estalagem por aqui —acrescentou enquanto lhe indicava um caminho com o dedo. — E tem que fazê-lo tão rapidamente como pode. Não te detenha por nada do mundo. Eu me encontrarei aqui contigo.

—Não podemos nos separar —disse Elizabeth enquanto lhe acariciava o braço.

A jovem estudou os mapas com interesse durante muito tempo, até que as chamas se extinguíram e não ficaram mais que algumas brasas na chaminé.

Ele foi por mais lenha e a meteu na estufa do dormitório. Preparou a cama e acendeu um abajur de azeite na mesinha. Quando voltou ao lado de Elizabeth, viu que estava dormindo.

Sentou-se em frente a ela. As duas velas que tinham sobre a mesa davam uma luz especial a seu rosto.

Tinha eletricidade na casa, procedia de um gerador, mas só um par de horas ao dia.

Não podia deixar de olhá-la, essa mulher conseguia deixá-lo sem respiração. Sem dar-se conta, converteu-se em alguém muito importante em sua vida.

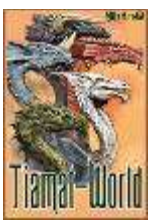
Esticou a mão para ela e acariciou seu cabelo. Era incrivelmente suave e sedoso. Tinha uma pequena cicatriz, algo assim como uma pequena estrela branca, a um lado do olho. Perguntou-se como a teria feito. Sorriu ao imaginá-la brincando no parque quando menina.

Queria conhecê-la melhor e saber tudo de sua vida. Acariciou a pequena cicatriz. Teria gostado de estar a seu lado no dia que se fez essa ferida para lhe dar um beijo que a curasse logo.

Levantou-se e foi até o dormitório, onde colocou uma espécie de altar. Ajoelhou-se frente às fotos de suas duas mães e rezou em silêncio.

“Se vocês me enviaram a esta mulher, por favor, se encarreguem de que não nos aconteça nada e me ajudem a destruir o mal”, rogou com fervorosa fé.

Capítulo 13



Elizabeth recordou ter estado estudando os mapas, mas não podia lembrar-se de nada mais.

Despertou quando estava já a ponto de amanhecer. Custou-lhe acostumar seus olhos à escuridão. Josef dormia abraçado a ela. Era bem mais alto e a fazia sentir-se protegida e delicada.

Conseguiu afastar-se dele sem despertá-lo. Voltou-se para olhá-lo. Quando dormia, podia imaginar esse menino pequeno que tinha visto nas fotografias do relatório policial. Não tinha rugas no rosto, sua pele era muito macia e suave.

Os cachos do cabelo lhe davam um ar travesso e juvenil. Deu-se conta de que era seu olhar que lhe dava esse ar de maturidade e sofrimento que sempre parecia arrastar consigo. Mas dormindo, com os olhos fechados, parecia estar em paz com o mundo.

Acariciou seu rosto e se aproximou mais dele. Queria aproveitar esses últimos momentos de tranquilidade e felicidade. Sabia que tudo mudaria assim que saíssem em busca desse clã de vampiros. Não ia ser uma missão fácil. Passariam medo e muito frio, mas não podiam tampouco ficar metidos naquela cabana para sempre.

Ainda não tinha amanhecido quando ouviu alguém batendo na porta. Josef despertou de repente e se sentou na cama. Olhava a seu redor com pânico.

— O que foi isso? — perguntou-lhe enquanto se abraçava a ela.

— É a porta.

Levantaram-se e vestiram suas batas. Josef olhou pela janela que havia ao lado da porta. Mará parecia estar algo nervosa e tinha começado a ladrar.

— Pode ver quem está aí?

Josef negou com a cabeça, pegou o facão que pendurava da parede e se aproximou da porta preparando-se para atacar se fosse necessário.

— Quem é? — perguntou em voz alta.

— Zoltan — disse o homem do outro lado da porta.

— O que ocorre? — perguntou Josef assim que abriu.

— Fogo! — exclamou Zoltan.

Josef saiu da casa e ela foi atrás. O vento gélido da manhã a deixou sem fôlego. Estava descalça e sentiu o frio entrando por todo seu corpo.

Os três ficaram olhando absortos como as chamas consumiam o velho celeiro do outro lado da estalagem.

— Terá que chamar os bombeiros! — sugeriu ela.

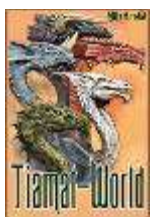
— Não, não podemos avisar a ninguém. Estamos muito isolados — lhes disse Zoltan. — Teremos que deixar que se queime.

— Acreditam que...?

Elizabeth não precisou terminar de lhes fazer a pergunta, sabia que os dois homens a tinham entendido.

Josef assentiu com a cabeça.

— O fogo assusta os vampiros. Mas em suas formas imortais, com corpos humanos, são capazes de provocar incêndios. Estou seguro de que foram eles. É uma espécie de advertência,



uma ameaça.

—Pensei que não se aproximariam nunca da terra sagrada —murmurou Elizabeth.

—Essa parte da propriedade não está santificada —lhe explicou Josef—. Pertencia ao encarregado da manutenção deste local, ao menos isso conta a madre superiora em seu diário. Tinha ali umas poucas vacas e uma horta, mas foi assassinado.

—Ou pode ser que estejam arriscando-se cada vez mais —adicionou Zoltan.

Os três contemplaram as chamas em silêncio. Apesar do que aquele incêndio significava, a imagem das chamas alaranjadas e rosáceas elevando-se para as montanhas era espetacular, inclusive bela. Elizabeth ficou abstraída as olhando.

Josef e ela voltaram para a cabana e se vestiram com roupa quente e cômoda. Zoltan os esperava do lado de fora.

—Isto não é um bom sinal —lhe sussurrou ele. —Pode ser que estejam tentando jogar uma isca para que saíamos daqui. Ou, o que é pior, tenho medo de que estejam tentando fazer com Zoltan e Anna.

— Não! Você acredita? Seria horrível, são umas pessoas tão boas, não poderiam machucar a ninguém — disse ela com angústia.

—Sei. Mas, enquanto estivermos aqui, estamos pondo-os em perigo, Elizabeth. Vamos ter que cortar o tempo de treinamento e nos arriscar a encontrar a guarida dos vampiros por nossos próprios meios. Como podemos...

Elizabeth mordeu o lábio com preocupação. Parecia-lhe surrealista que, só uns dias antes, tinha sua cômoda vida como professora de universidade nos Estados Unidos. Tudo estava mudando muito depressa. Parecia-lhe uma loucura. Pensou em avisar a seus companheiros de departamento sobre o que estava fazendo, mas não sabia nem por onde começar. E, o que era pior, duvidava que fossem acreditar nela.

Saíram depressa da casa e, em companhia do Zoltan, atravessaram correndo a propriedade. Era difícil correr e escorregou várias vezes no gelo. Tentavam alcançar a grade do outro lado da estalagem. Chegaram a pequeno horta e, através dele, ao celeiro de madeira. Já estava quase completamente destruído. A fumaça encheu seus pulmões, não podia respirar bem. Queimavam-lhe os olhos. O vento enchia o ar de cinzas.

—Tome —disse Zoltan enquanto lhe dava um lenço.

Tampou com ele a boca e o nariz para respirar um pouco melhor. Ajudou-a um pouco, mas os olhos doíam cada vez mais.

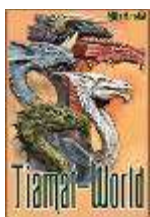
Josef tossia sem parar enquanto se aproximava das chamas. De onde estava, Elizabeth quase podia sentir o calor das chamas lhe queimando as pestanas. Não podia nem imaginar como Josef poderia suportar estar tão perto das chamas.

— Céu santo! —exclamou ele de repente.

— O que ocorre?

Josef tentou colocar-se frente a ela, como um escudo, para que não visse algo que havia ali.

—Não me trate como uma menina —disse ela com angústia. —O que é o que acontece?



—Não olhe, Elizabeth —disse Josef enquanto a abraçava com força.

Mas ela o empurrou para apartá-lo.

— Não!

Notou que Josef parecia render-se e lhe assinalou um ponto do celeiro com a mão. Viu um corpo pendurando de uma das vigas. Estava tão chamuscado que era difícil reconhecer o rosto da pessoa. Tinham-no pendurado com um arame para que não caísse assim que começasse o fogo. E se deu conta de que o tinham deixado ali para que eles pudessem encontrá-lo.

Era o corpo de uma mulher.

Esteve a ponto de cair ao chão ao vê-lo. Agachou a cabeça e levou as mãos às têmporas. Zoltan se aproximou dela e lhe acariciou as costas.

— O que ocorre, Elizabeth?

—Minha cabeça —lhe disse ela.

Tentou incorporar-se, mas estava muito enjoada. Tinha uma forte dor, aguda, nas têmporas. E então apareceu de repente uma imagem em sua mente.

Era o corpo da mulher que tinha visto no pesadelo. A mulher cujo sangue David tinha tido que beber. Viu dois vampiros transportando-a com facilidade, como se não pesasse nada. Colocaram-na na viga. Os vampiros eram fracos e muito pálidos. As veias lhe davam um ar azulado a sua pele quase transparente. Viu como atavam o arame ao redor do pescoço da mulher. Depois empaparam seu corpo com gasolina. Riam como hienas selvagens enquanto tocavam fogo.

Elizabeth podia sentir a força de seus próprios batimentos cardíacos, sentia-se apanhada e aterrada. Não podia evitar ver essas cenas em sua mente. Fechou os olhos e sacudiu com força a cabeça, tentando deixar de ver aquela horrível imagem.

Mas viu como se movia o corpo da mulher.

Abriu de repente os olhos e olhou esse mesmo corpo. Viu-a entre as chamas. Estava morta, mas não em sua cabeça. Deu-se conta de que os vampiros a tinham posto ali quando ainda estava viva, para que sofresse mais ainda.

Deu um passo atrás cambaleando-se. Acreditava que ia arrebentar a cabeça, não podia suportá-lo. Tinha um nó na garganta que ameaçava afogar.

— Esses sádicos! —gritou enquanto caía de joelhos na terra gelada. — Estava viva quando a penduraram da viga!

Josef se aproximou dela e se ajoelhou a seu lado. —Fica com essa imagem —lhe pediu.

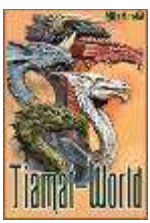
— O que? —perguntou sem entender. Não podia respirar.

—Fica com essa imagem em sua cabeça —lhe repetiu—. Não deixe que se vá, o que é que está vendo?

Elizabeth se levou as mãos à cabeça e fechou os olhos de novo. Não podia deixar de ver o que tinha acontecido nesse celeiro horas antes.

—Há dois vampiros. Seus olhos... Seus olhos não têm vida. São como rochas. Estão lhe procurando, Josef. Estão rindo de ti, tentando te provocar. Esperam-lhe...

— Pode ver sua guarida? Pode ver David?



—Ele... Espera! Posso vê-lo. Trouxeram-no aqui. Agora estão falando com ele. Meu irmão sabe que estou na estalagem e está desesperado. Também há um lobo negro. Está dormindo e é enorme.

— E a guarida? Vê a guarida? O que há a seu redor?

—Ossos —lhe disse ela sem poder deixar de tremer. —Há muita umidade ali. Posso ouvir a água caindo pelas paredes. E também está tudo manchado de sangue.

— É uma cova?

—Não. Está clandestinamente, feita de grandes pedras a modo de tijolos. Algumas pedras são cinzas, outras negras.

Caiu na terra gelada e esse frio a devolveu à realidade, que era muito melhor que ver as imagens que tinha em sua mente.

—Não posso ver nada mais... Não vai servir de nada...

—Claro que sim —lhe disse Josef. —Sua visão nos diz que estão nas ruínas de algum castelo ou possivelmente em uma velha fortaleza. Isso vai ajudar nos muito. Agora acredito que sei por onde vamos começar para buscá-los.

— Querem que vá procurar a Anna? —perguntou-lhes então Zoltan.

—Não —disse Josef. —Não queremos que veja isto. Deixaremos que termine de consumir o celeiro e enterraremos depois o corpo.

—Mas a terra está congelada —disse o homem.

—Não fica muito já do corpo. Posso enterrá-lo em um montão de cinzas e folhas e deixar que a natureza se encarregue do resto até que chegue na primavera o degelo.

Josef ajudou Elizabeth a levantar-se. Seguiam-lhe tremendo as pernas e apenas a sustentavam em pé. Foram os dois de volta à cabana. Zoltan ficou vigiando o fogo para que não se estendesse.

Elizabeth se voltou para olhá-lo por cima do ombro. Parecia muito aflito.

— Estarão seguros neste local? —perguntou preocupada. —Os vampiros serão capazes de entrar em terra sagrada?

—Antes te haveria dito com firmeza que não, mas já não estou tão seguro. A estalagem é feita de pedra sólida. Teriam que entrar para incendiá-la e não acredito que isso ocorra, mas se colocarem montões de madeira ao redor da casa e coloquem fogo, pode que consigam tira-los da estalagem com essa fumaça.

— Por que acredita que estão intensificando os ataques?

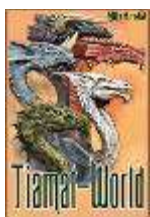
—É por ti. Sabem que é vidente. Me odiaram desde que me instalei aqui, mas agora estão mais furiosos e inquietos.

Entraram na cabana. Josef estava tão intranquilo que não parava de dar voltas pela pequena sala. Algum tempo depois, parou e a olhou aos olhos.

—Por favor, Elizabeth, deixa que faça isto sozinho.

—Não posso —disse ela com firmeza.

—Estive me preparando para este momento durante toda minha vida, desde que meu pai



biólogo arrebatou vilmente a minha mãe.

—Mas meu irmão está com eles. David e você são... São tudo o que tenho. Se ocorrer o pior, algo no que não quero nem pensar, de verdade crê que poderia ficar e ver de longe como lhes matam? Não quero me sentir impotente, ver que não posso ajudar. Isso me dá mais medo que me colocar nesse tenebroso bosque e ir até sua guarida.

Josef deu um chute numa lenha que havia ao lado da chaminé.

— Malditos canalhas! —exclamou. —De acordo. Vamos necessitar de mais armas. As flechas de espinheiro são mortais para eles, mas só posso disparar uma a uma.

— De que outras maneiras podemos acabar com eles?

—Podemos enganá-los para que saiam durante o dia, com a luz do sol, apanhá-los de algum jeito. É melhor com fogo... Com estacas de espinheiro... As estacas têm que lhes atravessar o coração.

—Se dormirem durante o dia, não poderíamos queimar sua guarida enquanto estão dentro de seus ataúdes?

—Estes vampiros não dormem em ataúdes —lhe disse Josef.

— Onde dormem?

—Em covas, em ruínas de antigos edifícios, clandestinamente... Meu pai adotivo estava convencido de que os metrô e as bocas-de-lobo de Londres eram o refúgio dos vampiros nessa cidade. São locais escuros e sujos. Adoram ser esses seres que aparecem de noite. Precisam sentir-se seguros, saber que estão protegidos. São muito paranoicos, mas também mais inteligentes e malévolos do que pode imaginar.

— Não sentem nenhum tipo de emoção humana?

—É professora da História das Religiões. Como representam o inferno as religiões mais importantes do mundo?

—Como lagos de fogo e coisas assim.

—Isso. Mas algumas definem o inferno como um estado em que as pessoas se encontram separadas de Deus para sempre, por toda a eternidade, não é assim?

—Sim, alguns interpretam assim o inferno. É verdade.

—Pois os vampiros não poderiam estar mais separados de seu Deus nem de suas almas. Invejam de algum jeito as emoções humanas, sentem certa curiosidade para elas, mas a maioria não recorda o que são nem como obter essas emoções. Só anseiam uma coisa, o sangue. Para eles é vida, é o estado líquido. Essa sede de sangue é mais forte que qualquer outro instinto. E isso faz que odeiem aos humanos.

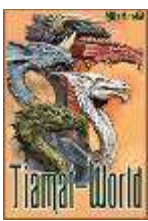
— Podemos atacá-los enquanto dormem nessas ruínas?

Josef assentiu.

—Mas pode ser que tenham alguém vigiando a entrada da guarida. E vamos ter que levar conosco querosene ou algum outro tipo de combustível se formos tentar esse plano.

— Algo assim como um coquetel Molotov?

—Sim. Será melhor que comece a reunir os ingredientes necessários. Não acredito que



demoremos mais de dois dias para chegar a sua guarida. Encarregaremos-nos de que Anna ligue para o povoado para ver se podem nos dar um relatório meteorológico desta zona. A última coisa que queremos é nos ver apanhados em uma tempestade de neve.

Josef se aproximou dela e a beijou na fronte.

— Tem medo?

—Sim.

—Eu também. Mas não podemos colocar Zoltan e Anna em perigo. Temos que fazê-lo.

—Sei.

Ficou olhando-o enquanto saía da cabana para ir procurar o necessário para os coquetéis Molotov. Só naquela casa, fechou o olhos e tentou pensar em David. Recordou-o como sempre tinha sido, saudável e alegre, não queria nem pensar em quanto estaria sofrendo nesses momentos.

Estava muito assustada porque, se a única opção era queimar a guarida dos vampiros, não sabia como iam poder tirar David com vida. Por outro lado, temia encontrar um irmão que não seria já o mesmo de antes, a não ser um ser metade vampiro, metade humano.

Não queria nem pensar nessa possibilidade.

Lhe veio de repente uma terrível ideia à cabeça. Se ela podia ver através dos olhos de seu irmão, possivelmente David também estivesse fazendo o mesmo com ela. Assim, seu irmão poderia haver contado aos vampiros qual era seu plano e Josef e ela cairiam na armadilha.

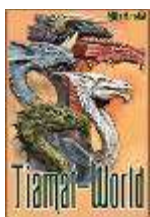
Capítulo 14

Josef não podia dormir. Ficou olhando o teto sem poder fechar os olhos. Contemplava a ideia de sair escondido da cabana e empreender ele sozinho a viagem para a guarida dos vampiros. Queria mais que nada proteger Elizabeth. Mas sabia que, como vidente que era, iria em sua busca. E seria ainda pior, porque acabaria sendo devorada pelos lobos ou morrendo de frio em umas montanhas que não conhecia tão bem como ele. Sabia que Elizabeth não deixaria que fosse só sem segui-lo.

Suspirou angustiado. As habilidades de Elizabeth como vidente podiam ajudá-lo de um ponto de vista tático, mas estava convencido também de que seria mais vulnerável com ela a seu lado. Aconteça o que acontecer, sabia que faria algo por protegê-la e isso implicava que os vampiros teriam uma clara vantagem sobre eles, algo que nunca tinha acontecido.

Preparou algumas garrafas enchendo-as de querosene. Também pôs trapos na ponta de algumas de suas flechas para poder as impregnar de querosene, as prender fogo e as lançar. Sonhava podendo incendiar a guarida dessas bestas e acabar com eles. Mas isso lhe fez recordar a seu querido pai. Teria lhe encantado o ter a seu lado nesses difíceis momentos.

Fechou os olhos com força e recordou a noite em que seu pai foi capturado. Junto ao



assassinato de sua mãe, foi um dos momentos mais dolorosos de sua vida. Os dois estiveram em um hotel de esquiadores perto do Harrachov. Ouviram que uma pessoa tinha sido encontrada morta perto das pistas em circunstâncias muito suspeitas. Encontraram seu corpo completamente mutilado. Acreditava-se que tinha sido um assassino em série. Mas a polícia local, que não queria acabar com o turismo da zona, atribuiu a morte a algum animal selvagem.

— O que te parece? —perguntou seu pai enquanto olhava os topos das montanhas. —Está anoitecendo, deveríamos começar a descer.

Josef assentiu com a cabeça enquanto golpeava os antebraços para se aquecer.

— Ainda tem café?

Seu pai se baixou um pouco mais seu gorro de lã e o olhou.

—Não, acabou depois de comermos. Mas fica um pouco de conhaque —lhe havia dito então seu progenitor com um sorriso.

—Isso soa ainda melhor.

Ouviram então o primeiro uivo a distância.

— Meu Deus! Temos que chegar rapidamente ao hotel. Esperamos muito...

Josef olhou a lua que começava a elevar-se.

—Estávamos tão concentrados seguindo esse rastro de sangue... Acredito que estamos muito perto de seu esconderijo.

—Sim. Mas, se não tomarmos cuidado, vamos estar muito perto. Venha, baixemos já.

Começaram a descer para o hotel. Suas botas especiais os ajudavam a não enterrar-se na neve com cada passo. Josef ia tão depressa como podia, mas lhe doíam muito os músculos. E sabia que seu pai, à idade de sessenta e três anos, devia estar sofrendo também.

Era uma noite gelada e seu fôlego mantinha constantemente úmida sua cara.

Um novo uivo os deixou sem fôlego. Mas dessa vez parecia estar muito perto. Seu pai o olhou. Não tiveram que dizer-se nada. Com grande esforço, começaram a correr tão depressa como podiam. Caíram várias vezes. Podiam ouvir grunhidos procedentes do bosque, cada vez estavam mais perto.

—Acredito que estamos rodeados, Josef —lhe disse então seu pai com voz resignada.

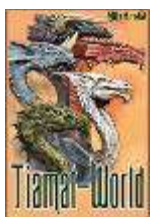
—Então lutaremos com todas nossas forças —disse ele.

Sentia-se frustrado e lamentava não haver se dado conta de que estava anoitecendo. Estavam muito absortos seguindo o sangue. Deu-se conta nesse instante de que possivelmente foi uma armadilha. Não entendia como esses vampiros podiam ser tão maléficos e inteligentes.

Ficaram de pé e com as costas tocando-se. Tomaram seus arcos e prepararam as flechas. Estavam preparados para disparar quando saíram os dois primeiros lobos dentre as árvores. Não tinha acreditado que fossem ser tão grandes. Eram bestas de aspecto feroz e sanguinário.

Disparou a um, mas falhou. Preparou outra flecha, disparou de novo e o acertou no flanco. A besta gemeu, apoiou-se em seus quartos traseiros e investiu contra eles com mais ferocidade ainda.

— Meu Deus, papai...! —murmurou Josef.



—Sei... —respondeu-lhe seu pai.

Enquanto Josef tirava outra flecha, saíram do bosque dois vampiros com formas humanas. Os lobos pareceram apartar-se um pouco e se mostraram submissos com os recém chegados.

— O que acredita que significa isto? —perguntou a seu pai.

—Nada bom.

Os vampiros foram para eles a uma velocidade sobrenatural. Estavam a uns dez metros deles e, meio segundo depois, a seu lado.

Atacaram seu pai, que se defendia como podia. Viu que tentava tirar sua faca. Josef pôde afastar-se deles e lhe deu tempo para armar-se com seu facão, mas um dos vampiros o golpeou com rapidez no punho. Sentiu a dor percorrendo seu corpo.

Foi para seu pai, mas os vampiros o arrastavam com rapidez para as árvores, como se não pesasse nada.

— Papai! —gritou com desespero.

Foi atrás deles, mas seis lobos o rodearam de repente.

Foram para ele e tirou rapidamente outra faca. Seu braço esquerdo estava tão dolorido que não podia usá-lo, mas a adrenalina o empurrava a atuar com mais força que nunca. Atravessou o peito de uma das bestas. O animal se içou sobre suas patas traseiras e Josef aproveitou para lhe cortar a garganta. O sangue saiu a fervuras e o empapou também a ele.

Atravessou o coração do lobo assim que este caiu desabado ao chão. Atacou-o então outro dos lobos, mas este conseguiu mordê-lo no braço e depois no ombro. Josef o apunhalou na cabeça e esteve a ponto de lhe cortar uma orelha.

A besta gemeu e se afastou. Depois, de maneira tão repentina como tinham aparecido, o lobo se retirou com o resto da manada e desapareceram entre as árvores.

As feridas do braço não paravam de sangrar, mas Josef foi atrás deles correndo.

— Papai, papai! —gritava sem descanso até que ficou sem voz.

Não podia ver seu rastro na neve. Mas ouviu em algum momento da noite a voz de seu pai. Era um grito desesperado cujo eco ressonou em todo o vale.

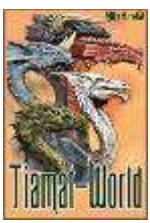
Exausto, Josef caiu de joelhos e desabou na neve. Pôde sentir seu próprio sangue impregnando sua cara. Doía-lhe todo o corpo. Em algum momento da noite, e por sorte para ele, perdeu o conhecimento.

No dia seguinte, tinham-no descoberto ali dois esquiadores que avisaram em seguida a um médico. Assim que se recuperou um pouco, saiu do hotel. Uma grande tormenta de neve aumentava na montanha e já não ficava nenhum rastro para seguir.

Mesmo assim, saiu à manhã seguinte e seguiu fazendo-o durante dias. Sem nenhuma sorte. Algum tempo depois desistiu de encontrar seu pai.

Não tinha se perdoado nunca.

Josef se levantou da cama. Essa cabana tinha sido seu refúgio. Sempre estava entristecido, era a única coisa constante em sua vida. Nunca tinha conseguido superar o desaparecimento de seu pai, mas esse local se converteu em seu lar e pensou que possivelmente essa fosse a última



noite que ia passar ali.

Olhou à bela mulher que compartilhava sua cama. Perguntou-se se, de verdade, poderiam chegar a ter, algum dia, um futuro juntos. Não se atrevia sequer a sonhar com isso, não queria que isso pudesse atrair sua má sorte.

Elizabeth se moveu a seu lado.

—Josef... —disse-lhe com a voz carregada de sono. —Tem que descansar.

—Não posso —sussurrou ele.

Ela deslizou a mão para tocar sua coxa. Acariciou-o até descobrir, pouco depois, que estava preparado para ela. Deu-se conta de que nem sequer a preocupação que sentia tinha conseguido aniquilar o desejo que sentia por essa mulher.

—Querido, te deite a meu lado —disse ela com voz melosa.

Fez o que lhe tinha pedido e começou a beijá-la no pescoço.

—Quando terminar tudo isto, virá comigo aos Estados Unidos e me fará o amor cada noite até que sejamos dois velhinhos? —perguntou-lhe ela.

Abraçou-a com mais força ainda.

—Segue sonhando com um futuro para os dois longe destas montanhas —lhe sussurrou ao ouvido. —Tenho que pensar nisso, tenho que acreditar que é possível para não perder a esperança.

—Acredite nisso - ela lhe pediu com firmeza.

Colocou-se em cima de Elizabeth e deslizou pouco depois em seu interior de veludo. Acreditava que esse lugar era o mais próximo ao céu que podia ter na terra. Moveu-se sobre ela, acariciando-a e beijando seus peitos. Notou que cada vez respirava de maneira mais acelerada e superficial. Parecia-lhe incrível que pudessem estar tão harmonizados. Os dois alcançaram o clímax de uma vez.

Elizabeth o olhou à cara e lhe mordeu o pescoço. Beijou-a e sentiu que ia relaxando pouco a pouco, que por fim podia deixar-se levar pelo cansaço e dormir.

Algumas horas mais tarde, despertou com o aroma do café recém feito. Sentou-se na cama. Elizabeth tinha preparado a mesa para o café da manhã.

—Anna nos trouxe pães-doces. Estava chorando, embora tentou que não me desse conta... Acredito que para eles é o filho que não tiveram —lhe disse ela.

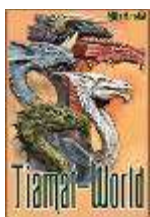
Josef assentiu com um nó na garganta.

—Nunca entendi por que tive tanto sofrimento em minha vida. Fui marcado desde meu nascimento ao ser um dhampir. Mesmo assim, tive comigo a Anna e Zoltan, agora a ti... Acredito que tive a sorte de dar com pessoas excelentes que benzeram minha dolorosa existência. Meu pai adotivo, minhas duas mães... Foram pessoas incríveis.

Elizabeth o olhou com solenidade antes de lhe falar.

—Anna me pediu que te pergunte se quer que cuidem de Mará. Não sabia se a loba viria conosco.

—Não, prefiro que fique aqui. Não quero me arriscar que os lobos a ataquem.



Elizabeth se ajoelhou ao lado de Mará e lhe arranhou as orelhas.

—Tem uma alma muito grande, não acredita? Nunca me contaste como a encontrou.

—Foi uma noite, quando disparei num lobo nas montanhas. Minhas habilidades como dhampir me permitem ver os vampiros embora estejam disfarçados de lobos. Vejo o que são de verdade. Vi essa mesma noite Mará, mas a olhei nos olhos e soube que era uma loba velha, uma mestiça. Ofereci minha mão para ela com um pouco de carne seca e se aproximou docilmente, esteve comigo após.

Elizabeth ficou em pé e foi até a mesa. Josef se sentou frente a ela. Olhou-a diretamente em seus pálidos olhos. Tinha um olhar decidido, mas algo triste. Ele sentia o mesmo e não eram necessárias as palavras.

Depois do café da manhã, vestiram-se com a roupa mais quente que tinham, inclusive com roupa interior comprida. Sem muita vontade, prepararam suas mochilas, colocaram seus arcos, as flechas e saíram da cabana.

Olhou uma última vez antes de fechar a porta.

—Voltaremos —lhe assegurou Elizabeth.

—Espera um momento —disse ele.

Deixou a mochila no chão, entrou e foi até o altar que tinha frente à cama. Tomou a foto de sua mãe e se benzeu. Voltou ao lado da Elizabeth e colocou a fotografia na mochila.

—Sentirei-me melhor se a tiver comigo —lhe explicou.

Ela assentiu com a cabeça e ele fechou a porta da cabana.

Mará ia a seu lado no caminho à estalagem. Elizabeth olhou para cima e se fixou nas gárgulas.

—Quando cheguei à estalagem o primeiro dia, pareceu-me um local horrível e tenebroso. Agora o vejo como um verdadeiro refúgio.

—Isso é o que é —disse ele lhe dando a mão.

Anna os recebeu entre lágrimas.

—Tenham muito cuidado —lhes pediu enquanto abraçava Elizabeth.

Zoltan também parecia estar muito afetado. Deu-se conta de que estava tentando controlar-se para não chorar também.

—Vão com cuidado —lhes disse o homem.

—Faremo-lo —lhes prometeu Josef enquanto se preparava para uma despedida que podia ser permanente. —A comida de Mará está ao lado da porta. Estou acostumado a lhe dar de comer de noite e que saia um momento três vezes ao dia. Gosta de ficar no campo que há entre a estalagem e minha cabana —lhes explicou.

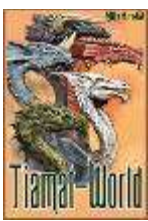
—Cuidaremos bem dela —lhe disse Zoltan enquanto acariciava Mará.

Mas a loba pôs-se a correr de repente e saiu depressa da estalagem.

— Mará! —chamou-a ele. —Mará, pare!

—Mará, querido, veem aqui —tentou também Elizabeth.

Mas o animal tinha desaparecido.



Elizabeth conseguiu apartar-se e tomou um ramo que ardia em chamas. Golpeou com ela ao lobo quando este foi ataca-la de novo. O impacto atirou o animal ao chão e Josef aproveitou o momento para retorcer a adaga em seu flanco. O corpo do lobo se transformou em vampiro, um cadáver cinzento e frio, com sangue negro e excrementos.

Elizabeth caiu rendida nas rochas, olhando a destruição a seu redor.

—Vampiros, zero. Josef e Elizabeth, cinco —lhe disse.

—Sei —disse ele agachando-se a seu lado. —O que fizemos não nos facilita nada a entrada na guarida.

—Bom, tampouco esperava que nos enviassem um elegante convite.

Sorriu ao escutá-la e conseguiu relaxar-se um pouco.

—Venha, tentemos descansar um pouco. Deixaremos que os fogos vão se consumindo sozinhos.

Estendeu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se e voltaram juntos a seu esconderijo entre as rochas. Estavam todos cobertos de sangue e pelo dos lobos. Recolheram suas coisas e se mudaram para perto de um dos pilares de pedra. Estenderam os sacos de dormir, mas decidiram juntarem dois no mesmo para estar mais juntos e quentes. Ia ser difícil não ter pesadelos essa noite.

Josef sabia que só estavam a algumas horas a pé das ruínas de um castelo. Acreditava que ali estava a guarida desse clã de vampiros. Quando saísse o sol, teriam todo o dia para chegar a esse local e colocar uma armadilha. Sabia que isso suporia viver livre para sempre ou morrer. Tudo dependia das seguintes vinte e quatro horas.

Ia poder enfrentar por fim ao ser que o tinha convertido em quem era. O homem que tinha assassinado sua mãe. Um homem que odiava com cada fibra de seu ser.

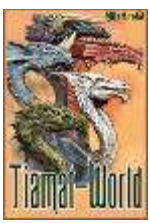
Capítulo 15

Elizabeth colocou seu arco no assento de atrás do velho carro que foram usar em sua viagem e o tampou com uma manta. Tinham a intenção de conduzir por uma estreita estrada de montanha até um povo.

E, embora o chamassem sim, sabia que não foram encontrar se mais que umas poucas casas, uma estalagem e alguma pequena loja.

O carro tinha pertencido ao irmão do Zoltan. Josef e ela o tinham tomado emprestado. Embora ninguém tivesse certeza se algum dia retornaria à estalagem.

O velho Renault se sacudia e resmungava cada vez que trocavam de marcha. Não podiam evitar rir cada vez que ocorria e isso conseguiu relaxá-los um pouco. Era um carro diminuto. Josef era muito alto para um veículo desse tamanho. Seus joelhos golpeavam o volante enquanto



conduzia.

—Recorda a um desses carros que têm os palhaços do circo - lhe disse ela rindo.

—Alegra-me que te divirta que meus pobres joelhos se estejam levando golpes cada vez que movo o volante - repôs Josef.

O carro também se queixou quando começaram a subir os pendentes mais fortes.

—Acredito que tem mal de altura - comentou ela.

—Muito graciosa - repôs Josef com os olhos em branco. Vejo que lhe está acontecendo isso muito bem, ao menos até que apareçam os vampiros...

—Não me recorde isso.

—Recorda o que te diz, faça assim que cheguemos à estalagem desta aldeia.

Assentiu com a cabeça para ouvi-lo.

—Não devo confiar em ninguém. Na montanha, qualquer pode ser um de seus espiões - repetiu ela.

—Só somos um casal em lua de mel, percorrendo estas montanhas e a caminho das pistas de esqui - lhe recordou Josef.

—Surpreende-me que tenha turismo nesta zona, e verdade.

—É mais barato que os Alpes. E, desde meu ponto de vista, são tão impressionantes como as montanhas suíças. Mas, na zona a que vamos, os povos estão abandonados. Uma parte dessas montanhas é um parque nacional. Há minas, formações rochosas e inclusive um lugar que se parece bastante ao Stonehenge.

Elizabeth sentiu de repente uma onda de calor percorrendo seu cérebro. Esfregou-se as têmporas.

—O que? perguntou-lhe ele.

—Nada. É que... Não sei. É algo que me diz, sobre as formações rochosas... Josef a olhou com interesse.

—Está bem?

—Senti uma espécie de brilho, uma imagem durante algum segundo veio em minha mente.

—Muito bem. Por que não fecha os olhos um momento e descansa? sugeriu-lhe Josef enquanto se concentrava na estreita e perigosa estrada.

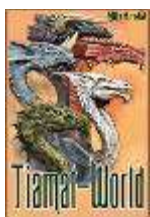
Ficou calada. Estava ficando enjoada. Não gostava de olhar pela janela. Dava-lhe vertigem ver o perto que estavam do precipício. Esperava que Josef fosse um bom condutor e que chegassem logo à aldeia.

Após quinze minutos tarde, Josef freou de repente. O carro derrapou e uma roda saiu da estrada.

Elizabeth não pôde evitar gritar ao ver que o carro se inclinava para o vale. Agarrou-se à porta e ficou muito quieta.

Havia na estrada um enorme lobo sarnento. Tinha a cabeça agachada e não deixava de grunhir.

—É um vampiro - lhe disse Josef.



—O que fazemos?

Não tinha terminado de perguntar quando o lobo saltou a uma rocha e desapareceu entre as árvores. Mas o perigo não tinha passado, o carro seguia a bordo do precipício.

—Não faça movimentos bruscos, se tranquilize - lhe disse Josef. Agora, abre devagar a porta.

Fez o que lhe dizia e saiu do carro muito lentamente. Quando ela estava a salvo, Josef abriu também sua porta. O veículo se moveu um pouco e Elizabeth tentou não gritar. O Renault estava tão oxidado e era tão velho que não sabia como convinha agarrá-lo.

Josef saiu do carro e o empurraram de uma vez para tentar colocar as quatro rodas de novo no caminho.

—Empurremos no três lhe disse ele.

Contaram e empurraram com todas suas forças, até que Elizabeth sentiu doer todos os músculos.

O cascalho da estrada não deixava de cair ao vazio. Mas, depois de vários intentos, conseguiram mover o carro. Entraram de novo nele e seguiram seu caminho.

—Freei de maneira instintiva ao ver esse lobo e acredito que os pneumáticos escorregaram sobre o gelo.

—O que acredita que significa esse lobo que vimos?

—Aprendi que, como eu detecto que são vampiros, eles também sabem quem sou eu. E também reconhecem a você. Não é bom que nos tenham visto. Seguro que essa besta se comunicou já com outros vampiros por meio de uivos.

Conduziram durante horas mais até chegar ao povo onde foram passar a noite. Pela manhã, pensaram a entrada no parque nacional. Não podiam deixar que ninguém visse seus arcos e suspeitasse de suas intenções. Assim Josef ocultou bem suas armas com mantas e fechou com chave o carro. Entraram no estabelecimento como dois recém casados de férias.

Josef falava com fluidez o eslovaco. E ela, que tinha um dom especial para os idiomas, pôde entender alguma palavra.

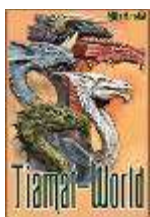
O mais importante da conversa foi descobrir que a proprietária tinha uma habitação livre para eles e que podiam jantar no comilão se quisessem.

Josef tomou a chave que lhe deu o recepcionista. Viu que o homem lhe fazia outra pergunta mais. Josef assentiu e respondeu. Depois, pegou a mão dela, subiram as escadas até o segundo piso. Sua habitação estava ao final de um escuro corredor. Uma vez dentro, tirou a mochila.

—O que te perguntou esse homem? sussurrou ela.

—Queria saber que planos tínhamos. Disse-lhe que íamos esquiar e dar passeios pela montanha. Comentei que nos casamos no Natal.

Elizabeth o olhou com emoção. Teria sido maravilhoso se fosse verdade. Sonhava com um matrimônio e uma vida normal. Também desejava poder lhe apresentar algum dia a seu irmão. Imaginou aos três jantando juntos, brincando, rindo, discutindo sobre religião e filosofia desfrutando do vinho da Virginia...



—Espero que não te importe que haja dito isso, Elizabeth - disse Josef. Em meu coração, sinto que já há uma união indissolúvel entre os dois.

—Eu também sinto - repôs ela com emoção.

Juntaram suas coisas e se trocaram para ir jantar. Josef levava na mochila um pouco de comida não perecível como carne defumada, queijos curados, pão feito pela Anna, frutos secos e coisas parecidas. Josef tinha assegurado que podiam caçar pássaros, coelhos e inclusive cervos se chegassem a necessita, mas os dois esperavam que sua viagem pelas montanhas não durasse tanto para que ficassem sem mantimentos.

Desceram as escadas da estalagem dispostos a encher o estômago com a última comida caseira que iriam provar durante algum tempo.

No comilão havia uma dezena de mesas e uma larga barra. Atendiam no local uma garçonete e um garçom. Só estava ocupada uma das mesas. Os quatro homens que se sentavam ali tinham aspecto rude e desalinhado e os olharam com um pouco de suspeita. Era uma sala de tetos altos e cavernosos. As vigas eram de madeira escura, o que lhe dava um aspecto tétrico. Não havia música para alegrar o ambiente nem nada parecido. Os murmúrios com os que falavam ressonavam nas paredes.

A garçonete era uma mulher magra com o cabelo grisalho e olhos sem vida. Disse-lhes o que havia para jantar, distintos tipos de guisados e os típicos pasteis tchecas. Não entendia como os tchecos podiam manter um peso mediantemente normal com esse tipo de comida tão pesada.

Os homens que comiam na outra mesa mantinham as cabeças baixas e falavam em sussurros. Foi caindo à noite e não se via mais que escuridão pela janela que tinha a seu lado. Estava segura de que as noites que passassem nas montanhas iam ser terríveis, a não ser que contassem com a lua cheia.

Serviram-lhes a comida em simples e velhos pratos. Comeram quase em silêncio. Era um jantar muito distinto das que tinha tido na outra estalagem, com animadas conversações. Elizabeth sentia falta da Anna e do Zoltan.

Meia hora depois, quando estavam já preparados para pedir uma taça de chá e pagar sua conta, dois homens entraram no comilão e os olharam diretamente a eles.

—Vampiros - murmurou Josef em voz apenas audível.

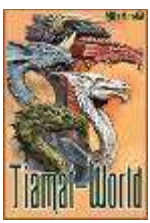
Ela o olhou confusa.

—Está seguro?

Josef assentiu com a cabeça.

Elizabeth os olhou com dissimulação. Os dois homens se aproximaram do bar. Estava aterrada, mas também sentia muita curiosidade. Os dois eram muito pálidos, sua pele era quase transparente. Um deles tinha veias azuis na frente que se distinguiam perfeitamente. Quase se podia ver o sangue as percorrendo.

Suas vozes careciam de tom algum, não havia emoção nelas. Falavam eslovaco, assim Elizabeth não tinha nem ideia do que estavam dizendo, mas o tom lhe deixou muito claro que essas pessoas careciam de humanidade.



O comilão estava iluminado por dois abajures de aranha cheias de velas. Apesar da penumbra, podia ver que os olhos dos vampiros não tinham vida, podiam ter sido os olhos de um cadáver.

O garçom lhes serviu duas cervejas. Quando se dispuseram a beber, Elizabeth pôde ver as presas, mais largos e afiados do normal.

—Podemos ir? pediu ao Josef.

Tentava encontrar as forças necessárias para enfrentar-se a esse tipo de coisas, mas estava muito assustada.

Josef assentiu.

A garçonete lhes entregou a conta e ele deixou a quantidade exata de coroas tchecas sobre a mesa, mais uma gorjeta. Depois se levantaram. De maneira imediata, os vampiros giraram as cabeças para eles e lhes dedicaram um sorriso malicioso.

Elizabeth tomou a mão do Josef e saíram do comilão. Foram a sua habitação tão depressa como puderam. Assim que ficaram sozinhos ali, pediu-lhe que se fossem da estalagem em seguida.

—Preferiria passar a noite fora que sentir que estou apanhada neste lugar.

—Não podemos ir. Não temos acampamento nem colocamos armadilhas. Estaremos melhor aqui. Se quiser posso dormir por turnos para que fiquemos sempre vigiando.

Elizabeth sabia que Josef tinha razão, mas seu instinto lhe dizia que devia sair correndo desse lugar. Josef era um caçador, mas ela só era uma professora de universidade. Possivelmente era algo similar ao que ocorria aos bombeiros. Estavam treinados para entrar nos edifícios em chamas enquanto os demais saíam dali apavorados. Queria fugir, mas sabia que deveria ser mais como Josef e pensar como o faria um caçador.

Sua habitação no segundo piso só tinha uma janela sem cortinas e estava muito alta para que alguém entrasse por ela ou eles a usassem para escapar. Asseguraram-se de que estivesse bem fechada. Fizeram o mesmo com a porta e Josef colocou uma cadeira sob o trinco para ter mais segurança ainda.

—A verdade é que isto não seria suficiente para mantê-los fora se de verdade quisessem entrar —lhe disse Josef enquanto tirava da mochila um crucifixo.

Também tirou uma pequena garrafinha. —O que é isso?

—Tintura de espinheiro. Também tenho azeite do fruto desses arbustos. O aroma deveria mantê-los afastados ou ao menos debilitá-los bastante para que não nos façam mal.

Tomou a garrafinha e jogou umas gotas no chão, fazendo com elas uma cruz.

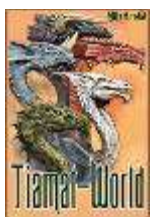
—Crê em Jesus Cristo? perguntou-lhe ela.

—Como?

—Vejo que tem feito o sinal da cruz com esse xarope. Crê em seu poder?

Josef a olhou aos olhos antes de responder.

—Deixei de acreditar quando era muito jovem. Depois do assassinato de minha mãe, a morte de minha mãe adotiva... Foi tudo muito duro. E tinha que suportar além essas terríveis dores físicas... Não teria deixado você de acreditar?



—Talvez sim.

—Fiz-me agnóstico, mas meu pai era um homem com muita fé. Vi com que força enfrentava aos casos de assassinos em série que estudávamos, como reagia ao ver quão pior podia haver neste mundo. Apesar de tudo aquilo, sua fé nunca se cambaleou. Era sua rocha, sua salvação. Isso me fez voltar a pensar em Deus e em minha fé perdida. Agora tenho descoberto que me dá valor. Sei que estou ao lado do bem. Representa para mim a luz e tudo que é bom. Os vampiros, em troca, estão no lado escuro, no lado do Diabo e da noite. É a velha luta, a que enfrentou a Deus e a Satã desde o começo dos tempos.

Sem saber muito bem por que, ver o Josef fazendo o sinal da cruz no chão fez que se sentisse melhor. Despiu-se e passou uma das camisas de flanela do Josef.

—Vem para cama? perguntou-lhe enquanto lhe dava um beijo na bochecha.

Beijou-o depois na orelha e o acariciou com os lábios.

Josef grunhiu um pouco.

—Oxalá estivessemos em minha cabana, sabe muito bem como me excitar.

—Sinto o mesmo com você - sussurrou ela.

Josef estava lhe acariciando as costas. E baixou até agarrar com firmeza suas nádegas. Beijaram-se com paixão durante alguns minutos. Depois, Elizabeth se separou centímetros dele, olhou-o aos olhos e o abraçou de novo, apoiando a cabeça em seu ombro.

Foi então quando os viu.

—Josef!

Ele deu a volta para a janela, para ver o que era o que lhe estava assinalando com a boca aberta e sem poder dizer nada mais. Dois olhos brilhantes e um rosto muito pálido os olhavam. O vampiro parecia estar suspenso no ar.

—Maldição! exclamou Josef.

Foi até sua mochila e Elizabeth viu que estava tirando o facão.

—Não, não abra a janela - lhe pediu assustada.

Enquanto olhavam o esquelético rosto que os observava da janela, começaram a ouvir algo arranhando a porta atrás deles.

—Eu ficarei ao lado da janela - lhe disse Josef—. Você tira mais azeite de espinheiro, impregna uma toalha com ela e coloca-a contra a porta, no chão.

Elizabeth tirou uma toalha de banho do armário, empapou-a com azeite e a sujeitou contra a fresta inferior da porta. Os arranhões eram cada vez mais intensos, mas em seguida escutou um som de algo se afastando, como se arrastasse algo bastante grande e pesado pelo corredor.

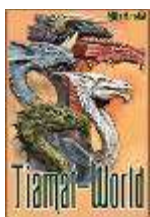
—Meu Deus, parece um rato gigante - lhe disse Elizabeth sem poder deixar de tremer. É arrepiante.

—O da janela desapareceu.

—O que fazemos agora? Não vou poder dormir.

O coração lhe palpitava com força, estava muito nervosa.

—Tentemos descansar um pouco. Podemos fazer turnos de duas horas. Você dorme agora e



eu vigio.

—Não posso.

—Tem que tentá-lo.

Deitou na cama. O colchão era duro e estava cheio de vultos. A manta era de lã muito áspera. Josef se aproximou e se sentou a seu lado. Acariciou sua frente com a mão.

—Nunca me cansarei de te olhar - lhe disse.

Elizabeth ficou de lado para vê-lo melhor.

—Eu sinto que toda minha vida foi... Não sei como explicá-lo, em uma dimensão. Agora, como quando se levanta a névoa pela manhã, vejo como são as coisas em realidade, com vampiros e escuridão por toda parte.

—Pensa em algo bonito. Conte-me algo sobre o David.

—Tenho tantas lembranças - lhe disse ela com um sorriso. Como acontece com muitos gêmeos, fomos muito amigos, os melhores, inclusive durante esses anos da pré-adolescente quando as meninas odeiam aos meninos e vice-versa. Lembrava que aos onze anos mais ou menos, depois que nossa mãe morreu, um menino que eu gostava riu de mim. Disse-me que tinha tão pouco seio que era côncava e me tirou meu sutiã diante de toda a classe.

—Se te visse agora... sussurrou Josef com um lascivo sorriso.

—Bom... O caso é que David lhe pegou. O menino acabou com um olho arroxado e sangue no nariz por falar assim de mim. Essa mesma noite sentamo-nos juntos no sofá e vimos um filme antigo. A nossa mãe gostava muito e acredito que assim nos sentíamos mais perto dela, embora já não estivesse conosco. Lembro-me que, na metade do filme, David me olhou e me disse muito sério que tinha decidido que devíamos ir juntos à universidade. Queria me proteger se algum menino voltava a fazer algo mau a sua Lizzie. Nunca esquecerei suas palavras. Sempre foi tão doce e cavalheiro... E a verdade é que cumpriu sua palavra. Estudamos juntos em Harvard.

—Lizzie? Chamava-te assim?

Assentiu com a cabeça para ouvi-lo.

—Sim e ainda o faz.

—Não me parece que tenha cara de te chamar Lizzie. É muito bela e sofisticada para te chamar assim.

Estavam rindo quando ouviram um ruído no telhado.

—Escutaste isso? Josef assentiu.

—Estão sobre nós. Talvez no apartamento de cobertura.

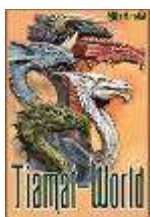
—E o que passa com os proprietários da estalagem? Os garçons? Não ouvem todo este ruído?

—Já te hei dito que o mais seguro é que este sítio esteja cheio de espiões dos vampiros. Somos como Daniel, nos colocando na guarida do leão.

Os ruídos sobre suas cabeças eram cada vez mais fortes.

—Meu Deus! Assim é impossível dormir! exclamou Elizabeth.

Os ruídos continuaram. Também podiam escutar uma espécie de chiados e gritos guturais.



Estiveram assim quase até o amanhecer. Tentaram sem êxito ignorar todos os ruídos. Acabaram deitados com a adaga sob o travesseiro e falando durante horas.

Ao amanhecer, tudo ficou em silêncio.

—Têm que retornar a sua guarida antes que saia o sol - lhe explicou Josef bocejando—. Deveríamos tentar dormir um par de horas.

E assim o fizeram.

«Por favor, Senhor, não deixe que tenha pesadelos esta noite», rezou Elizabeth enquanto dormia.

Capítulo 16

Josef podia encontrar caminhos na montanha melhor que muitos guias e exploradores dos parques nacionais. Seu pai lhe tinha ensinado a interpretar a bússola desde pequeno e sua mãe adotiva tinha sido aficionada em astronomia. Era quase impossível ver as estrelas das brilhantes ruas de Londres. Mas, quando estavam de férias, ela estava acostumada lhe mostrar no céu a Vas Maior, a Vas Menor e Casiopea. Ainda recordava essas lições de sua mãe e lhe havia servido de ajuda após. Tinha chegado a pensar que inclusive o amor que sentia essa mulher pelas estrelas era algo que estava destinado, algo que ele tinha tido que aprender para conseguir orientar-se nessas montanhas.

Tomaram o café da manhã chocolate quente e madalenas tchecas. Não tinham nada que ver com as da Anna, que eram muito superiores. Compraram um par de almoços preparados para que todos pensassem que ia ser um dia de excursão na montanha. Depois se despediram da proprietária da estalagem.

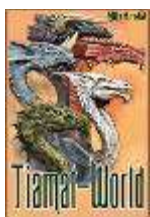
Entraram em seu oxidado carro e conduziram pouco tempo, até chegar algo mais acima. Estacionaram a um lado da estrada.

Baixaram um pouco pela ladeira da montanha até encontrar o caminho que necessitavam. Tinha decidido tomar esse em vez do que começava onde tinham deixado o carro para despistar a qualquer que estivesse tentando segui-los.

Não sabia se seus planos e estratégias lhes serviriam de algo ou se só valeriam para atrasar um pouco mais o inevitável, mas estava disposto a tentar tudo.

Tomaram seus arcos e os penduraram à espada. O atalho era estreito e estava marcado com triângulos amarelos. Queria chegar até a formação de rochas parecida com a do Stonehenge antes que chegasse à noite. Ali poderiam instalar seu acampamento, protegidos de algum jeito por essas rochas.

Elizabeth havia assegurado que era uma mulher forte e que estava acostumado a escalar com frequência as montanhas Bine Ridge da Virginia. Mas sabia que essas montanhas não tinham a altitude nem a dificuldade dessas. Para cúmulo de maus, as temperaturas que iam sofrer



durante a noite e a umidade de todo o dia iam dificultar lhes muitíssimo a missão. Josef acreditava que o perigo de congelamento era tão real e perigoso como o dos vampiros.

Ele ia por diante e andava dando grandes pernadas. Não deixava de olhar por cima de seu ombro para assegurar-se de que Elizabeth o seguia e que estava bem. A ascensão era muito dura devido ao pendente e ele não apartava os olhos do topo. Era muito exaustivo para que falassem, assim que se manteve concentrado em todo momento. Resultava-lhe difícil não lembrar-se de seu pai quando estava nessas montanhas.

Descansaram ao meio-dia. Ele fez um pequeno rego e derreteu a neve até que a água começou a ferver. Agradeceram muito poder tomar uma taça de chá bem quente.

Elizabeth estava tremendo.

—É justo o que necessitava... disse ela. Algo quente para me esquentar por dentro e por fora. Como estão suas articulações?

—Não estão maus. Acredito que estou tão excitado com esta missão que não tenho tempo para me concentrar na dor. Não quero mentir, tenho algumas dores, mas consigo mantê-las sob controle.

Josef tirou os almoços da mochila. Comeram seus sanduíches de vitela e beberam água. Olhou então ao céu.

—Acredito que logo escurecerá em umas quatro horas. Temos que seguir andando se queremos ter tempo para instalar o acampamento.

—E depois? A quanto faltara até a guarida?

—Se for onde acredito que é, e para isso me ajudaram muito suas visões, imagino que está a outro dia inteiro andando, perto já da fronteira com a Polônia.

Elizabeth assentiu e ficou em pé enquanto estirava pernas e braços.

—Doem-lhe os músculos?

—Um pouco - admitiu ela. E esses ratos ou vampiros que nos visitaram ontem à noite não me ajudaram nada. Não descansei a noite.

—Pois tampouco acredito que possamos dormir muito no bosque.

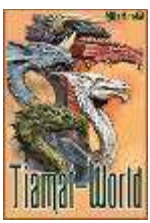
—Sei. Teremos frio, umidade e a perigosa presença de vampiros nos arredores...

Apagaram o fogo com neve, o que produziu um pouco de fumaça. Passaram de novo as mochilas e prosseguiram pelo atalho. Passaram ao lado de dois excursionistas, dois homens, e os saudaram com a cabeça.

Depois de duas horas, viram entre as árvores a formação de rochas a que queriam chegar. Eram seis colunas ou pilhas feitas com grandes pedras e formando um semicírculo. As pedras eram enormes e havia uma plaina e enorme no meio. Josef começou a andar algo mais rápido. Estava nervoso e não queria que a noite lhes jogasse em cima antes que estivessem instalados e preparados para defender-se se chegava a ser necessário.

Ao chegar ali, deu-se conta de que as rochas eram maiores do que tinha esperado. Mas nada podia havê-lo preparado para o que se encontraram.

Elizabeth se deteve, com os olhos muito abertos. —É isso...?



—Temo-me que sim - respondeu ele. As rochas eram impressionantes. Ajoelhou-se na central e acariciou o granito com seus dedos. —É sangue...

Elizabeth parecia muito afetada pela visão. —É aqui onde fazem sacrifícios humanos! exclamou.

—Isso parece. E este sangue é recente - lhe disse ao ver um ponto úmido em uma das pedras.

Elizabeth se apoiou em uma das rochas, parecia estar a ponto de desmaiar. Josef pensou que estava afetando muito pensar nas vítimas que tinham encontrado ali a morte. Mas se deu conta de que o que lhe acontecia era que estava tendo uma de suas visões.

—Meu Deus! David esteve aqui! exclamou Elizabeth afastando-se das rochas.

Josef se aproximou dela e voltou a lhe colocar a mão na pedra. Fez-o com carinho, mas também com firmeza.

—Não te negue a vê-lo...

Viu como se retorcia seu rosto pela dor. Odiava ter que pô-la nessa situação, mas precisavam saber o que tinha passado nesse lugar para poder ter a maior informação possível.

Elizabeth fechou os olhos com força e se mordeu o lábio inferior.

—Não são lobos - lhe disse. Têm forma humana. Trouxeram... Trouxeram aqui a um menino. Esses malditos canalhas! Há um menino pequeno, tão pequeno como foi você nessa foto... Há um homem muito alto com um caráter frio e desumano. Aproxima-se do David e o empurra contra a rocha onde está o menino. Dá-lhe uma adaga que parece muito antiga. Ordena-lhe que mate ao menino e que coma seu coração. David se nega, mas... Mas vejo que cada vez está mais debilitado. Tem uma horrível dor de cabeça. O homem alto levanta o menino com uma mão, levanta-o pelo pescoço, como se fora um boneco de trapo. Remói-lhe e o menino nem sequer trata de defender-se. Está doente e todo seu corpo treme... O homem o deixa cair e outros vampiros se aproximam para alimentar-se de seu diminuto corpo. Há sangue nas pedras e uma dessas bestas incluso lambe a superfície das rochas. Os ruídos que fazem são horríveis e David tampa os ouvidos - acrescentou com angústia enquanto caía ao chão de joelhos. Todo terminou...

Olhou o céu. Começava a obscurecer.

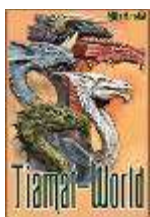
—Não vamos ter tempo de encontrar um bom lugar no bosque, vamos ter que nos instalar aqui.

—Mas isso seria como ficar em seu matadouro... Isto não é terra sagrada, é justamente o contrário, não? Aqui não podemos estar a salvo - disse Elizabeth com desespero.

—Sei. Mas a verdade é que não vamos estar a salvo em nenhum lugar, não até que amanheça—respondeu enquanto assinalava um oco entre duas rochas.

—É muito estreito.

—Sim, mas estaremos ocultos - lhe disse. Vê ali, tira comida e prepara os sacos de dormir. Depois, vem me ajudar. Vou reunir lenha para fazer fogo e colocaremos várias piras empapadas em querosene a nosso redor. Tenho fósforos especiais que se podem usar embora estejam



úmidos. Acenderei as flechas impregnadas no combustível. Se nos tratarem de atacar, surpreenderemo-los com o fogo. Isso lhes assustará e conseguiremos confundi-los. Usaremos então as outras flechas para matar a tantos como podemos. —Josef...

Elizabeth olhava assustada a seu redor.

—Confia em mim! ordenou-lhe com firmeza. Não tenho tempo de te convencer que este é o único plano possível. Se não quiser morrer esta noite, tem que fazer o que digo.

Ela levantou com orgulho seu rosto. Tremiam-lhe os lábios. Mas assentiu com a cabeça e foi preparar o acampamento.

E ele se dispôs a reunir lenha e preparar as piras em pontos estratégicos. Tinha suficiente querosene para essa noite, para preparar uma armadilha na guarida dos vampiros e para duas noites mais. Depois disso, não teriam mais combustível. Tinha que trabalhar como o faria qualquer comando em tempos de guerra. Sua tarefa era cumprir a missão, escapar e ficar a salvo tão rapidamente como pudesse. Seu plano dependia de que pudessem chegar à guarida ao dia seguinte, ir dali ao anoitecer com todos os vampiros já destruídos e David com eles. Sabia que era quase impossível, mas esse era o plano.

Notou gotas de suor formando-se em sua testa. A dor que sentia nos ossos lhe dizia que ia ser uma noite muito fria e amarga. Tinham um ao outro para manter o calor de seus corpos, mas as noites que faltavam até o amanhecer iam parecer lhes eternas.

Elizabeth saiu do oco nas rochas, parecia seguir um pouco desapontada. Josef viu que tentava procurar mais lenha para as piras e foi para ela.

—Sinto muito, não era minha intenção te falar assim.

—Não passa nada. A situação é muito complicada, entendo-o.

—Assim é.

Ela seguiu procurando madeira. De vez em quando, notava que lhe tremiam os ombros e sabia que não era de frio, mas sim de medo. Sentia-se mal e se deu conta de que levá-la consigo as montanhas tinha sido um grave engano. Mas tampouco lhe cabia na cabeça havê-la deixado sozinha na estalagem.

Com todas as piras já preparadas, foram refugiar-se no oco. A lua já estava no alto. Era uma lua crescente, mas as nuvens a bloqueavam quase totalmente.

Acenderam uma vela e ficaram juntos. Ela tinha preparado um jantar muito simples. Tinham queijo curado, pão de centeio, damascos secos e carne defumada.

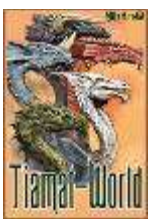
—Um banquete digno de um rei - lhe disse ele. Ou digno ao menos de um homem apaixonado.

Tomou o rosto da Elizabeth entre as mãos e a beijou com ternura.

—Não deixarei que nosso plano fracasse - lhe assegurou.

Comeram em silêncio. Ele não deixava de vigiar os arredores. O céu estava quase totalmente negro. Embora, de vez em quando, as nuvens se moviam e recebiam o da brilhante luz da lua.

Ouviram pouco depois, o primeiro uivo.



Elizabeth se agarrou com força a seu braço.

—Temos um plano e o seguiremos ao pé da letra - lhe disse ele com mais segurança do que sentia—. Antes de nada, têm que nos encontrar.

—Sinto-me como uma presa, escondida aqui e esperando que nos encontre - repôs Elizabeth.

Ele estava acostumado a caçar. Se não fosse por ela, teria entrado no bosque para ir atrás deles e sem deixar de mover-se em toda a noite. Os uivos se intensificaram e notou que procediam de todas as partes.

—Quantos são?

—Cinco - respondeu.

Tinha treinado seus ouvidos para distingui-los bem. E os sentidos sobrenaturais que lhe conferia sua natureza de dhampir o ajudavam a reconhecer os distintos uivos desses lobos.

—Quantos há nesse clã?

—Não se pode saber. Por cada um que mato, há mais vampiros que se unem ao clã.

Elizabeth terminou de recolher o que não tinham comido e guardou tudo. Levantou depois seu arco, colocou uma flecha e ordenou todas suas armas. Josef a olhou com curiosidade.

—Sinto-me melhor quando sei que estou preparada.

—Eu também - repôs ele com um sorriso. Tem frio?

—Não, já não. Estou muito nervosa para sentir nada mais.

O primeiro que ouviram foi o lobo que se aproximava pela esquerda. Era o som de suas patas sobre a rocha.

Josef colocou uma mão no ombro da Elizabeth e lhe fez um sinal para que esperasse, para que tivesse paciência. Tinha experiência e não estava disposto a revelar sua posição quando só se tratava de um lobo. Preferia contar com o elemento surpresa como parte de sua estratégia. Ela colocou a mão ao redor da vela para ocultar a luz.

Mas então ouviram que havia outro lobo à direita. O grunhido do animal era distinto.

Disse-lhe sem palavras que seguisse esperando, sentia que podia lhe comunicar coisas através de sua mente, como se estivessem conectados de uma forma transcendental.

Afastaram-se as nuvens e puderam ver as caras. Indicou-lhe que saíam a três e ela assentiu com a cabeça.

Os dois se agacharam e prepararam seus arcos.

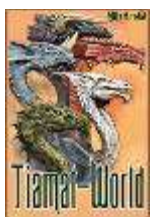
Ouviram grunhidos detrás e pisadas nas rochas frente a eles. Contou com os dedos até três.

Um, dois, três...

Tinha vertido combustível de onde estavam, e Josef o acendeu com a vela. As chamas se dispersaram rapidamente até a primeira pira de lenha. Acendeu uma flecha e prendeu, ao primeiro intento, outra pira.

Os lobos reagiram com ferocidade. Ouviram-nos gemer e uivar. Os sons eram horripilantes.

De longe, pôde comprovar que Elizabeth lançava uma flecha e dava a um dos lobos no flanco. Estava muito orgulhoso dela.



Ele acendeu duas piras mais. O forte aroma da fumaça enchia tudo e cobria o escuro céu a seu redor.

O lobo ferido uivava com fúria e estava estendido no chão. Josef estava de pé, apontando para a última das piras que queria acender quando outra dessas bestas se equilibrou sobre ele e o mordeu no braço.

Elizabeth chiou. Ele tirou rapidamente sua adaga e cortou a garganta do lobo. Quando o animal caiu ao chão frente a ele, cravou-lhe com torça a faca no coração. Assim que o fez, começou a transformação, um processo tão desagradável que ainda não se acostumou a vê-lo.

A pele do lobo se desintegrava em partes de cabelo e sangue, podiam-se ver então suas vísceras putrefatas e, finalmente, o cadáver dentro do vampiro que acabava de matar continha o corpo de uma mulher de rasgos pálidos. Seu crânio estava talher de pele enrugada e seca.

Só ficavam outros quatro vampiros.

Decidiu que devia sair do oco entre as rochas para melhorar sua pontaria.

—Temos que sair. Você dispara para a direita, eu à esquerda.

—Vamos!

Saíram de uma vez. Elizabeth lançou uma flecha presa em chamas e deu totalmente a um dos lobos, que explodiu em uma língua de fogo.

—Os acertem com fogo - gritou para que o ouvisse apesar dos rugidos das bestas fará que se convertam em cinzas.

Acenderam as flechas nas chamas que tinham a seus pés. Tudo era fogo a seu redor, uma espécie de inferno. A fumaça os queimava na garganta.

Josef deu a um lobo em seu traseiro e o animal explodiu em uma bola de fogo. Pensou que, se soubesse disso há mais tempo, os teria estado combatendo com querosene desde o começo.

Só restava dois lobos. Rodeavam-nos lhes mostrando os dentes, com as cabeças baixas e listas para saltar sobre eles.

—Brilham-lhes os olhos. Parecem duas luzes vermelhas disse Elizabeth.

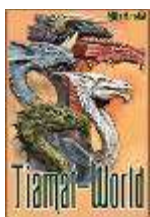
—Eu cuidarei do cinza, você o que tem a pelagem escura.

Prenderam suas flechas uma vez mais e as bestas se voltaram loucas. O lobo da Elizabeth, em vez de esconder-se como esperavam, foi para ela com força e a empurrou contra as rochas. O lobo cinza explodiu em chamas. Usou depois seus próprios punhos para golpear ao animal que tinha empurrado a Elizabeth contra o chão. Conseguiu empurrá-lo ao mesmo tempo em que ela o golpeava com força no focinho.

O lobo gemeu ao sentir-se atacado, mas ficou em pé de novo e foi contra Elizabeth. Faltou-lhe muito pouco para lhe morder o rosto.

Josef tirou seu facão e apunhalou à besta no lombo, mas ele girou e levou consigo a adaga, que não o tinha atravessado completamente.

Elizabeth conseguiu apartar-se e tomou um ramo que ardia em chamas. Golpeou com ela ao lobo quando este foi atacá-la de novo. O impacto atirou ao animal ao chão e Josef aproveitou o momento para retorcer a adaga em seu flanco. O corpo do lobo se transformou em vampiro, um



cadáver cinzento e frio, molhado de sangue negro e excrementos.

Elizabeth caiu rendida nas rochas, olhando a destruição a seu redor.

—Vampiros, zero. Josef e Elizabeth, cinco - lhe disse.

—Sei - repôs ele agachando-se a seu lado. O que temos feito não nos facilita nada a entrada na guarida.

—Bom, tampouco esperava que nos enviassem um elegante convite.

Sorriu ao escutá-la e conseguiu relaxar um pouco.

—Venha, vamos descansar um pouco. Deixaremos que o fogo se consuma sozinho.

Segurou-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se e voltaram juntos a seu esconderijo entre as rochas. Estavam cobertos de sangue e cabelo dos lobos. Recolheram suas coisas e se transladaram perto de um dos pilares de pedra. Estenderam os sacos de dormir, mas decidiram metê-los dois no mesmo para estar mais juntos e quentes. Ia ser difícil não ter pesadelos essa noite.

Josef sabia que só estavam a algumas horas das ruínas de um castelo. Acreditava que ali estava a guarida desse clã de vampiros. Quando saísse o sol, teriam todo o dia para chegar a esse sítio e colocar uma armadilha. Sabia que isso suporia viver livre para sempre ou morrer. Tudo dependia das seguintes vinte e quatro horas.

Ia poder enfrentar por fim ao ser que o tinha convertido em quem era. O homem que tinha assassinado a sua mãe. Um homem que odiava com cada fibra de seu ser.

Capítulo 17

Caíam grossos flocos de neve. Elizabeth despertou e o primeiro que viu seus olhos foi um céu completamente branco. A neve tinha umedecido por completo sua cara.

—Josef... —chamou-o enquanto lhe dava uma cotovelada.

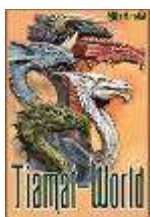
Ele gemeu. Parecia esgotado e Elizabeth pensou que tudo o que tinham acontecido esses últimos dias estava lhe afetando fisicamente. Sonhava levando-o aos Estados Unidos e sentir que estava ali a salvo e descansando. A Universidade da Virginia tinha uma estupenda faculdade de Medicina e esperava que algum dia pudessem ajudá-lo.

Josef se moveu um pouco e esfregou os olhos como um menino pequeno despertando. Abriu os olhos então com inquietação, como se tivesse recordado de repente onde estava.

—Neve - sussurrou ela rindo.

—É obvio... —gemeu ele com pesar. Justo o que necessitávamos para complicar ainda mais as coisas.

Ela se levantou e estirou os músculos. O aroma de combustível, fumaça e os corpos ao seu redor era insuportável. Mas se sentia melhor sabendo que estavam a salvo durante o dia. Foi procurar um pouco de lenha para acender um fogo. Passou ao lado dos restos dos lobos. Eram já só cinzas. Estava desejando deixar atrás esse horrível lugar.



Voltou pouco depois ao lado do Josef e acendeu um pequeno fogo. Ele estava concentrado em revisar os mantimentos e tudo o que ficava nas mochilas.

—Temos ainda suficiente querosene e comida. Mas temos que chegar à guarida antes de anoitecer - lhe disse ele.

Ela se inclinou sobre o fogo para esquentar as mãos e tentar proteger as chamas da neve, que caía cada vez com mais força. De nada lhe serviu. Nevava muito e quase de lado, apagando em seguida o fogo.

—Temo-me que não vamos poder ter um café da manhã quente esta manhã - murmurou ela ficando em pé.

Não recordava ter sentido tanto frio como nesses momentos.

—Toma - disse Josef lhe entregando um pequeno objeto quadrado e metálico.

—O que é isto?

—Olhe. Acende-o assim - lhe indicou Josef enquanto abria a tampa. Depois o fecha e te serve para te esquentar as mãos.

Viu que se tratava de uma espécie de acendedor antigo. Recordou que seu avô tinha tido um como esse. Rodeou-o com as mãos.

—É perfeito... murmurou.

—Estará quente durante oito ou dez horas. Pode levá-lo em seu bolso ou em suas mãos. Eu às vezes o levo aqui - lhe disse enquanto lhe ensinava uma espécie de cinturão elástico—. Isto o mantém pego ao corpo. Se colocar em suas costas, esquentará todo o corpo.

—Obrigado.

Olhou por volta do céu e os flocos de neve cobriram logo sua cara. Sentia-os inclusive enganchados em suas pestanas.

—Será melhor que comecemos logo essa marcha. Não sabemos como vai ser esta tormenta de neve.

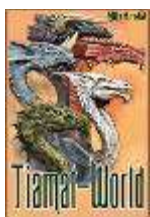
Começaram a andar com a vista posta no topo da montanha. Josef estava convencido de que ali poderiam ver a Estalagem do Espinheiro e a guarida dos vampiros que, segundo ele, devia estar escavada na ladeira da montanha.

Poucos minutos depois de começar a andar, Elizabeth já tinha as calças empapadas e o vento era tão forte que tinha que andar inclinada para proteger-se um pouco dele. Doíam-lhe as pernas tanto que sentia câibras continuamente. Agradecia muito o artefato que Josef lhe tinha emprestado. Levava-o às costas e era o único quente em todo seu corpo.

Caminhava sobre os rastros do Josef. Deu-se conta de que cada vez se faziam mais pequenos e lentos seus passos. Pensou que o frio e o cansaço estavam fazendo racho em seu corpo também.

A neve, que lhes cobria os pés quando começaram a andar, chegava até as panturrilhas. Caía muito depressa. Estava assustada. Tampou-se melhor o rosto com o cachecol. Apesar do frio gelado, suava sob a roupa por culpa do incrível esforço de subir nessas condições a montanha.

Chegaram ao topo uma hora mais tarde. O vento soprava ali com força, era um ruído



ensurdecedor, nada a ver com o silêncio que os tinha acompanhado durante todo o caminho. Esse som em que se envolvia tudo quando nevava.

Josef deixou no chão sua mochila e seu arco. Tirou alguns prismáticos e se dispôs a estudar a paisagem. Encontrou pouco depois o ponto onde acreditava que estava à guarida e lhe passou os prismáticos para que o visse ela também.

—Ali - lhe assinalou com a mão.

Apesar de que a neve dificultava a visão, Elizabeth pôde distinguir as ruínas de um castelo que tinha sido construído na ladeira da montanha. Viu as pedras cobertas de musgo. Tinha um aspecto abandonado e tenebroso. Deu-se conta de que teriam que espremer as poucas forças que ficavam para poder chegar até ali antes que anoitecesse.

—Se não chegarmos a tempo, onde vamos dormir? perguntou.

Josef tomou de novo os prismáticos e lhe indicou um ponto com o dedo.

—Ali, ao leste do castelo. Parece que há um pequeno arvoredor de cedros. Talvez possamos nos esconder nessa zona.

Josef seguiu olhando com os prismáticos.

—Meu Deus, Elizabeth! exclamou de repente enquanto lhe dava os prismáticos para que visse quão mesmo ele.

—Não! —repôs ela.

Na distância se podia ver claramente a espessa fumaça de um grande fogo.

—Segundo minha bússola, essa fumaça está na estalagem ou muito perto dali.

—Seguro que estão bem - repôs ela com segurança. Têm que está-lo adicionou enquanto fechava com força os olhos.

Não queria nem pensar em que esses vampiros tivessem podido fazer mal a Anna e ao Zoltan.

—Temos que ir - disse Josef. Não há tempo para afligir-se nem para descansar. Pensa só na vingança...

—Na vingança e no David - acrescentou ela.

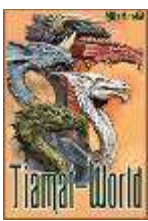
Josef assentiu com a cabeça e, cabisbaixos, começaram o que ia ser o último lance de sua viagem. Estavam descendendo a ladeira quando os dois escorregaram e caíram. Elizabeth bateu contra uma árvore, e isso a freou.

—Está bem? —perguntou-lhe Josef enquanto ia ajudá-la.

Ela assentiu, mas estava contendo as lágrimas. Olhasse onde olhasse, só havia neve. No chão, no céu e ao seu redor. Sentia que estava ficando louca.

—Quando deixou isto de ser uma nevada normal para converter-se em tempestade de neve? —perguntou-lhe sem poder evitar que os dentes tocassem castanholas.

—Nos centremos em chegar a esse grupo de cedros. Não tem sentido que tentemos chegar mais longe. O bom desta tormenta é que possivelmente os mantenha em sua guarida e, além disso, a neve cobrirá nosso rastro. O mal é obvio, é que não podemos fazer fogo nem temos onde nos refugiar. E amanhã, depois de uma noite sem sair, estarão ainda mais sedentos de sangue...



Cada vez estava mais abatida. De momento, só queria concentrar-se em chegar a esses cedros. Nem sequer estava segura de poder chegar ao dia seguinte com vida. Mas não queria transmitir seu pessimismo ao Josef.

—Parece-me um bom plano. Temos que tentar ao menos nos pôr um pouco de roupa seca.

Mas quando chegaram ao grupo de cedros, Elizabeth podia apenas mover os pés. Estavam em uma situação muito complicada. Se os vampiros não acabassem com eles, o frio seria seu verdugo.

O espesso arvoredor os protegia um pouco do vento e pôde por fim abrir totalmente os olhos. Passou todo o dia mantendo-os entrecerrados para proteger-se da tempestade de neve. Os dois tremiam intensamente e lhes custava muito mais fazer as coisas mais simples. Ela tinha as mãos inchadas, o que não fazia a não ser aumentar seu desajeitamento.

Josef tinha metido em sua mochila uma pequena pá e ficou a escavar na neve até abrir um oco. Cobriu depois a úmida terra com uma lona encerada.

—Os sacos de dormir também são impermeáveis. Se os juntarmos para fazer só um e pomos outra lona sobre nossas cabeças, a neve cairá sobre nós e poderemos estar mais quentes.

—Sim, claro... —repôs ela com incredulidade.

Sabia que não podiam acender um fogo, assim fez o que Josef lhe indicava. Colocou ramos sobre a segunda lona. A neve foi cobrindo-os e ficaram bastante resguardados.

—Vamos entra nos sacos de dormir e tirar depois a roupa molhada.

—Ficou louco, Josef? Estamos a baixo de zero e quer que eu tire a roupa?

—Eu sempre quero que fique nua Elizabeth - lhe disse com um sorriso. Mas sei o que faço, o calor dos corpos nos manterá quentes.

Elizabeth entrou no saco de dormir sentindo que entrava em sua própria tumba. Josef fez o mesmo e começaram a tirar a roupa. Estava tão molhada e tinham tão pouco espaço que não era uma tarefa singela. Ela tinha a pele avermelhada e intumescida. Estava convencida de que ia morrer congelada. Quando ele se deitou ao seu lado, tudo o que sentiu foi sua pele úmida e fria.

—Tem fome? —perguntou-lhe Josef.

—A verdade é que não.

Josef tirou os damascos secos e um cantil.

—Deveria ao menos beber algo. Quão último precisamos é que te desidrates. Faça o embora não goste. E come um pouco.

Bebeu um pouco de água. Mas seu estômago estava tão duro pelo frio que sentia náuseas só de pensar na comida. Decidiu esperar que entrasse um pouco em calor.

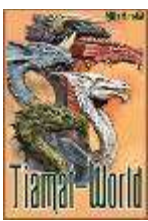
—O que quer de presente por Natal? perguntou-lhe de repente Josef.

—O que?

—Só quero me concentrar em outra coisa. Não quero pensar que estamos enterrados na neve em meio de uma tempestade de neve e sem esperanças de que ninguém nos resgate se as coisas ficarem ainda pior.

—Mas acabamos de passar o Natal faz apenas duas semanas...

—Sei e perdi isso, não te conhecia. O que quer que te dê de presente no próximo Natal?



Terá que ser algo muito especial.

—Bom, já sabe que nós mulheres adoramos diamantes - brincou ela.

—Nestas circunstâncias acredito que preferiria um café bem quente, não?

—Acredito que não é o único quente que há por aqui - repôs ela rindo ao notar que Josef começava a excitar-se.

Aproximou-se mais a ele.

Josef se pôs a rir e a beijou na cabeça.

—Há tanto silêncio aqui que quase posso sentir a paz que nos rodeia.

Elizabeth escutou atentamente. A neve amortecia todos os sentidos. O céu estava já escuro. Tinha medo, mas uma parte dela sentia que estavam sozinhos eles dois em todo o universo.

Ficaram ali deitados um bom momento. Imaginou que seriam mais ou menos às dez da noite.

Deu-se conta de que Josef tinha estado certo, estava quase a gosto. Não tinha calor, mas já não tremia de frio. Comeu alguns damascos e bebeu mais água. Por fortuna, não ouvia nenhum lobo essa noite. O vento agitava os ramos dos cedros. De vez em quando caía a neve das árvores sobre seus sacos de dormir e isso não fazia a não ser lhes dar mais frio.

Notou que Josef respirava com dificuldade. A tempestade de neve lhes tinha dado uma trégua. Podia ver algumas estrelas entre os ramos dos cedros. A natureza que os rodeava era de uma beleza incrível e agradeceu mais que nunca de estar viva. Escapou-lhe uma lágrima dos olhos e a limpou com a mão.

A tormenta de neve só tinha conseguido atrasar um dia o inevitável. Ao dia seguinte, teriam que chegar à guarida dos vampiros ou sair fugindo.

—Aguenta David - sussurrou como se seu irmão pudesse escutá-la. Aguenta um pouco mais.

Capítulo 18

Despertou para ouvir o Josef com náuseas.

—Como posso te ajudar? perguntou-lhe enquanto colocava uma mão em suas costas.

—Me mate e acaba para sempre com este sofrimento! replicou ele.

—Não pode estar falando a sério.

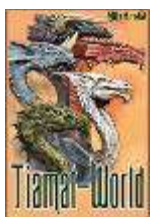
—É o que pensa? Meu nascimento foi uma maldição - repôs ele sem poder deixar de retorcer-se.

Elizabeth se sentia mal ao ver quanto sofria. Seguiam nus no saco de dormir. Mas Josef tinha afastado a lona que protegia suas cabeças e o ar gélido açoitava suas caras com força.

—Sinto-o - lhe disse ele tombando-se de novo.

—Entendo-o, mas temos que nos pôr em marcha. Josef.

—Sei. Te vistas e deixa que me recupere um pouco, de acordo?



Não o contrariou. Sabia que não gostava que o visse assim. Vestiu sua roupa interior, outras calças jeans e dois pares de meias três - quartos de lã. As botas estavam ainda úmidas e não gostava de vesti-las assim.

—Termina os damascos e o pão - lhe disse Josef. Usa essas bolsas de plástico como uma capa a mais por cima das meias três - quartos. Assim não sentirá a umidade nas botas.

Fez o que lhe dizia e terminou de vestir-se. Decidiu lhe dar um pouco de tempo e espaço ao Josef para que se recuperasse. Ficou em pé e deu uma volta entre os cedros, olhando o seguinte topo. Além dessas árvores, não iam ter algum refúgio. Só havia alguns arbustos e musgo sobre essas rochas da cúpula. Não havia onde esconder-se.

Pensou no que Josef lhe tinha pedido alguns minutos antes. Não podia nem imaginar o que era levantar todos os dias com dores insuportáveis por todo o corpo. Acreditava que era o homem mais forte e valoroso que tinha conhecido em toda sua vida.

—Muito bem, preciosa - lhe disse ele pouco depois. Já estou melhor. Chegou o momento de enfrentarmos essas bestas.

Notou que coxeava um pouco e estava muito gracioso com cueca largas e botas, sem nada mais.

Foi para ele e o abraçou com força.

—Aconteça o que acontecer nunca te abandonarei.

—A verdade é que temos que falar disso.

—Por quê?

—Se me apanharem tem que fugir. Chega como pode à estrada e, de ali, tenta chegar a Praga. Vá à embaixada dos Estados Unidos e te invente uma história sobre um assassino em série que atua nestas montanhas. Pode que assim consiga que nos façam caso e por fim venham policiais de verdade a investigar o que passa aqui.

—Não, não penso ir sem você e sem o David.

—Já vi quantas dores tenho. Agora mesmo, sou um perigo para mim mesmo. Sei que se morrer nestas montanhas, não o farei em vão. Mas se você também perdesse aqui a vida, não poderia suportá-lo.

—Pois o sinto muito... repôs ela com firmeza. E termina de te vestir, temos que ir agora.

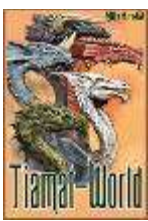
Elizabeth deu meia volta e recolheu suas coisas. Sabia que ele não se moveu de seu lugar e olhou por cima do ombro.

—O que acontece? —disse-lhe.

—Nada, é que eu a adoro. É a mulher mais teimosa que conheci em minha vida, mas eu adoro como é.

Às oito da manhã já estavam a caminho. O sol não os esquentava. A neve cobria tudo, mas ao menos não nevava.

As horas foram passando sem incidentes. Subiram pela ladeira, além das árvores, onde só



havia neve e arbustos.

—Temos que tomar cuidado com os ursos, embora deversemos estar hibernando. E também há lincos por aqui.

—Que bom! —repôs ela com ironia.

Já era bastante duro saber que eram a presa favorita dos vampiros, para inteirar-se além de que havia outros animais selvagens pela zona.

Seguia ao Josef com cuidado, tentando pisar sobre seus rastros. Doíam-lhe sobre tudo as coxas e os joelhos. Era difícil andar sobre a neve, muito mais duro.

—Como vamos com o tempo? perguntou-lhe pouco depois.

—Não muito bem. Deveríamos estar ali, na crista dessas montanhas, ao entardecer - lhe disse Josef enquanto assinalava com a mão. Minha ideia é colocar várias armadilhas e, quando estiverem dormindo todos, ou quase todos, pela manhã, entraremos em sua guarida.

Não sabiam como era o castelo por dentro, onde estariam nem quantos haveria. A essa dificuldade tinham que acrescentar o cansaço e o frio que estavam sofrendo. Estava convencida de que tinham muitas mais possibilidades de fracassar que de saírem ilesos.

Fizeram um pequeno fogo, prepararam chá e comeram depressa. Guardaram tudo e seguiram seu caminho. Estavam já muito perto do castelo quando começou a obscurecer. Já nem sequer parecia um castelo. Havia uma única torre que ainda seguia em pé, o resto estava em ruínas.

—E agora o que? perguntou ao Josef.

—Vejo um grupo de rochas - assinalou ele. Esconderemos-nos até que se faça de noite e depois planejaremos o assalto. Será melhor que preparemos depressa as piras de lenha. Você vai por aí, eu irei em direção contrária. Vemo-nos em vinte minutos aqui mesmo.

Elizabeth olhou em seu rosto. Depois de dias sem barbear-se, já quase tinha barba. Beijou-o na bochecha e acariciou seu áspero rosto.

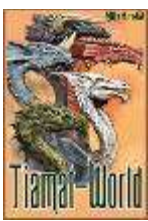
—Está muito bonito, amor - lhe disse. Te vejo dentro de vinte minutos.

Josef deu meia volta e se despediu com a mão. Ela foi procurar lenha. Movia-se depressa para terminar logo e não esfriar-se ainda mais. Estava tentando encontrar ramos secos quando os ouviu. Não eram lobos, tinham forma humana.

Apareceram do nada e se equilibraram sobre ela com tanta rapidez que não lhe deu tempo a reagir.

Pareceu-lhe que eram quatro homens com uma força sobrenatural. Levantaram-na do chão como se não pesasse nada. Suas vozes chiavam e lhe recordaram ao ruído que fazem as unhas sobre uma piçarra. Não eram sons humanos. Não se parecia com nada que tivesse visto nos filmes de terror.

Gritou de dor e medo quando um deles, que tinha uma juba negra, levantou-a do chão a agarrando pelo pescoço. Sentiu que a lançava para outro dos vampiros, que a tirou do cabelo e começou a arrastá-la.



—Me soltem! —gritou com todas suas forças.

Tentou não deixar-se levar pelo pânico. Precisava saber se também tinham encontrado ao Josef, era sua única esperança. Arrastavam-na pelo chão. Não deixava de dar patadas. Gritou até que lhe doeu a garganta. Estava arranhando o rosto contra o chão.

Ouviu então ao Josef chamando-a.

—Elizabeth, o que passou? Onde está?

—Vampiros! gritou desesperada. Aqui!

Um deles, que ia andando a seu lado, deu-lhe uma forte soco no estômago. Ficou sem respiração. Estava convencida de que ia morrer asfixiada. Começava já a perder os sentidos quando relaxou um pouco seu diafragma e recuperou o fôlego. Mas seguia sem poder gritar.

Outro vampiro a levantou e começou a arrastá-la de novo. Seus pés logo que tocavam o chão. Tentou lhe dar murros, mas essa besta sujeitava seus braços para que não pudesse mover-se. Agora que estava tão perto, podia notar seu forte fedor. Pensou que era o aroma da morte, algo fétido e horrível. Sua pele não era tão transparente nem luminosa como a dos vampiros que tinham visto na estalagem. Esse tinha uma pele áspera coberta de pústulas. Sentia vontade de vomitar.

Detiveram-se de repente. Estavam perto de uma pedra, uma enorme, e um dos vampiros a moveu como se não pesasse nada. O que a tinha sujeitado agachou a cabeça e Elizabeth se deu conta de que estavam colocando-a clandestinamente. A escuridão era quase total, mas os vampiros não pareciam ter problemas para ver.

Seguiam arrastando-a e ouviu o que podiam ser ratos ou outros vampiros. Seu coração pulsava com mais força que nunca. Tentou convencer-se de que não sentia medo na escuridão, só as coisas que apareciam de noite, tal e como lhe havia dito Josef. Por desgrça, esses seres da escuridão a tinham feito prisioneira.

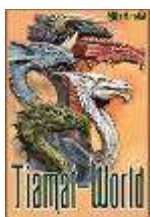
Capítulo 19

Josef a ouviu gritar sem parar, mas depois ficou tudo em silêncio.

Podia ver bem na escuridão, algo que tinha herdado também de seu pai biológico. Tinha usado essa habilidade desde pequeno para assombrar a seus pais adotivos. Podia ver coisas desde muito longe, inclusive de noite. Era uma habilidade sobrenatural, mas não tinha sua visão noturna tão desenvolvida como a dos vampiros.

Tinha podido intuir que a tinham pego. Alguns vampiros se equilibraram sobre ela sem lhe dar tempo de reagir. Ele estava preparando um fogo quando a capturaram. Ouvia seus gritos e correu imediatamente em sua direção. Quando chegou onde tinha acontecido tudo, viu sinais da luta, mas Elizabeth já não estava ali.

Aterrorizava-lhe sua segurança, mas não podia deixar-se levar pelo pânico, tinha que



canalizar essa energia para que se convertesse em ira para esses seres malignos. Correu até onde tinham as mochilas. Também estavam os arcos e os coquetéis Molotov que tinham feito com querosene. Decidiu tirar com fogo aos vampiros de sua guarida.

Seguiu os rastros dos vampiros e tentou manter-se centrado em sua missão, mas não podia deixar de ouvir em sua cabeça os gritos da Elizabeth enquanto a arrastavam pelo implacável e frio chão. Jurou que os mataria com suas próprias mãos, lhes arrancando depois seus corações e lhes adiantando fogo.

Viu rastros na neve. Ajoelhou-se ao ver uma mancha. Tomou um punhado de neve e a cheirou.

Sangue.

Tinham ferido a Elizabeth.

De pé no meio do bosque tentou ouvi-los, mas só podia escutar os batimentos do seu coração, que eram mais fortes que qualquer som.

Tinha-lhe ocorrido uma vez mais. Esses seres lhe tinham arrebatado a um ser amado. Não entendia como Deus podia lhe fazer algo assim.

Os rastros desapareciam ao lado de uma rocha. Ajoelhou-se a seu lado. Tombou-se na neve e olhou a base da pedra. Tinham-na movido fazia pouco tempo. Soube que se tratava de uma espécie de túnel edificado pelos habitantes do castelo séculos antes para poder defender-se dos inimigos. Um castelo que era na atualidade um labirinto que conduzia à guarida dos vampiros.

Tratou de empurrar a rocha, mas não se movia. Não tinha a mesma força sobre-humana dessas bestas.

Eles também tinham essa vantagem sobre ele. Mas sabia por experiência que a sede de sangue os incapacitava em pensar com clareza. Também lhes afetava muito o negro e se voltavam uns contra outros se viam em perigo, não entendiam a lealdade. Apoiou-se na rocha alguns segundos e pensou em um plano.

Deu-se conta de que teria que entrar pela porta principal das ruínas. Se o capturassem, só esperava que o levassem até o mesmo lugar onde estivesse Elizabeth para poder assim tentar escapar juntos.

—Ânimo Josef - disse em voz alta.

Tentou pensar como seu adotivo, que combinava um bom instinto com precisão metódica em cada um de seus movimentos.

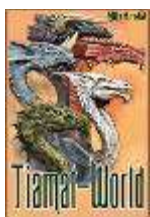
Deu então com um plano muito melhor.

«Elizabeth, não desfaleça, vou em sua ajuda», disse em modo de oração.

Elizabeth despertou em uma magnífica cama, segura de estar sonhando. Lençóis de seda acariciavam sua pele. O aroma de madressilva alagava tudo. Era uma cama com dossel. Estava completamente desconcertada.

Levou a mão à bochecha e notou que estava torcida. Doía-lhe a cabeça. Tinha sangue seco em uma zona do crânio e se deu conta de que lhe tinham arrancado uma mecha de cabelo.

Incorporou-se de repente e o brusco movimento fez que lhe doesse ainda mais a cabeça.



Era muito pior que qualquer ataque de enxaqueca que tivesse tido em sua vida. Respirou profundamente para tentar tranquilizar-se. Estava muito enjoada.

Muito devagar, olhou a seu redor para ver onde estava. Havia velas por toda parte. As paredes, mofadas e sujas, eram o único que lhe recordava que não estava em nenhum lugar agradável e seguro.

Fixou-se em uma mesa que havia ao lado de um antigo sofá. Havia ali uma jarra com água e uma terrina de prata cheia de frutas secas e de pão. Tinha fome e lhe rugia o estômago, mas não podia comer.

Só podia pensar em como sair dali, embora não soubesse onde estava nem como a tinham levado a esse lugar. Doía-lhe a garganta, mas não queria beber a água por medo de que estivesse envenenada.

Olhou as mãos e levou uma mecha de cabelo ao nariz. Estava úmido e cheirava a água de rosas ou a lavanda. Alguém lhe tinha dado um banho ou ao menos lhe tinham limpado os cortes e golpes que tinha sofrido.

Tentou recordar o que tinha passado. Vampiros a tinham atacado e arrastaram-na até chegar a uma grande pedra. Depois a tinham descido por um escuro túnel. Não se lembrava de nada mais. Era como se tivesse perdido a consciência nesse túnel.

Levantou-se da cama, plantando os pés com firmeza no chão. Não sabia se seus joelhos iam responder lhe. Estava um pouco enjoada, mas foi capaz de sustentar-se de pé.

Não havia janelas na habitação. Foi para a grande porta de madeira e comprovou que tinha sido fechada com chave do outro lado. Afastou-se dali e deu voltas por toda a sala, comprovando cada centímetro de parede, procurando algo que lhe desse uma pista ou a ajudasse a escapar.

Estava de pé contemplando o retrato de uma bela mulher cigana quando ouviu uma chave na fechadura. As dobradiças chiaram quando se abriu a porta.

—Olá, Elizabeth - lhe disse um homem alto. Fechou a porta atrás dele, mas não se aproximou dela. —Olá - repôs Elizabeth sem saber muito bem o que fazer.

Parecia-se muito ao Josef. Seu cabelo era escuro e o levava comprido, flutuando sobre os ombros.

—Sinto ter tido que recorrer à força para trazê-la aqui.

—Quem é você?

—Isso não deve lhe preocupar agora mesmo.

—Onde está meu irmão?

—Já falaremos disso.

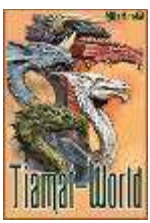
—E Josef? Onde está? perguntou com um nó na garganta.

—Vendo as ânsias que tem em acabar com este clã, imagino que aparecerá em qualquer momento.

Em sua mente, Elizabeth tentou avisá-lo para que não se aproximasse por ali.

«Josef, não venha a me buscar, é uma armadilha», pensou.

Não sabia que hora era nem que dia. Não podia saber quanto tempo tinha estado



inconsciente.

—Pareço-lhe sujo e grosseiro?

Olhou ao homem. Era incrível quanto se parecia com o Josef, mas era mais pálido e seus olhos não tinham vida. Aproximou-se um pouco mais dela. Deu-se conta de que não se moviam suas pupilas, por isso pareciam as de um cadáver. Se for verdade isso que diziam que os olhos eram o espelho da alma, esse homem não a tinha.

—Nenhum homem com um mínimo de educação teria arrastado a uma mulher como me arrastaram.

—Sinto que tivessem que tratá-la com tão pouca consideração - confessou enquanto lhe tocava o rosto—. Mas não acredito que tivesse querido vir de maneira voluntária.

—É obvio que não.

Os dedos desse homem estavam gelados e sua pele não parecia pele de verdade, a não ser cera. Elizabeth não pôde evitar estremecer-se. Olhou-o aos olhos. Perguntou-se se seria capaz de fazer que sentisse compaixão dela.

—Já posso ver meu irmão?

Riu ao escutá-la.

—Tenho uma proposta para você.

—Qual?

—Se se unir a mim voluntariamente liberarei a seu irmão. Se tratar de negar-se, converterei-o em vampiro.

—Não me está dando nenhuma alternativa. Isso seria um suicídio.

—Não - repôs ele abraçando-a. É justamente o contrário. É vida. Vida eterna. Liberaria da morte e o suicídio. Como aconteceu com seu pai. Você crê que conseguiu algo tirando-a vida? De verdade acredita que pôde reunir-se com sua mãe na eternidade?

—Não fale deles! —repôs sem poder controlar-se.

—Se tivesse elegido meu caminho, estariam juntos e para sempre. Por toda a eternidade. Comigo não existem as enfermidades nem a morte.

Elizabeth sacudiu a cabeça. Não queria escutar a esse homem. Odiava o aroma de madressilva e o falso luxo dessa habitação. Tudo isso não significava mais que morte. Morte e malignidade. Só desejava estar de novo com Josef e poder ver seu irmão.

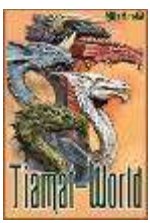
—Deixe-me ir - pediu com firmeza.

—É sua última oportunidade.

Sem tempo para adivinhar seus movimentos, o homem a agarrou pelo cabelo. A dor era insuportável.

—Por favor... —rogou-lhe Elizabeth.

Mas não pôde seguir falando quando esse homem se equilibrou sobre ela, beijando-a com voracidade e forçando a língua entre seus lábios. Elizabeth lutou com todas suas forças, brigou tudo o que pôde sem deixar que a dor a detivera.



Seus lábios estavam congelados, não se pareciam em nada aos do Josef, nem sequer quando a tinha beijado na neve. Os do Josef, a pesar do gélido ar, eram quentes, estavam cheios de vida. A boca do Josef era um refúgio e ela desejava mais que nada poder beijá-lo de novo. A boca desse monstro era de gelo e sua língua era uma parte de carne morta. Sentiu-se doente, não podia suportar que a forçasse dessa maneira.

De repente, ele se apartou e a empurrou com força. Elizabeth não pôde evitar cair ao chão.

—Agora, querida, a repugnância que sente por mim é tão óbvia que acaba de decidir seu destino. E também o destino de seu irmão e o de seu amante.

Elizabeth o fulminou com o olhar, mas ele pôs-se a rir.

—Recorde quando estiver sofrendo que cheguei a lhe dar a oportunidade de evitar tudo isto.

O homem deu meia volta e saiu dali.

Elizabeth ouviu a chave na fechadura. Voltava a ficar pressa.

Ficou ali em silêncio, olhando distraída a luz de uma vela e pensando em seu destino. E nos destinos dos dois homens mais importantes de sua vida.

Capítulo 20

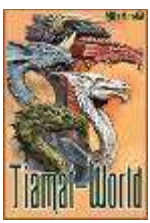
O dia, ou possivelmente à noite, passou muito lentamente para a Elizabeth. Sentia-se como uma ave enjaulada esperando que a matassem.

Cada vez que fechava os olhos, recordava o beijo do misterioso vampiro. Não queria fazê-lo, não havia nada prazenteiro nisso, mas era como um desses pesadelos que se repetiam de maneira incessante. Tentou não pensar nisso e concentrar-se nas doces lembranças que tinha do Josef. Seu tempo juntos tinha sido muito breve, mas a experiência tinha sido plena, intensa e muito apaixonada. Queria-o com todo seu ser, mas já não encontrava esperanças na ideia de que fora a procurá-la. Estava convencida de que não tinham saída.

Pensou então no David e em quão felizes tinham sido o verão que passaram na praia. Recordou um ano no que seu irmão se disfarçou de menina para celebrar Halloween. Tinha-lhe feito saca-rolhas no cabelo. Mas as doces lembranças não duravam muito. Não podia deixar de pensar em quanto estaria sofrendo seu irmão naquele lugar.

Tentou convencer-se de que, embora a convertessem em vampiro, tentaria não esquecer sua compaixão humana. Queria sair de dia e converter-se em cinzas, não desejava ser uma criatura da noite. Mas não sabia se ia ser capaz de aferrar-se a sua condição humana com a única ferramenta de sua própria vontade.

Não queria chorar, mas lhe encheram os olhos de lágrimas sem que pudesse evitá-lo. Eram lágrimas de terror. Caíam as primeiras sobre suas bochechas quando escutou de novo a chave na fechadura e a porta se abriu.



Mas viu que não era o misterioso vampiro de antes, que não tinha querido lhe dizer seu nome. Dessa vez entraram vários deles. Estavam calvos e lhe lançavam olhadas lascivas enquanto lambiam os lábios.

Caiu de joelhos ao chão e escondeu a cabeça em seu regaço, tampando-se com os braços. Começou a arrastar-se para trás como um caranguejo, tentando atrasar o inevitável. Nem sequer queria pensar nessas criaturas tocando-a. Mas o fizeram, agarraram-na bruscamente e a tiraram num escuro corredor. Eram tão fortes que temeu que lhe arrancassem os braços ao arrastá-la assim. Tentou ficar em pé por si mesmo, mas não pôde.

Seus gritos ressonavam no corredor. Acreditava que estava a ponto de perder a prudência. De vez em quando, suas mãos roçavam pele, ossos, cabelo, substâncias pegajosas... Não sabia o que tocava, mas sabia que era horripilante.

Levaram-na assim durante um comprido momento, acreditava que nunca ia terminar aquilo. Mas por fim chegaram a uma cela e a colocaram ali aos empurrões. Fecharam a porta e a deixaram na mais tenebrosa escuridão.

Tentou controlar-se para não deixar-se levar pelo pânico.

«Não te dá medo a escuridão», repetiu-se varias vezes.

Ouviu uma respiração e se deu conta de que não estava sozinha.

Agachou-se, formando uma bola com seu corpo. Tentou que ninguém a visse.

A respiração era cada vez mais forte e ouviu também um gemido gutural.

Se fossem matá-la, só desejava que fossem rápido.

Recordou então o que Josef lhe tinha dado para esquentá-las mãos, sabia que dava um pouco de luz. levantou-se o pulôver e girou o cinturão. Tirou do bolso o aparelho. A luz avermelhada era muito tênue, como a de um cigarro aceso em meio da escuridão. Dirigiu-a para cima. Era uma cela pequena, de uns três metros por quatro. Tudo era sólida rocha ao redor e a porta era de madeira muito grossa com um ralo de ferro no centro.

Viu então perplexa que, contra uma das paredes, no chão cansado, coberto de sangue e manchas roxas, estava David. Um David muito pálido e magro.

—Meu Deus! David! —exclamou ao vê-lo.

Começou a tremer sem poder controlar-se.

Ele levantou a cabeça para ela.

—Fora daqui, demônio. Não te burle de mim. Lhe disse com uma voz muito débil.

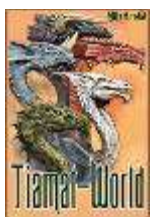
—Não sou um demônio, David. Sou sua irmã.

—É fruto de minha imaginação.

Deu-se conta de que seu irmão estava perdendo a cabeça e não sentia saudades de nada. Sabia que lhe aconteceria o mesmo se passasse muito tempo ali. Pensou que estaria logo como ele ou pior.

Com cuidado, para não assustá-lo, foi para ele muito devagar. Estendeu as mãos para seu irmão, lhe mostrando as palmas.

—Sou eu - lhe disse com suavidade.



Quando estava a um metro mais ou menos dele, agachou-se e colocou a mão ao lado de seu rosto para que a visse bem.

—Sou eu. Li seu correio eletrônico e fui a Praga. Depois cheguei até aqui te seguindo. E me capturaram.

Os olhos do David não expressavam nada, mas não eram como os dos vampiros. Elizabeth sentiu um grande alívio ao ver que não o tinham convertido ainda em um deles. Estava muito sujo e tinha perdido mechas inteiras de cabelo. Tocou-se ela seu próprio couro cabeludo. Estava úmido, havia tornado a sangrar depois de que a levassem a rastros a essa cela.

David não parecia reconhecê-la. Ficou ali sentado, olhando, mas sem vê-la de verdade. Aproximou-se mais a ele.

—David, sou eu...

—Fora daqui! exclamou ele ocultando seu rosto entre os joelhos.

Tremiam-lhe os ombros.

Elizabeth recordou então algo que podia fazer que acreditasse.

—Sou eu - insistiu. Olhe...

Afastou o cabelo do rosto e sujeitou a luz perto de sua bochecha.

—Olhe, recorda como aconteceu isto?

Tinha ali uma pequena cicatriz em forma de coração. Havia feito quando os dois estavam correndo pela rua com rojões de luzes acesos. Era o dia da festa nacional, em Quatro de Julho, e eles tinham sete anos. Explodiu o rojão de luzes lhe fazendo uma cicatriz no rosto. Tinha chorado tanto que David lhe disse que queria uma marca como a sua. Tentava fazê-la se senti melhor. Recordou como tinha colocado seu rojão de luzes na palma da mão e, tal e como esperava, queimou-se também. Os dois tinham ido depois chorando a seu pai.

Depois daquele dia, sempre que estava triste David colocava a cicatriz de sua mão sobre a de sua bochecha. Sentiam que assim eram gêmeos de verdade.

Ao princípio, ele não reagiu. Depois, Elizabeth viu uma lágrima caindo por sua bochecha. De repente, David a agarrou e abraçou com força.

—Meu Deus, é você! sussurrou David. Meu Deus! O que é o que tenho feito? Coloquei-te neste beco sem saída! O que tenho feito? —adicionou sem poder deixar de chorar.

—Não passa nada, David. Tranquilo, tranquilo - Lhe disse para tranquiliza-lo. Vamos sair daqui —acrescentou com uma fé que já não tinha.

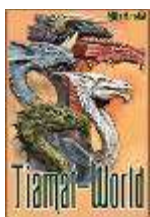
Ficaram assim, abraçados na escuridão dessa cela durante um momento. Depois, ela se afastou e se sentou a seu lado.

—Recorda que tínhamos nossa própria linguagem? perguntou-lhe.

—É obvio - respondeu David com um sorriso.

—Muito bem, vamos usar para que ninguém possa nos espiar e saber do que estamos falando.

Começaram a falar usando as palavras inventadas anos antes. Fazia muito que não o usavam, mas não lhes custou recordá-lo.



«Shakelpé, shandoke, modentay...», recordou ela.

Eram palavras que acreditava esquecidas, mas as recuperou logo.

Sentiu-se esperançada ao estar com ele e poder usar essa linguagem de sua infância.

Depois de uma hora falando, conseguiu entender o que lhe tinha passado a seu irmão.

Tinha chegado a Praga para conhecer a cidade e ver os museus de arte. Enquanto estava ali, tinha conhecido a alguém que lhe falou das montanhas do Karkonosze, alguém que lhe disse que eram tão impressionantes e belas como os Alpes. Mas uma noite, enquanto se encontrava em um bar da cidade, conheceu um grupo de jogadores de rugby alemães. Eram farristas e passou um par de horas com eles. Em algum momento da velada, alguém lhe passou um copo de cerveja.

Despertou dois dias mais tarde com uma terrível gripe e sem entender o que lhe tinha passado. Não recordava nada. Os alemães não estavam por nenhuma parte e se deu conta de que alguém o tinha drogado.

A hospedaria onde se alojou estava vazia, o que achou bastante estranho. E, mais ainda, que ninguém lhe tivesse roubado a carteira nem o passaporte. Quão único tinha sentido falta tinha sido uma fotografia deles dois.

Passei muitos dias doente, com febre e alucinações. Por alguma razão que não podia compreender, senti a necessidade de ir até a Estalagem do Espinheiro. Tinha ouvido falar desse sítio estando na hospedaria e, como se fosse o som hipnotizante de uma sereia, teve que seguir seus instintos até chegar ali.

Cheguei às montanhas ainda doente. Tinha ido parando carros para que o levassem, embora poucos se atreveram a dar carona a um estrangeiro pálido e doente como ele.

Ficou na estalagem um tempo, mas o aroma dos arbustos de espinheiro lhe estava pondo pior. Tinha acreditado então que se tratava de algum tipo de alergia.

Os espinheiros o jogaram da estalagem, e foi sem rumo pelo bosque. Não lhe ocorreu nunca voltar para a Praga, à civilização. Alguma força que não podia descrever nem entender o empurrava a seguir pelas montanhas. Foi capturado ali pouco depois.

Tinha sido muito duro para a Elizabeth ouvir quanto tinha sofrido seu irmão durante seu cativeiro. Contou-lhe depois as visões que tinha tido ela e David lhe confirmou que todas essas coisas tinham acontecido tal e como as tinha visto.

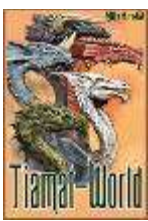
Ela tinha tido ao Josef para lhe explicar o que sabia sobre os vampiros e dhampires. Mas seu irmão tinha tido que aprendê-lo tudo sobre a marcha e da maneira mais dura. Ele sabia que se tratava de algo maligno e sobrenatural, mas não queria entendê-lo.

—Não sabia o que pensar deste lugar e destas pessoas - lhe sussurrou ele—. Pensei que eram parte de uma espécie de seita.

—Uma seita com a imortalidade como fim último, uma seita sanguinária - repôs ela.

—Como acabei aqui, Lizzie? Entendo que seguisse meu rastro até o cyber café de Praga de onde te escrevi. Mas depois... O que passou depois?

Falou-lhe do Josef e do que tinha compartilhado com ele. Explicou-lhe que era muito mais que uma aventura, muito mais profundo e importante. Disse-lhe que era um homem muito



valente e que ela rezava para que o estivesse tentando tirá-los dali quanto antes.

—O que sabe deste lugar, David? perguntou-lhe enquanto agarrava com carinho sua mão—. Conhece estas ruínas?

—Não posso te contar muito. Passei todo o tempo aqui, menos quando me tiraram para me torturar mais ainda.

Assentiu com a cabeça para ouvi-lo.

—Quem é o líder?

—Chamam-no Lad.

—Lad?

—Sim, diminutivo do Ladislav. Assegura ser cigano, um grande líder do povo cigano. Odeia aos humanos. Odeia a quão nazistas exterminaram aos ciganos e os despojaram de suas posses. E transformou esse ódio em ânsias de sangue. Acredito que delira.

—Vi um retrato de uma bela mulher cigana no dormitório onde me encerraram. Talvez fosse sua amante no passado.

—Se de verdade for um vampiro, não acredito que sinta já nenhuma emoção humana.

—Não, só o ódio.

Elizabeth olhou a seu irmão com carinho. Era um alívio e uma bênção ver que seguia sendo ele mesmo. O que não conseguia entender era para que os tinham capturado aos dois. Não sabia por que esse tal Lad os queria aos dois nem por que os queria vivos... No momento.

Capítulo 21

Algum tempo depois, David e Elizabeth dormiram. Ela, apoiada no ombro de seu irmão, e David com a cabeça sobre a da Elizabeth dormiram.

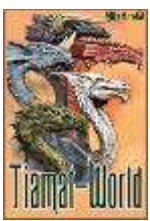
Não sabia disser se dormiram só uma hora ou um dia inteiro, mas de repente despertaram com vampiros que faziam as vezes de guardiães.

Esses demônios abriram a porta da cela, levantaram-nos do chão e os tiraram no corredor à força. Nunca em sua vida tinha sido tratada com tanto desdém. Dirigiam-nos como se fossem bonecos.

Tentou lhe dar a mão a seu irmão, mas um dos vampiros a golpeou com dureza e grunhiu. Pareciam cães raivosos. Levaram-nos pelo mesmo corredor pelo que a tinham baixado há ela horas antes. Colocaram-nos depois em outra cela que parecia uma caverna.

Deu-se conta de que era uma espécie de templo. Um templo dedicado ao Ladislav, à escuridão e ao sangue humano. Penduravam tochas das paredes. Em metade da sala havia uma grande laje de pedra. E, sobre ela, estava atada com correias de couro uma mulher nua.

Havia quinze vampiros ao redor da prisioneira. Alguns tinham o rosto de aborrecimento, outros pareciam estar sedentos e lambiam os lábios.



Empurraram-nos até que caíram ao chão frente à laje central. Olharam à mulher que ali jazia. Tinham-lhe colocado um lenço na boca e uma mordaça. Seus olhos pediam ajuda e Elizabeth tentou lhe transmitir confiança e compaixão com o olhar. Não podia lhe oferecer nada mais, só um pouco de humanidade e a segurança de que, se morresse, não o faria sozinha entre essas bestas.

Olhou depois a seu irmão. Não queria nem pensar em todas as coisas horríveis que teria tido que presenciar durante seu cativeiro. Não entendia por que os teriam levado agora até ali.

Recordou que Josef a tinha avisado de que os vampiros podiam ver os dois gêmeos como um perigo para sua sobrevivência por sua condição de videntes. Se for assim, o que não compreendia era por que não os tinham matado ainda.

Havia certa tensão no templo, todos pareciam estar desejando que começasse o sacrifício. Rezou em silêncio pela alma dessa pobre mulher e também pela do David e ela mesma. Não queria nem pensar em que os matassem de um em um, não queria ser a última a ir nem lhe cabia na cabeça ter que contemplar o assassinato de seu irmão.

Ouviu então umas pegadas aproximando-se do templo. Eram passos firmes e fortes, cheios da autoridade de um líder. Deu-se conta de que era seu captor. O homem frio e calculador que a tinha beijado.

Chegou Ladislav e se colocou ao lado da lápide central. Deu-se conta de que sua aparência era quase idêntica a de seu filho Josef.

—Elizabeth, recorde o que lhe disse...

Ela não podia deixar de tremer.

—Esta é minha família - lhe disse enquanto olhava ao resto dos vampiros—. Dei-lhes a vida - acrescentou assinalando a pobre mulher na laje. Importa-me muito minha família e me encarrego de que nunca lhes falte nada.

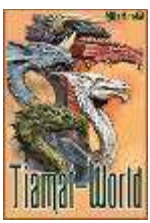
Ladislav se ajoelhou ao lado da mulher e sussurrou algo.

A Elizabeth não custou ouvir suas palavras.

—Não se preocupe... Este tipo de morte é tão extremamente dolorosa que desejará morrer enquanto meus amigos a bebem, comem-na, consomem-na... Mas não saberá quando lhe chegará seu momento. Possivelmente quando chegarem a esta veia daqui - lhe disse acariciando a coxa da mulher—. Ou possivelmente seja nesta do pescoço - acrescentou roçando seu jugular—. Não saberá quando vai ocorrer, mas desejará morrer. Desejá-lo-á e suplicará que a matem igual a têm feito muitas outras mulheres antes e também muitos meninos. E também os homens rogaram. Quando for por fim um cadáver, farão uma festa com seu corpo. Violarão e abusarão de seu corpo de tal maneira que nem seu próprio pai poderia reconhecê-la. Depois disso, chegará o final e se unirá a centenas de cadáveres que não são nada mais que ossos e carne podre. Ninguém saberá nunca o que lhe passou. Seus familiares nunca encontrarão a paz, lamentarão sua perda durante o resto de seus dias neste mundo.

Elizabeth não podia deixar de chorar. Não entendia como uma pessoa, embora já não fosse pessoa a não ser vampiro, poderia perder até esse ponto sua humanidade.

Ladislav ficou em pé.



—Quero lhes ouvir, meus filhos - ordenou em voz alta.

Os assobios e uivos eram horríveis. Um ruído horripilante e desumano que ressonava nas paredes da caverna, aumentando ainda mais a sensação de terror.

—Que comece o banquete! gritou Ladislav.

Seguindo sua ordem, os quinze vampiros se equilibraram sobre a pobre mulher. Elizabeth tampou os ouvidos com as mãos, mas Ladislav se aproximou dela e sujeitou seus braços por detrás das costas. O fazia com tal força que temeu que os arrancasse.

—Quero que escute estes doces sons para que nunca possa esquecê-los.

Recordou o que Josef lhe tinha contado sobre o brutal assassinato de sua mãe. Os ruídos eram tal e como os havia descrito. Podia escutar os sibilantes sons, suas dentadas e como sorviam sangue de seu pobre corpo. A mulher não deixava de gritar e gemer apesar de estar amordaçada. Elizabeth olhou a seu irmão, que estava tão doente como ela, quase a ponto de vomitar.

Quando terminaram com a pobre vítima, um dos vampiros subiu em cima de seu corpo e fez o que Ladislav já lhes tinha anunciado.

Elizabeth acreditava que esse pesadelo já não podia piorar. Mas sentiu então que a levantavam do chão.

—Adivinha quem é a seguinte? perguntou-lhe Ladislav.

—Não! gritou David fora de si enquanto tentava tocá-la.

Um dos vampiros foi para ele e lhe deu uma forte patada na cara com suas botas de couro.

—Silêncio!

David caiu inconsciente ao chão. Levantaram-na ela por cima das cabeças de todos os vampiros. Não lhes custava fazê-lo, sua força não era deste mundo. Deixaram-na sobre a laje, já vazia. A superfície era escorregadia e o sangue que a cobria estava ainda quente. Alguns vampiros, não satisfeziram sua sanguinária sede, lambiam a pedra e o chão.

Elizabeth tentou usar seus poderes de vidente para comunicar-se com o Josef.

«Não venha querido, não venha ou morreremos todos. Não quero que tenha que passar por isso, isto te mataria», disse-lhe sem palavras.

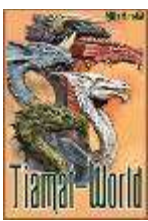
Josef pôde sentir a Elizabeth chamando-o. Estava seguro. Soube então que estava viva e recuperou assim um pouco de esperança. Mas cada vez estava mais desesperado.

—Elizabeth! gritou.

Tinha-a procurado pela montanha sem encontrá-la. A escuridão era quase absoluta. Mesmo assim, acreditava que seguia viva e que tentava comunicar-se com ele. De vidente a dhampir, como duas almas gêmeas.

Sabia que também lutava contra o tempo. Não podia esperar a que amanhecesse e os vampiros estivessem dormidos. Tinha que atuar em seguida, quanto antes.

Tinha colocado piras ao redor das ruínas do castelo. Esperava que a fumaça desse fogo atraísse a atenção dos guias do parque para que enviassem ajuda de algum tipo, possivelmente um helicóptero. Sua intenção era que se visse claramente que os fogos tinham sido acesos de maneira intencionada. Assim os vigilantes florestais enviariam a alguém para que investigasse o



que estava passando na zona.

Mas sabia que não podia confiar nessa ajuda externa e sabia também que essa era sua oportunidade, não ia ter mais. Não lhe preocupava deixar um pouco de querosene para o caminho de volta para casa porque não pensava deixar que nenhum vampiro sobrevivesse ao ataque. Escondeu-se detrás de uma rocha e enganchou vários coquetéis Molotov a seu cinturão. Já tinha empapado flechas em querosene. Estava preparado.

Acendeu um pequeno fogo a seus pés e o protegeu com as mãos para que não se extinguísse. Colocou uma flecha no arco, prendeu-a com as chamas, apontou e atirou. Com a precisão de um arqueiro olímpico, deu de feno na primeira pira, que se acendeu imediatamente.

Atirou outras quatro flechas sem falhar nenhuma só vez. Depois voltou a ocultar-se detrás da mesma rocha e esperou. As chamas subiam por cima da vegetação, cobrindo o céu. Viu que a que estava mais perto da entrada ao castelo desprendia muita fumaça nessa direção. Era perfeito.

Ouviu-os então. Eram chiados parecidos com os das aves de rapinas, mas muito mais terríveis. Viu algumas figuras escuras aparecendo nos torreões. Já sabiam que tinha ido Lá por eles.

Esperava que as piras perto da entrada principal os fizessem sair pelo túnel. Assim conseguiria que alguém movesse para ele a rocha que tampava a entrada.

Escondeu-se com cuidado para que não soubessem onde estava.

Tal e como tinha planejado alguém moveu uma laje perto do lugar onde tinha perdido a pista da Elizabeth. Saíram pouco depois três silhuetas negras que se puseram a correr. Moviam-se sem tom nem som, como se não tivessem um plano concreto. Não lhe surpreendeu, sabia que a fumaça e o fogo lhes assustava e isso bloqueava sua habilidade para pensar. Acreditava que só o líder tinha um intelecto fora do normal.

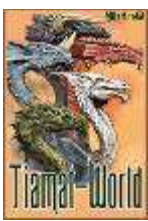
Levantou o arco e disparou aos três vampiros. O primeiro explorou em chamas com um terrível grito.

Fez o mesmo com o segundo, mas ao terceiro o perdeu de vista. Perguntou-se se haveria outra entrada subterrânea. Era muito possível. Os castelos medievais estavam acostumados a contar com vários túneis e entradas secretas para aumentar a segurança dos habitantes em tempos de guerra.

Acendeu uma flecha e pôs-se a correr. Ia agachado para que não o vissem. Foi até a rocha que os três vampiros acabavam de mover. A chama da flecha lhe servia para iluminar o caminho. Saltou e caiu sobre uma dura rocha. O golpe foi tão forte que lhe produziu uma grande dor na coluna. Olhou então para o corredor por onde continuava o túnel. O que viu lhe revolveu o estômago.

Havia ossos de todo tipo, caveiras e cadáveres em diferentes estados de decomposição. Mas não tinha tempo para deixar que essas coisas lhe afetassem. O fedor era insuportável e se mesclava com o aroma de amônia dos excrementos dos morcegos. Pôs-se a correr pelo corredor. Viu um vampiro a uns dez metros dele, esperando-o. Disparou-lhe e a besta prendeu em chamas.

O fogo lhe queimava os olhos. Prendeu nele outra flecha e seguiu com seu plano de ataque.



Pisou em ratos que saíam do túnel assustadas pelo fogo.

Encontrou a uma vampira e disparou. Deu-lhe na perna, mas o fogo se estendeu para cima e a converteu em cinzas em poucos segundos.

Ao ver que estava a ponto de chegar a um cruzamento de caminhos, deteve-se um momento para acender um de seus coquetéis Molotov. Atirou a garrafa a sua esquerda. A explosão foi espetacular e ouviu os gritos desesperados de vários vampiros. Seguiu pela direita. Corria com decisão, mas sem saber aonde ia. Não sabia se estava dentro de um labirinto sem saída, mas tinha que tentá-lo. Esperava que, tomasse o caminho que tomasse, levasse-o ao lugar onde pudesse enfrentar-se com seu pai biológico por fim e encontrar Elizabeth.

Correu para não deixar-se apanhar pela fumaça que ia enchendo rapidamente os túneis. Os excrementos de morcego estavam fazendo às vezes de combustível e as chamas se estendiam com celeridade. Tirou um lenço que tinha empapado em neve e o colocou sobre o rosto para respirar melhor.

Chegou de novo a um cruzamento de caminhos. Acendeu outro coquetel e o atirou a uma silhueta escura que viu a sua esquerda. No momento em que dava de pleno ao vampiro, algo ou alguém o golpeou na cabeça com uma pedra.

Gritou o nome da Elizabeth enquanto perdia a consciência.

—Não se preocupe, o levaremos onde está ela - ouviu que lhe sussurrava alguém ao ouvido.

Golpearam-no de novo e tudo se voltou negro.

Capítulo 22

Ladislav cortou o pulôver da Elizabeth com uma adaga.

—Meu filho tem um gosto excelente para as mulheres - lhe disse enquanto a olhava com lascívia—. E me pergunto como saberá...

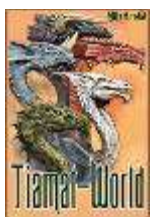
Sentiu as presas do vampiro sobre seu pescoço, mas não atravessaram sua pele.

Colocou a adaga ao lado dela. Estava atada de mãos e pés, assim de nada lhe servia ter a arma tão perto. Seguiu movendo a cabeça para onde estava David para tentar vê-lo.

Podia ouvi-lo respirar, de vez em quando gemia ou se movia um pouco, mas ainda seguia estendido no chão.

Olhou ao Lad e tentou controlar seu pânico. Os olhos dessa criatura pareciam feitos de prata líquida. Tinha as pupilas imóveis de um cadáver, sem nenhum tipo de emoção nelas. Só o moviam as ânsias de poder e sua sanguinária sede. Tentou preparar-se para o que a esperava. A dor não ia ser para sempre, teria um fim. Sabia que seria horrível e muito intenso, mas acabaria. E com esse fim chegaria sua morte.

Não entendia o que esperavam. Parecia-lhe que, já atada à laje, essa espera era o pior, só estavam alargando mais a tortura e sua angústia. Tentou pensar em seus pais e que logo estaria



com eles no céu. Era uma situação tão terrível que desejou com todo seu ser que lhe chegasse logo a morte.

Mas então cheirou a fumaça.

Josef.

Seu coração deu um salto, embora tentasse permanecer tranquila. Conhecia-o e sabia que era capaz de mover céu e terra para estar com ela. Pensou em seu amor e em quão inteligente era, usando querosene e os coquetéis Molotov para tirar as bestas de sua guarida.

Os vampiros saíram chiando da caverna. Ladislav também correu atrás deles.

Ela tentou levantar a cabeça para falar com o David, precisava ver que estava bem.

—David - sussurrou. David, tenta despertar, por favor.

Ouviu só um leve gemido, mas os olhos de seu irmão se abriram um pouco.

O ruído era ensurdecedor. Chegavam-lhes os sons dos vampiros chiando e correndo, retumbavam nas paredes da caverna. Elizabeth não sabia de onde procediam os ruídos. Tinha perdido por completo a habilidade para orientar-se.

Poucos vampiros voltaram para templo. Pareciam nervosos e agitados. Não deixavam de mover-se. Inclinar-se sobre ela na laje lhe mostrando suas afiadas presas e grunhindo. Fechou com força os olhos, mas não podia evitar escutá-los. Podia sentir o fôlego gelado sobre seu corpo. Um deles lhe lambeu a garganta.

Cheirava a amônia e fumaça, misturado com o metálico aroma do sangue derramado naquele lugar. Cada vez se fazia mais intenso o aroma de fumaça e os vampiros pareciam cheios de pânico. Escondiam-se nos ocos e nichos naturais que havia na caverna. Viu que o teto da sala estava úmido e que a condensação era tão intensa que gotejava de maneira incessante.

Podia escutar os sussurros das bestas. A maioria falava em eslovaco e tcheco, poucos em inglês. Estava segura de que o que proferiam eram ameaças de morte.

A maneira em que os ruídos se propagavam pela caverna lhe fez recordar uma viagem que tinha feito com David e seu pai muitos anos antes. Tinham visitado as covas Howe, ao norte de Nova Iorque. Durante a visita, chegaram a uma parte da cova cujas condições faziam reverberar até o mais leve dos sons. Os dois irmãos se divertiram mantendo conversações em voz baixa e lhes tinha surpreso muito que outro pudesse as escutar. Mas o que estava vivendo nesses instantes não tinha nada de divertido. O eco desses horripilantes sons não fazia a não ser acrescentar sua confusão. Estava segura de que tinha perdido por completo a cabeça.

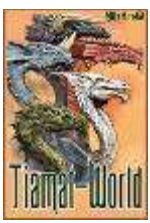
Ficou ali, congelada e aterrada, durante muito tempo. Pareceu-lhe que passou ao menos uma hora. A dura laje era implacável nas suas costas. Doía-lhe todo o corpo.

Pensou de novo em sua morte e em quanto gostaria de ver o Josef uma última vez.

De repente, os vampiros que seguiam ali começaram a gritar e a lhe mostrar seus dentes. Entrou de novo o líder, Ladislav, mas dessa vez ia acompanhado. Estava com Josef.

Ele apenas a olhou aos olhos. Não entendia o que lhe passava. Não se atreveu sequer a chamá-lo. Conteve o fôlego. Pensou que possivelmente o tinham feito prisioneiro.

Ladislav e Josef, seu filho, aproximaram-se dela.



—Chegou o momento - anunciou o líder com muita cerimônia.

Josef olhava ao Lad enquanto este falava. Parecia não querer olhá-la a ela. Encolheu-lhe o estômago ao vê-lo assim e temeu que tivesse perdido a cabeça. Pensou no David tal e como o tinha encontrado naquela escura cela, ao bordo da loucura, condenado à solidão. Não queria nem pensar no que teriam feito ao Josef, seu Josef, para que estivesse abstraído olhando seu pai biológico, com admiração.

Lad se aproximou mais dela.

—Tenho que felicitá-la disse. Tudo saiu perfeito. Agora tenho aos dois irmãos aqui. Eu não poderia haver coreografado melhor todo o plano.

Não entendia do que lhe estava falando, mas estava morta de medo. Olhou ao David e depois ao Josef, mas eles não reagiam de maneira nenhuma.

—Seu gêmeo chegou a Praga e, quando adoeceu graças à intervenção de uns travessos vampiros, encontraram em sua carteira a foto dos dois irmãos. Pouco depois, é obvio, ele ficou em contato com sua irmã.

Lad deu voltas pela sala enquanto falava com orgulho.

—E sua bela irmã não demorou em chegar também a Praga. Sua gêmea. Sempre soube que os gêmeos têm uma habilidade especial e estava seguro de que acabaria indo à Estalagem do Espinheiro. Todos os que passam as tortuosas estradas da montanha se veem atraídos para esse imponente edifício de pesadas portas de madeira e curiosas gárgulas.

O vampiro deu a volta e deu uma tapa ao David nos rins.

—É obvio, a essas alturas já tinha decidido que não me convinha transformar a seu irmão em um de nós. Estava quase seguro de que teriam poderes de vidência e comprovei pouco depois que estava certo - explicou com estremecedoras gargalhadas. Eu adoro ter razão... O valor de seu irmão residia no poder que tinha como ceva para trazê-la aqui e para que chegasse também meu filho.

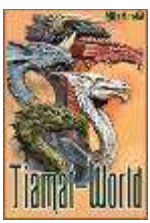
Elizabeth se fixou então no Josef, que seguia sem olhá-la, como se não a conhecesse de nada.

—Sim, decidi que seu patético irmão me poderia ser muito util. Deu-me a oportunidade de vê-la. E, cada vez que sentia repugnância com as visões que apareciam em sua cabeça, conseguia também aproximá-la mais e mais a minha guarida. Sabia que acabaria aqui cedo ou tarde. E também que com você viria meu filho.

Estava muito confusa. Ladislav falava como um homem louco. Não entendia nada do que estava contando.

—Josef acudiu correndo para salvar à bela mulher em apuros. Você está tão apegada a seu irmão que ignorou o perigo que enfrentava ao entrar nestas montanhas. É irônico que assegure que ama a meu filho e que tenha estado disposta a deixar que a ajudasse, a permitir que arriscasse sua vida, pelo bem de um irmão que não foi mais que uma carga toda sua vida, como foi também seu pai.

—Isso não é verdade! gritou Elizabeth.



Lad se inclinou sobre ela e a esbofeteou.

—Silêncio ou a matarei agora mesmo!

Elizabeth olhou ao Josef, que nem sequer tinha pestanejado ao ver que Ladislav batia. Doeu-lhe tanto vê-lo assim tivesse preferido estar morta.

—Me mate - lhe disse.

Ladislav se pôs a rir.

—Sabia que Josef viria procurá-la. E também sabia que teria curiosidade sobre mim, seu pai —adicionou o vampiro.

Ela não acreditava que tivesse curiosidade, mas sim sabia que sempre tinha querido matá-lo. Por isso lhe custava tanto ver Josef ali, sem fazer nada, sem defendê-la. Parecia estar ao lado de seu pai em todos os sentidos. Desejava poder falar com ele a sós, conseguir que a olhasse aos olhos para fazer que recordasse o amor que os unia.

Sabia que algo não ia bem, era como se Josef tivesse esquecido de repente que eram almas gêmeas.

Pensou que possivelmente estivesse dominando-o seu lado escuro. Josef a tinha advertido desde o começo, havia-lhe dito que era filho de um vampiro. Temia que a conexão que tinha obtido com o lado humano e mortal do Josef não fosse tão forte como o vínculo sanguíneo que tinha com seu pai biológico.

Temeu que a besta que havia em seu interior fosse mais forte do que os dois tinham acreditado. Mas não queria nem pensar nesse tipo de coisas, não podia trair ao Josef dessa maneira. Teria preferido morrer.

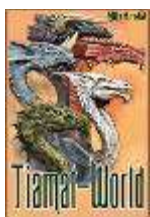
—Vejo que não deixa de dar voltas ao que digo Elizabeth - lhe disse Lad. Uma professora tão brilhante como você... Eu sabia que Josef queria vir me matar. Vi-o caçando nas montanhas durante anos. Sabia que usava flechas de espinheiro e observei como matou a outros vampiros. Mas, já fora por curiosidade ou porque queria me matar, sabia que acabaria por vir a minha guarida. E assim pude levar a cabo meu grande plano.

—De que plano fala? conseguiu perguntar ela.

—Meu filho tomará o lugar que lhe corresponde a meu lado e a transformará em vampira. Será sua esposa de sangue...

Capítulo 23

Elizabeth não podia deixar de tiritar e notou que a pedra onde estava se movia. Olhou a seu redor, mas ninguém parecia alterar-se. Deu-se conta então de que, o que tinha percebido como um terremoto, não era mais que seu corpo tremendo. Tudo no que tinha acreditado até esse momento era uma mentira. Seu mundo emocional e espiritual se desmoronava e era muito tarde para corrigir seus enganos.



Josef tinha acreditado que seu pai queria matá-los ao David e a ela porque eram gêmeos e tinham poder de vidência. Também lhe tinha passado pela cabeça que Ladislav queria ter descendência com ela, mas tinham estado equivocados desde o começo.

Seu terrorífico pai tinha usado aos gêmeos como ferramenta para conseguir que seu filho fosse a sua guarida. Tinha-os usado como ceva para ter ao Josef a seu lado.

Tudo tinha sido uma armadilha.

—Expliquei a meu filho que nós, os ciganos, fomos sempre malditos para o resto da humanidade. Foi assim sempre. Ninguém protestou quando fomos marginados, encarcerados, violados ou espoliados. Permitiram que nos aniquilassem que violassem as nossas mulheres e que abusassem de nossos meninos.

Josef olhou a seu pai e assentiu com a cabeça. Parecia estar orgulhoso de seu progenitor. Elizabeth sentiu o amargo sabor da bÍlis em sua garganta. Não podia acreditar no que via.

—Nasci durante os anos da purgação racista em Boêmia, antes que essa zona fosse parte da República Tcheca. Os ciganos foram à escória da sociedade, os mais marginados. A minha mãe a espancaram, a meu pai o assassinaram como a um rato e atiraram seu corpo ao rio Labe. Prometi-me nesse momento que seria alguém capitalista e que chegaria a vingar suas mortes. Converti-me em aprendiz de outro vampiro e cheguei a ser o líder que sou agora. Esse poder foi o que me deu a imortalidade e a extrema crueldade foi a que me manteve em minha posição. Depois chegaram os nazistas - continuou Lad. Todos fecharam os olhos para não ver o que acontecia. As cinzas que saÍam das chaminés de Auschwitz eram cinzas humanas, sobre tudo judeus e ciganos. Estiveram a ponto de nos exterminar a todos.

Lad se inclinou sobre ela.

—Agora, usará seu poder como vidente para ser testemunha do que ocorreu. Verá o que o mundo não quis ver.

Segurou seu rosto com as duas mãos. Depois colocou suas palmas frias sobre as pálpebras, forçando-a a fechá-las.

Elizabeth apareceu de repente ali.

—Por favor - dizia uma mulher morena com belos olhos verdes a um dos guardas. Por favor, permitam que minha filha viva. Farei algo, algo.

Sua voz estava carregada de significado. Estava disposta a lhes oferecer o único que ficava.

O guarda nazista riu dela.

—Claro que o fará maldita. Não porque tenha nada que mereça salvar a vida de sua filha. Essa vida não vale nada - disse enquanto cuspiu à menina na cara.

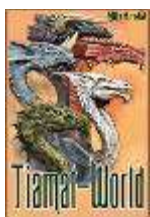
A pequena, com uma beleza idêntica a de sua mãe, levava um casaco sujo e velho. Com tantos emplastos e descosturados que apenas podia identificar como casaco.

—Fará o que eu queira porque o digo eu, não em troca de nada.

—Sim, senhor - repôs a mulher sem poder deixar de tremer.

—Ponha de joelhos como um cão, que isso é o que é! gritou o homem.

A mulher caiu ao chão e ficou de joelhos. Mantinha a cabeça agachada e não podia deixar



de chorar. O oficial nazista se desabotoou seu brilhante cinturão negro e baixou a cremalheira. Tirou seu membro viril e o pôs na cara. chupa-o disse.

A mulher obedeceu e fez o que lhe ordenou o homem como se fora uma prostituta ou algo pior. Teve que fazê-lo frente a sua filha, que agachou à cabeça.

—Quero que ela olhe! gritou-lhe à menina.

A pequena devia ter uns doze anos e era magra e desengonçada. Levantou a cabeça e olhou a sua mãe. A mulher não podia controlar as náuseas e começou a afogar-se. Não podia fazê-lo. Era muito difícil. O impedia a vergonha, a dor e as lágrimas. Acabou vomitando.

O oficial alemão baixou o olhar com horror ao ver que tinha manchado seu membro e suas botas. Rugiu com força, afastando-se horrorizado da mulher. Tirou um lenço da jaqueta, limpou-se e voltou a grampear-se. Depois agarrou à mãe pelo cabelo e a empurrou até lhe enterrar a cara em seu próprio vômito.

—Vê isso? Vê isso, maldita zorra? gritou-lhe.

—Sinto muito, sinto-o muito... rogou-lhe a mulher chorando. Por favor, senhor. Por favor...

Deu-lhe um forte soco no estômago e a mulher começou a sangrar pela boca. Era um autêntico desastre. Sua filha começou a gritar e o oficial a esbofeteou.

—Silêncio, porca cigana!

Voltou a golpear a mulher. Fez-o uma e outra vez. Ela gemia, cheia de dor. Dava-lhe socos no estômago e no rosto. Elizabeth viu como lhe saltavam os dentes.

A menina não podia deixar de chorar, mas tentava não fazer ruído. De vez em quando lhe escapava um soluço e o oficial nazista voltava a fazer o mesmo. Esbofeteava-a e depois amassava com mais força a sua mãe. Havia sangue por toda parte, mas a mulher seguia com vida.

O homem se agachou e lhe levantou a cabeça.

—Quero que ouça isto, zorra - lhe disse com voz desumana. Vou violar a sua filha agora mesmo, e depois lhe pegarei um tiro na cabeça. Todos seus esforços para salvá-la foram inúteis. Inúteis como são todos vocês, os ciganos.

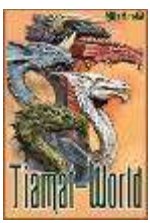
Ladislav olhou a seu redor na caverna onde seguiam colocados. Começava a penetrar a fumaça pelas frestas, mas ainda podia olhá-la aos olhos.

Elizabeth não parava de chorar. O que estava vendo em sua mente era a pior cena que podia haver-se imaginado. Só havia dor e humilhação.

—Sinto-o muito, Lad. Sinto muito que ocorreu a sua gente. Mas eu não sou um deles.

—O mundo ficou calado. Não lhes importou que matassem os judeus, os ciganos, os homossexuais... Olharam para outro lado até que sofreram o bombardeio do Pearl Harbor. Então sim que reagiram. Mas já era tarde. Minha família cigana... Nunca mais! Não permitirei que voltemos a ser vítimas! Poderia ter matado a meu filho quando o encontrei ali, escondido naquele baú. Ofereci-lhe também que se convertesse em vampira, queria salvá-la da morte. Ela se negou, mas seus olhos a traíram quando olhou de esguelha esse baú; assim soube onde tinha escondido ao menino.

Elizabeth olhou ao Josef para ver se mostrava dor ou algum tipo de emoção, mas não havia



nada em seus olhos. Nem sequer em ouvir o que Lad estava contando sobre aquela terrível noite.

—Não quis matá-lo porque embora soubesse que, como dhampir que era, poderia chegar a voltar-se contra mim, também entenderia com o tempo o incrível presente que supõe a imortalidade. Os vampiros gozam de uma força sobre-humana. Além da capacidade de nos curar de maneira espontânea. E, o mais importante de tudo, estamos livres de toda dor. Assim foi como entendi que aceitaria ficar aqui a meu lado.

Lad se aproximou e a olhou aos olhos.

—Livre de toda dor - repetiu. E viu sua dor, verdade?

Elizabeth tragou saliva e assentiu com a cabeça.

—Deixe que adivinhe, faria algo que estivesse em sua mão por lhe evitar esses terríveis dores, não? —disse-lhe o vampiro burlando-se dela.

Elizabeth assentiu de novo.

—O mais irônico é que eu posso lhe tirar essas dores. Eu, que sou seu pai. A imortalidade o curará de maneira foto instantânea, liberando o de toda dor. Mas eu sou o único que posso lhe dar esse dom. Suas dores têm feito que queira morrer, mas eu posso lhe oferecer vida eterna sem sofrimento.

Ajoelhou-se a seu lado.

—Está disposta a aceitar o presente de uma vida eterna ao lado do Josef? Ele não sofrerá nunca mais. Pense-o bem - lhe sussurrou ao ouvido.

Ela afastou o rosto.

Estava disposta a algo por ele. Quase a algo. Não podia escolher converter-se em um deles, vivendo toda a eternidade clandestinamente como os ratos e alimentando-se da carne de outros. Isso não lhe parecia vida. Era outro tipo de dor e era para sempre.

—Meu filho, vem - disse Lad.

Josef se aproximou.

—O que tem que lhe dizer a sua esposa de sangue?

Josef se pôs a rir e disse:

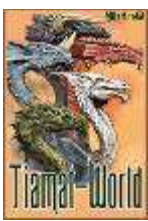
—Imagino que estaria cansada muito em breve de estar com um inválido como eu, de cuidar de um homem aleijado.

Elizabeth não queria chorar, não podia fazê-lo. Sabia que o homem que falava não era o Josef que conhecia e amava. Parecia claro que Ladislav tinha conseguido enganá-lo de algum jeito, como o tinha feito com David. Pensou que possivelmente esse homem tinha mais controle sobre seu filho do que podiam ter imaginado. Mas, embora não quisesse chorar, não foi capaz de afogar os soluços nem evitar que as lágrimas rodassem por suas bochechas e caíssem à fria laje.

Lad parecia encantado.

—Teremos uma cerimônia e meu filho a tomará como esposa, sua esposa de sangue - anunciou com grande satisfação.

Elizabeth sacudiu a um lado e outro a cabeça, não podia suportar por mais tempo essa situação.



—Josef, por favor - lhe rogou. Mate-me. Mate-me e acaba com tudo isto. Como lhe pediu a mãe superiora ao pai Petrochka naquela carta... Pediu-lhe que a matasse se a encontrava convertida em uma dessas criaturas. Por favor, Josef. Mate-me e deixa que vá com meus pais, com sua própria mãe. Não me transforme em um deles...

Logo que pôde terminar de falar. As lágrimas a afogavam e a garganta não lhe permitia pronunciar uma palavra mais.

Deu-lhe a impressão de ver um pouco de compaixão nos olhos do Josef, mas só durou um segundo. Olhou depois a seu pai com um olhar assassino e frio.

—Meu filho - exclamou Lad. Esta noite reforçaremos nossa linha de sangue.

Josef estava ao lado de seu pai. Eram muito parecidos. Lad não envelhecia e poderiam ter passado por irmãos.

—Esta noite, tomará uma esposa e superarão a morte juntos. Renascerão perfeitos e imortais. Assim seremos uma família completa e muito mais poderosa. Reinaremos juntos, unidos por nossos laços de sangue.

Josef se ajoelhou a seu lado e tomou a adaga que descansava sobre a laje. Elizabeth queria fechar os olhos, mas estava muito furiosa para fazê-lo. Também estava aterrada, mas a ira podia com ela. Não ia fechar os olhos, ia obrigar ao Josef a olhá-la enquanto a convertia em vampira, obrigá-lo-ia a ver dentro de seu coração.

Então ele se deitou em cima dela, cobrindo seu corpo. Tinha a mão a um lado de seu pescoço.

—Isso, Josef. Bebe, converte-a em um de nós - lhe ordenou Lad.

Josef gritou de repente, e enterrou a boca em seu pescoço.

Elizabeth viu a adaga ao lado de seu rosto. Sabia que lhe ia doer muito e tentou preparar-se para isso. Mas não sentiu nada. Provavelmente a adrenalina a estava protegendo e evitando que sentisse dor.

Josef seguia em cima dela, e levantou então o rosto.

Elizabeth gritou com força ao ver o sangue que saía de sua boca e lhe caía em cima.

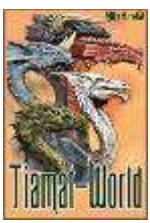
Aquele homem era filho de um vampiro, um filho do sangue, e estava segura que acabava de convertê-la em sua esposa.

Capítulo 24

—Faz que se cale! gritou- Ladislav ao Josef.

Elizabeth seguia chiando. Estava coberta de sangue e completamente aterrada. Perguntou-se se estaria convocando-se. Não sentia dor, apesar do que Josef acabava de lhe fazer. Não entendia nada.

Mas então, com um único e rápido movimento, Josef rodou sobre a laje e, com a adaga na



mão, ficou em pé e a cravou em Ladislav no peito. Ouviu um som indescritível e nauseante e o terrível grunhido do Ladislav.

—Miserável! uivou o vampiro com força. Poderia ter conseguido a imortalidade!

Elizabeth os olhava horrorizada. Pareciam-se tanto que era como ver o Josef assassinando a seu irmão gêmeo. Ladislav se retorceu completamente, os músculos se esticaram. Josef tinha conseguido lhe atravessar o coração.

Elizabeth tinha tanto medo que não podia deixar de chorar. Viu como Ladislav dava um último e terrorífico uivo, parecido ao de um lobo, mas mais como o de um falcão. O som a atravessou por dentro.

—E isto é pelo que fez a minha mãe disse Josef enquanto retorcia com força a adaga e depois a extraía do vampiro.

Os olhos do Ladislav se voltaram vermelhos e líquidos. Os outros vampiros pareciam estar fora de si. Sua líder havia morrido diante de seus olhos, envelhecendo e enrugando-se até converter-se em um punhado de cinzas.

Josef ameaçou ao resto das bestas com a adaga.

—Se afastem antes de acabar como ele.

Os vampiros voltaram acovardados a seus ocos na parede de pedra, mas os sons que faziam eram horripilantes.

Elizabeth sentia contínuos calafrios e não podia deixar de tremer. Não entendia o que acabava de passar.

Josef se ajoelhou a seu lado e a beijou na frente.

—Lad morreu - lhe disse enquanto usava a adaga para cortar as correias que a sujeitavam à laje de pedra.

Abraçou-a e esfregou com cuidado suas bonecas para que recuperasse pouco a pouco a circulação. Doía-lhe todo o corpo.

—Sinto muito, Elizabeth. Quero-te. Sinto te haver assustado. Tinha que obter que Lad acreditasse que aceitava seu plano e ia tomar-te como esposa de sangue. Não podia deixar que visse o que de verdade sentia, por isso nem sequer a olhava nos olhos. Se o tivesse feito, Lad teria intuído meu amor por você. Esse homem esteve no lado escuro muito tempo. Era muito preparado, muito maligno.

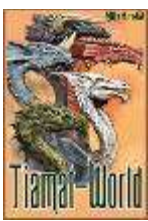
Ela assentiu com a cabeça enquanto tentava entender tudo. O coração lhe pulsava com força e lhe custava respirar.

—Sinto ter duvidado de você - respondeu sem deixar de olhá-lo nos olhos. Mas não entendo o que fez comigo - adicionou ao ver que estava coberta de sangue.

Josef levantou a palma da mão e lhe mostrou o profundo corte que tinha ali.

—Fiz-me isto com a adaga enquanto me inclinava sobre você. Levava um bom momento com o braço baixado para me assegurar de que houvesse bastante sangue na mão. Não estava disposto a deixar que esse monstro suspeitasse nada.

Por fim suspirou aliviada e tentou acalmar-se.



—Pensei que te tinha perdido - lhe confessou com emoção.

—Que me tinha perdido? Estive com você todo o tempo, meu anjo. Mas sua alma...

—Nunca - disse Josef com firmeza.

O clã de vampiros uivava sem parar e não a deixavam pensar com clareza. Apenas podia mover-se, possivelmente por culpa do trauma que acabava de viver. Mas não podia deixar que isso a invalidasse, não quando Josef a necessitava forte e segura para poder sair dali com vida.

Concentrou-se um instante para pensar.

—David! exclamou.

Foram juntos até onde estava seu irmão. Elizabeth o levantou para sentá-lo. Piscou um pouco, mas parecia estar totalmente inconsciente.

Acariciou com ternura sua bochecha.

—Por favor, David. Sou eu, Lizzie. Acorda.

Josef o sacudiu um pouco para tentar que recuperasse o conhecimento.

—Teremos que arrastá-lo.

Mas era complicado fazê-lo. Pesava muito. Josef tentou arrastá-lo, mas não puderam avançar mais de um par de metros. Se não conseguiam despertá-lo logo, não iam poder sair dali com vida. Não só tinham o perigo dos vampiros, também podiam padecer por inalação de fumaça.

Elizabeth pensou de repente em algo que podia ajudá-los.

—Volto já Josef.

—Aonde vai?

—Um minuto - lhe disse.

Foi pelo corredor que levava a cela onde a tinham encerrada. Tocou às cegas no chão, era de terra e estava talher de baratas e sujeira. Tomou um punhado dessa terra e a cheirou. Tal e como imaginou lhe encheram os olhos de lágrimas. Tomou um pouco mais em suas mãos e correu de volta à caverna. Josef estava ali ameaçando aos vampiros com sua adaga para que não se aproximassem.

Ajoelhou-se ao lado de seu irmão e sujeitou a terra sob seu nariz. Josef a olhava perdido.

—É a amônia dos excrementos dos morcegos! Isto conseguirá despertá-lo...

—Boa ideia!

David piscou de novo e reagiu violentamente ao aroma da amônia. Tinha náuseas, mas despertou.

—Meu Deus! exclamou enquanto olhava confuso a seu redor.

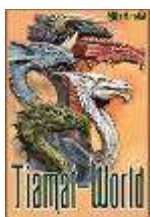
Parecia muito desorientado.

—Sou eu - lhe disse Elizabeth. Temos que ir, David. Venha, terá que escapar daqui. Pode te pôr de pé?

David assentiu com a cabeça, mas estava muito débil.

—Que demônios pusestes no meu nariz, Lizzie?

—É melhor que não saiba...



Ajudou-o a ficar em pé e os três saíram juntos dessa sala de torturas e sacrifícios. O corredor estava cheio de fumaça e lhes chegavam os horripilantes sons dos vampiros gritando e os ratos.

—Por onde vamos? perguntou ao Josef.

Sentia que se afogava, faltava-lhe o ar. O túnel era estreito e cansativo e havia fumaça por toda parte.

—Me sigam muito de perto - lhes indicou Josef.

Os gêmeos foram atrás dele, sorteando os obstáculos e agachando a cabeça cada vez que passavam os morcegos. Ao final desse corredor Josef seguiu pela direita. Ali começava outro túnel e ao final havia uma escadaria de madeira e corda.

—Acredito que essa escada conduz ao castelo. Vamos.

Correram pelo corredor até a escada.

Elizabeth olhou por cima do ombro e viu que ao menos uma dúzia de vampiros tinham tido a mesma ideia que eles para sair desse labirinto em chamas.

—Josef já estão muito perto!

Subiu ele primeiro, seguiu-o ela e, por último, David. Saíram ao que parecia uma habitação da fortaleza. Olhou a seu redor. Deu-se conta de que, em seus tempos, devia ter sido um grande castelo, mas só ficavam ruínas sob as que se escondia o mal.

Alguém tinha pintado em uma das paredes uma cena alegórica que parecia tirada do inferno.

—Me tragam esses livros! Depressa! indicou-lhes Josef.

David e ela começaram a reunir os velhos livros poeirentos que enchiam as estantes dessa sala. Josef fez uma pilha com eles e acendeu o fogo. As chamas se estenderam até o alçapão pelo que tinham saído do túnel. Começaram a lançar os livros por ali tão rapidamente como podiam.

—Necessitamos um fogo ainda maior - lhes disse Josef.

David seguia acumulando livros enquanto ela tentava encontrar algo que lhes servisse de combustível. Estudou as paredes da sala. A lua se elevava no céu, mas logo que entrava luz pelas estreitas janelas. Seguiu procurando com cuidado e seus esforços se viram premiados quando encontrou um abajur de azeite. Deu-lhe a impressão de que ficava querosene dentro.

—Encontrei algo! gritou.

Levou o abajur ao Josef, que tinha tirado a escadaria do túnel. Podiam ouvir os gritos dos vampiros que seguiam abaixo. O pânico começava a dominá-los.

—Se afastem! gritou-lhes Josef enquanto atirava o abajur no túnel.

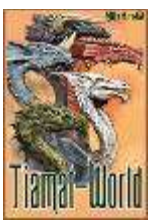
Grandes línguas de fogo saíram ao momento pelo alçapão. O calor era insuportável.

—Temos que sair daqui, por favor - lhes pediu ela.

Deixaram atrás a sala e saíram em direção a um corredor. Estava ainda com antigos tapetes orientais. Todo o castelo cheirava a mofo e umidade.

Chegaram a outra sala. Uma das paredes estava em ruínas e sentiram o frio da noite.

Elizabeth não pôde evitar estremecer-se. Ainda ficava uma última e dura etapa. Deviam



baixar essas montanhas para ficar a salvo. E não tinham já nem comida, nem flechas nem roupa quente.

Josef se aproximou da parede roída e olhou por ali.

—Podemos sair por aqui - lhes disse. Mas não vai gostar.

Aproximou-se até onde estava Josef e olhou. E olhou mais abaixo.

Sim, era uma maneira de escapar do castelo, mas dava a um precipício. Qualquer tropeção podia significar a morte.

—Tem medo de altura? perguntou-lhe Josef.

Elizabeth negou com a cabeça. Depois de tudo pelo que tinha passado, estava segura que não voltaria a ter medo de mais nada.

Capítulo 25

Josef foi o primeiro a sair pelo buraco da parede. Pegou as costas à parede do castelo e foi caminhando muito lentamente, passo a passo, pelo saliente de pedra. Os gêmeos o seguiram depois.

Foram muito devagar e com muito cuidado. Quando tentava acelerar um pouco o passo, escorregava em alguma pedra ou perdia o equilíbrio um momento. Deu-se conta de que era melhor não arriscar-se.

Tinha passado muito mal na caverna, quando teve que enganar a Elizabeth para seguir adiante com seu plano. Doía-lhe havê-la assustado como o fez. Observou-a enquanto percorria a o túnel com decisão e valentia.

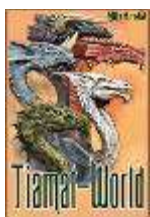
Não queria nem pensar nas horas de tortura que tinha passado na guarida dos vampiros até que ele chegou nem em tudo o que lhe teria passado pela cabeça. Tampouco podia imaginar-se quanto teria sofrido David durante esse tempo.

Tinha sido uma autêntica comoção dar-se conta de que Ladislav tinha usado a conexão especial que tinham os gêmeos para conseguir que ele fosse à guarida.

Tinham estado equivocados desde o começo. E esse engano tinha estado a ponto de lhes custar a vida. Mas ele nunca teria podido ocupar o posto de seu pai à frente do clã. Dava-lhe repugnância pensar sequer nisso. Mas, como não tinha sabido onde estava encerrada Elizabeth, tinha tido que fingir aquiescência com o maquiavélico plano de seu pai biológico. Tinha tido que enganar ao Ladislav para salvar a Elizabeth.

Depois, quando o matou, tinha tido a satisfação de lhe fazer um pouco mais de dano retorcendo a adaga em vingança pelo vil assassinato de sua mãe. E também para vingar seu pai, o seu pai verdadeiro, o detetive da polícia que cuidou e criou com grande carinho.

Elizabeth tinha estado certo ao lhe dizer desde o começo que a parte escura que tinha herdado de seu pai biológico não representava sua verdadeira natureza, a não ser só uma



pequena parte. Ele não podia permitir que o convertessem em vampiro. Amava a luz e o bem. E, mais que nada no mundo, amava a Elizabeth.

Os três começaram a descida. Tinha que levá-los até algum lugar seguro nas montanhas até que chegasse a luz do dia. Não queria afastar-se muito do castelo até ser consciente de que a guarida e todos seus habitantes tinham padecido ali dentro e para sempre.

Detiveram-se quando chegaram a um ponto do túnel um pouco mais largo. Estirou os músculos das costas para tentar aliviar a dor que sentia na coluna.

—Estão bem? perguntou aos gêmeos.

David esfregou as mãos e exalou sobre elas para entrar em calor.

—Não há nada como estas temperaturas baixo zero para limpar a mente - disse.

—Estou gelada, mas bem - respondeu Elizabeth. Prefiro estar ao ar livre do que ali dentro, ao menos não há fumaça nem aromas pestilentos.

Josef lhes assinalou com a mão um atalho esculpido na rocha.

—Baixaremos por aqui até chegar a essas rochas plainas - comentou. Acenderemos um fogo e nos asseguraremos de que morreram todos. Não quero ver nenhum vampiro nunca mais.

David e Elizabeth assentiram com a cabeça.

Baixaram até as rochas. Estavam cobertas de gelo e musgo. Ele começou a procurar um pouco de lenha e acendeu um pequeno fogo. Elizabeth alargou as mãos para as chamas para esquentar-se. Suas unhas estavam manchadas de sangue e terra e seus dedos arranhados.

Josef observou seu rosto, iluminado pela cálida luz do fogo. Gotas de sangue manchavam sua garganta e seu peito. Tinha olheiras e parecia muito cansada. Estava desejando voltar para a estalagem e poder descansar e recuperar-se.

Mas esse pensamento fez que se lembrasse do Zoltan e Anna. Esperava que estivessem bem.

Observaram juntos como as chamas consumiam pouco a pouco o castelo. Saíam chamas por suas estreitas janelas. De vez em quando, podiam ver alguma silhueta escura correndo de um lado a outro, mas não saiu dali nenhuma criatura. Nem morcegos, nem lobos nem vampiros.

Ficaram vigiando toda a noite. Durante essas horas, o céu passou de estrelas a tingir-se de arroxado. Depois se voltou cinzento e, por fim, chegou o amanhecer com seus alegres tons rosáceos.

—Impressionante verdade? murmurou David. Por isso é pelo que vim aqui...

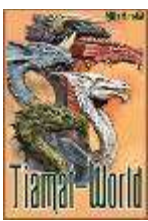
Elizabeth assentiu com a cabeça. Depois olhou para o castelo.

—E essa é uma visão ainda mais bela - disse ao ver que tinham vencido a batalha.

Saía fumaça ainda do castelo, mas estava muito mais escuro que a primeira vez que o viram e os vampiros não tinham dado sinais de vida.

Josef assentiu para ouvi-la. Tinha-o feito, tinha-o conseguido. Tinha conseguido destruir o império do mal criado pelo Ladislav.

—Será melhor que nos ponhamos em marcha. Se tivermos sorte, pode que cheguemos à estrada principal antes que anoiteça. Sem comida nem equipamento, vai ser um dia muito duro e



frio.

Ficou em pé e tirou o pulôver.

—Vista isto, Elizabeth.

—Obrigado - lhe disse ela ao aceitar o objeto.

O pôs e empreenderam a marcha.

Não era um caminho fácil. A neve cobria tudo e fazia muito frio. Josef sentia que começa a congela os dedos de seus pés e estavam adormecendo as mãos por culpa da artrite e do frio.

Encontraram-se durante a baixada com um ninho de pássaros cheio de pintinhos. Pouco depois, suas pegadas assustaram a uma cerva, que escapou saltando com sua cria. Esses sinais de vida, os sons do bosque, davam-lhes a esperança que tanto necessitavam para seguir adiante.

—Olhe! exclamou David de repente.

Assinalou-lhes um urso negro que passeava procurando comida entre as árvores. Estava a uns cem metros deles.

Josef sorriu ao vê-lo. Gostava de recuperar essa ideia que tinha do bosque. Era um lugar cheio de beleza, de vida e de natureza em estado puro. A primavera chegaria logo e haveria mais vida ainda nessas montanhas. Já não era o refúgio do mal.

Recordou com orgulho que estava na República Tcheca, no país de que tinha sido de sua mãe e sua família materna. Era a terra dos ciganos, de seus ancestrais, e desejava que o bem voltasse a reinar nessa região tão bela.

Não descansaram para comer porque não tinham nada que levar-se a boca. Tinham fome e estavam ao bordo de suas forças. Podiam aplacar a sede levando-se um pouco de neve à boca, mas não tinham nada mais.

Foram passando as horas e seguiram andando sem descanso. Estavam esgotados, física e mentalmente. Mas logo chegou a noite. Deviam estar a três quilômetros da estrada.

—Eu preferiria seguir andando - disse Elizabeth.

Josef também queria seguir e tentaram acelerar o passo apesar das dores que tinham e do cansaço.

Pouco depois, ouviram o motor de um carro.

—Meu Deus! exclamou Elizabeth. Chegamos à civilização!

Correram até chegar à estrada e ela levantou entusiasmada os braços.

—Graças a Deus! Por fim! gritou enquanto abraçava a seu irmão.

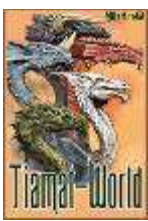
Depois foi para o Josef, rodeou-o com os braços e o beijou.

—Temos que chegar à estalagem - disse ele. Andemos pelo bordo da estrada. Talvez algum carro pare e nos leve.

Caminharam em direção à estalagem, embora soubessem que estavam ainda muito longe. Ouviram o motor de um carro atrás deles e giraram para vê-lo. Elizabeth fez gestos com os braços para pará-lo, mas o caminhão seguiu seu caminho.

—Maldito seja! exclamou Elizabeth.

Depois os olhou e estalou em gargalhadas.



—O que é o que te faz tanta graça? perguntou-lhe Josef.

—Se nos visse os três a um lado da estrada, pararia para nos recolher?

Olhou-a de cima abaixo. Sua juba estava completamente despenteada, parecia uma selvagem. Tinha manchas de sangue no rosto e no pescoço. David parecia um vagabundo que não tomava banho há um mês, e ele estaria tão pálido como sempre.

—Suponho que não - lhe respondeu com um sorriso.

Seguiram andando. Passavam carros de vez em quando, mas nenhum se deteve. Depois de uma hora de caminho, deu-se conta de que não deviam estar muito longe do veículo desmantelado que tinham usado Elizabeth e ele para ir a essas montanhas.

Em pouco tempo, deram com ele. Custou-lhes conseguir que arrancasse, mas no final conseguiram.

—Depressa, por favor - disse Elizabeth.

Já lhe tinham falado ao David sobre Anna e Zoltan e da fumaça que tinham visto sair de sua estalagem.

Deram-se conta de que o irmão da Elizabeth parecia ter episódios de amnésia, não recordava que o tivessem levado até ali os vampiros.

Josef conduziu tão rápido como lhe permitia o velho carro, que não era muito. Tratava de dar-lhe mentalmente para que não os deixasse atirados. A calefação não funcionava e os três seguiam tiritando.

Duas horas depois, chegaram ao desvio que chegava até a estalagem. Dali já viam que havia muitas árvores queimadas. Era um cemitério de cedros. Era um mau sinal, tudo parecia abandonado e destruído.

—Não! gritou Elizabeth com angústia.

Preparando-se para o pior, Josef girou na última curva. Devia-lhes muitíssimo a esse casal. Estava decidido a encontrar seus corpos e enterrá-los como mereciam.

Capítulo 26

Completamente desolada, Elizabeth nem sequer tentou controlar as lágrimas que não deixavam de brotar de seus olhos.

—Anna... sussurrou. Zoltan...

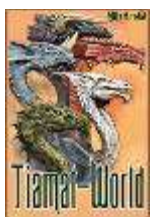
David, que ia no assento de atrás, aproximou-se dela e lhe acariciou as costas. Josef tomou sua mão enquanto entravam pelo caminho de cascalho que chegava à estalagem.

Era de noite e apenas se via o antigo convento. O aroma de fumaça persistia no ambiente.

—Olhe! gritou Elizabeth. A janela é a janela da vidraça...

Josef freou de repente sem poder acreditar o que via.

A estalagem seguia em pé. Puderam distinguir o resto dos edifícios da propriedade. Todos



tinham sido destruídos, mas a estalagem seguia ali, embora sua fachada estivesse um pouco enegrecida pela fumaça. Brilhando levemente na metade da noite escura viram o desenho do espinheiro na vidraça. Estava iluminado pelos abajures de querosene que Zoltan mantinha sempre acesos de noite.

Elizabeth saiu correndo do carro e foi até a porta. Golpeou-a com as poucas forças que ficavam.

—Zoltan, Anna! Somos nós! gritou desesperada.

Golpeou e golpeou até que lhe doeram os punhos. Josef lhe aproximou por detrás e a abraçou.

—Não servirá de nada, querida.

Mas então apareceu Mará do nada, ladrando e uivando.

—Não! gritou David assustado.

Ela alargou a mão para a loba para que se aproximasse e tranquilizou a seu irmão.

—Não passa nada, é do Josef. Pensávamos que havia se perdido no bosque.

Ouviram de repente alguém abrindo o ferrolho por dentro e se abriu a grande porta de madeira.

De pé na soleira, olhavam-nos o casal de anciões com suas batas postas e aspecto cansado.

—Obrigado Virgem Santa, obrigado Mãe de Deus! exclamou Anna enquanto ia para ela para abraçá-la.

A mulher abraçou também ao Josef e inclusive ao David.

—Meu Deus! Rezamos tanto... Não têm ideia. Inclusive convenci ao velho Zoltan para que rezasse o rosário comigo todas as noites.

Zoltan também os abraçou. Parecia muito emocionado.

—Entrem, venha, entrem. Preparar-lhes-ei pasteis e algum guisado. Também temos vinho tinto para que se aqueçam.

Essas palavras soaram a glória. Entraram todos na estalagem, que não parecia ter sofrido muitos danos.

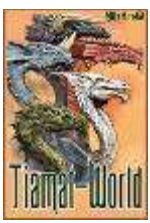
—O que ocorreu? perguntou-lhes Elizabeth em seguida.

—Vieram até aqui - respondeu Anna. Essas bestas prenderam fogo ao bosque. Podíamos ouvir seus uivos e gritos. Tentavam nos fazer sair daqui. Mas Zoltan me convenceu de que esta estalagem, que resistiu em pé durante tantos anos, poderia resistir à força das chamas.

Anna os levou até a cozinha e começou a preparar a comida enquanto Zoltan lhes servia vinho.

—Rezamos para que as boas monjas que aqui morreram ajudassem - lhes explicou o ancião—. A fumaça nos estava afogando. Molhamos toalhas e mantas e as colocamos por todas as portas e frestas, mas tudo o que podíamos ver pelas janelas eram as ferozes e ameaçadores chamas.

Elizabeth tomou um sorvo de seu vinho. Nada que havia bebido em sua vida parecia tão bem.



—E o que aconteceu? perguntou.

—Um milagre - lhe disse Anna. O vento trocou de direção e as chamas começaram a estender-se para onde estavam os vampiros, longe da estalagem. À manhã seguinte, já quase não ficavam fogos acesos ao redor do edifício, só no bosque.

—Pouco depois voltou Mará. Deitou-se na porta de entrada e esteve nos protegendo.

—Graças a Deus - sussurrou Elizabeth. Graças a Deus...

—E vós? Contem-nos o que passou durante estes dias - lhes pediu Anna.

O disseram tudo enquanto comiam com grande apetite.

—Sobreviveu minha cabana? perguntou-lhes Josef.

—As chamas trocaram de direção antes de chegar à cabana. Menos mal, porque todos esses arbustos de espinheiro teriam piorado muito as coisas.

Terminaram de jantar e beberam mais vinho.

Tinham muito sono.

Anna acompanhou ao David a uma habitação, onde pôde por fim tomar banho.

Josef e Elizabeth deram a todos a boa noite e foram andando até a cabana.

Quando separaram os ramos de espinheiro e Josef abriu a porta, Elizabeth se sentiu por fim segura. Segura de verdade, como não o tinha estado em sua vida. Sua existência até esse momento tinha sido complicada. Tinha crescido com a insegurança de viver condicionada pelo estado mental de seu pai e pelas contínuas mudanças de residência. Não se havia sentido de verdade segura até chegar a esse lugar e a esse momento.

Josef acendeu a chaminé e uma das estufas.

Depois esquentou água e encheu a banheira. Acendeu uma vela e a levou até ali.

—Perfeito - suspirou ela enquanto tirava rapidamente a roupa. Não me acompanha? perguntou-lhe uma vez dentro da banheira.

Josef sorriu, despiu-se e entrou dentro.

—Não acredito que ninguém tenha desfrutado tanto de um banho quente como nós dois agora mesmo - disse.

Ficaram dentro até que a água começou a esfriar-se. Lavaram o cabelo, ensaboaram-se e saíram muito mais descansados. Josef secou todo seu corpo com a toalha, e depois a abraçou.

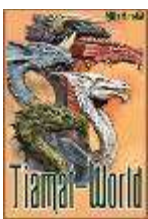
—Há algo que tenho que saber, teve medo de mim naquela caverna quando apareci com o Ladislav? —perguntou-lhe ele.

Elizabeth pensou bem antes de responder.

—Não, não tinha medo de você. O que me aterrorava era a capacidade que tinha esse monstro para controlar as mentes. Também sofri por culpa das visões que apareceram em minha mente. Nunca entendi seu grau de malignidade, mas ao menos pude ver a tragédia que havia detrás desse ódio pelas pessoas. Dava-me medo pensar no que Ladislav podia haver feito ao meu irmão e também temia que tivesse conseguido transformá-lo. Mas não, querido, não temia a você.

Josef a beijou e sentiu que a especial conexão que tinham era mais forte que nunca.

—Nunca te faria mal - lhe prometeu ele. Antes preferiria morrer.



Ela assentiu ao escutar suas palavras.

Josef a beijou no pescoço e acariciou seus ombros. Depois seguiu descendo por seu corpo.

Tomou-a nos braços e a levou assim até a cama.

—Ladislav pensava que era o sangue o que o fazia imortal. Mas eu acredito que o que temos nós... Isto sim que é para sempre.

Elizabeth segurou o rosto do Josef entre as mãos.

—Para sempre - repetiu ela.

Epílogo

—Querido! Vão chegar a qualquer momento - lhe gritou Elizabeth.

Josef entrou correndo no salão. Levava os braços cheios de presentes empacotados que foi colocando sob a árvore de Natal. Era uma bela árvore cheia de luzes brancas e belos adornos.

Sorriu ao vê-lo. Josef tinha um aspecto excelente e muito saudável.

Tinha retornado aos Estados Unidos com ele e com David. Seguia dando aulas como antes de sua viagem a Europa e Josef se concentrou em sua saúde. Tinha conseguido melhorar muito seus episódios de dor graças à comida sã e o descanso. Pensava que o mais importante era que tinha encontrado por fim a paz e que já não tinha que sair de noite para caçar vampiros.

David havia tornado a escrever e estava muito concentrado. De vez em quando, Elizabeth notava que ficava triste. As lembranças lhe afligiam quando estava cansado, mas tinha decidido mudar e viver em Charlottesville e tinha alugado um apartamento perto de onde viviam eles. Estava a ponto de terminar sua novela, uma história de aventuras sobre a batalha entre o bem e o mal.

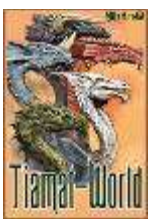
Tinham querido que Zoltan e Anna assistissem ao casamento que celebraram no verão, mas Zoltan tinha estado recuperando-se de uma bronquite e os médicos lhe desaconselharam à viagem. Casaram-se perto do Monticello, no topo de uma montanha. Ali haviam jurado fidelidade e amor eterno.

Olhou o anel de ouro e safiras que adornava sua mão esquerda. Envolta no pior pesadelo de sua vida tinha encontrado o melhor presente. Ficou em pé e olhou pela janela. As montanhas Bine Ridge lhe davam paz sempre que as olhava. Tinha estado nevando todo o dia, o fogo da chaminé esquentava o salão e o aroma do espinheiro que tinham plantado esse verão perfumava o ambiente.

Não viviam enganados, os dois sabiam que seguia existindo o mal. Havia outros clãs e muitos mais vampiros. Mas Ladislav já não podia atormentá-los.

Sabiam que teriam que enfrentar-se a mais batalha no futuro, mas antes tinham que descansar e restabelecer-se.

—Aqui estão! exclamou Josef.



Sorriu ao escutar na voz de seu marido o menino que havia sido.

Levantou-se do sofá. David tinha ido ao aeroporto do Richmond buscar a Anna e ao Zoltan. Foram passar duas semanas de férias nos Estados Unidos. Elizabeth estava desejando lhes fazer uma surpresa.

Josef abriu a porta da entrada.

—Que bonito! exclamou Anna ao ver seu lar. As fotos não lhe faziam justiça a sua formosa casa.

Ela também olhou a seu redor. A casa estava cheia de fotos, livros e lembranças. E logo ia se encher de mais vida ainda.

Anna a olhou então com a boca aberta.

—É isso...? perguntou a mulher.

Elizabeth assentiu com a cabeça e os dois anciões correram a acariciar seu volumoso ventre.

—Não posso acreditar nisso! exclamou Anna fingindo estar muito desgostada. Como é que não me haviam dito nada? Deveria lhes dar vergonha!

—Terão que voltar na primavera para conhecer bebê - disse Elizabeth com felicidade.

Josef se pôs a rir e a abraçou.

Ela o observou e pensou em sua mãe. Quando olhava as fotos que Josef tinha, imaginava como teria sido essa mulher. Encantava-lhe acariciar o encrespado cabelo de seu marido enquanto dormia e imaginava que sua mãe teria feito o mesmo quando era pequeno.

Sorriu e foi até a janela. Era a janela mais especial de toda a casa. A tinham encarregado a um artesão do Charlottesville. Era uma vidraça que representava um arbusto de espinheiro.

Acreditava que essa janela os protegeria e lhes recordaria que a paz em suas vidas era o mais importante.

O mais importante junto com a família que tinha formado.

Olhou-os a todos e sentiu ao bebê movendo-se em seu interior já sabiam que seria um menino. E estava convencida de que seria tão forte, formoso e valente como seu pai.

Fim...



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>